A GUATEMALA NO VERBO DE MIGUEL ANGEL ASTURIAS (NO SUPLEMENTO MESA-REDONDA)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 9 DE JANEIRO DE 1970 N.º 16 901 ANO 49.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA
1 X 2
TOTOBOLA

Violento terramoto no Sul da China

— confirma Rádio Pequim

HONG-KONG, 9 — (R.) — A China confirmou hoje ter-se registado um violento terramoto na província de Yunnan, no Sul do país, no princípio desta semana.

Transmitindo a primeira notícia oficial chinesa sobre o abalo sísmico, a Rádio Pequim anunciou, numa emissão captada em Hong-Kong, que os habitantes da província de Yunnan uniram os seus esforços para «lutarem contra o desastre».

O observatório real de Hong-Kong anunciou que o sismo, verificado na segunda-feira, foi «potencialmente destruidor» e que o seu epicentro se localizou perto de Kunming, cidade de um milhão de habitantes, a curta distância da fronteira entre a China e a Birmânia.

Segundo o observatório de Hong-Kong, o abalo atingiu uma intensidade entre os graus 7,5 e 8 da escala Richter. Os mais violentos terramotos desde sempre registados alcançaram um máximo de 8,9 pontos da mesma escala.

A Rádio de Pequim comunicou que o sismo abalou a parte sul de Yunnan á 1 hora local de 5 de Janeiro, atingindo uma magnitude de 7 na escala de Richter.

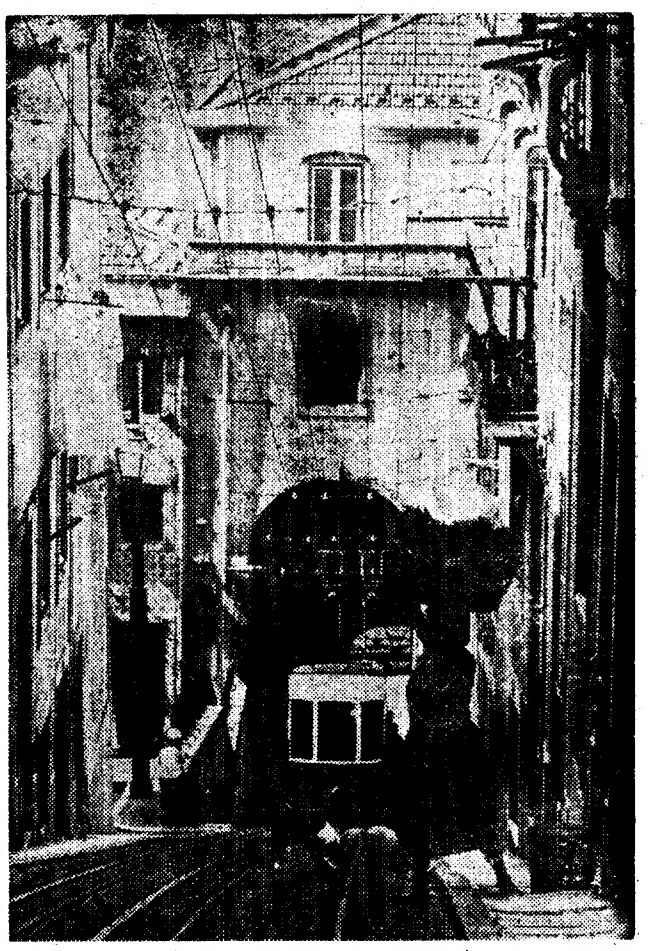
Kunming, uma importante ligação ferroviária com o Vietnam do Norte, está situada a cerca de 400 km da fronteira da Birmânia.

A China tinha permanecido silenciosa até agora acerca do terramoto, registado pela primeira vez em Hong-Kong á 1 e 3 locais

(Continua na ultima página)

O MAR VAI «COMENDO» A CAPARICA

O mar não desiste de «comer» o que resta da Praia de Caparica. Na madrugada de hoje, lá foi mais uma fatia com cerca de 40 metros de profundidade... (Ler na última página)



Na Bica, o ritmo da vida é, ainda hoje, marcado pelas viragens do elevador. Para cima, para baixo... Para cima, para baixo. Mas a Bica oferece características inconfundíveis, pela paisagem humana que a ambienta

(Reportagem na 2.ª página)

COM A REPETIÇÃO DAS GRAVURAS mais concorrentes vão participar na nossa iniciativa

LISBOA, nem pelo seu aspecto novo, que dia a dia se radica, deixa de conservar as características de paisagem humana, profundamente portuguesa, à maneira de sempre, ao velho gosto, mesmo em face dos problemas da mais grave actualidade. Lisboa, ciosa das tradições, apaixonada pelo tempo antigo, mas vivendo no bulício do seu milhão de habitantes, está cosmopolita e envolve uma cidade nova, onde se rasgaram artérias esplêndidas e a construção se desenvolve, num crescendo magnífico.

Os aspectos tradicionais e algumas das suas expressões como capital moderna estão documentados no «Album de Lisboa», a iniciativa que o nosso Jornal promoveu e tem sido acompanhada com o maior entusiasmo por muitos milhares de leitores, de Norte

(Continua na página seguinte)

HOJE 32 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

PUBLICAMOS NA 2.ª PÁGINA A GRAVURA N.º 29 DO NOSSO CONCURSO

HELDER CÂMARA PARA O NOBEL

CARACAS, 9 — (A. N. I.) — O secretário-geral da Conferência Latino-Americana dos Sindicatos Cristãos anunciou que apresentará a candidatura de mons. Helder Camara ao Prémio Nobel da Paz 1970.

Durarão três anos os cursos dos futuros Institutos Politécnicos

Ler na página central

«ÁLBUM DE LISBOA»

As escadinhas da Bica são como um grande e natural carroussel, onde a petizada inventa as suas aventuras. Ali brinca á vontade. Local para ter crianças só a Bica. Por cima das cabeças, roupa branca estendida pelas janelas, que, impudicamente, seca e denuncia intimidades

Album de Lisboa
Diário de Lisboa

Recorte e cole a gravura n.º 29 no espaço marcado na caderneta

Todos os assuntos referentes ao Concurso deverão ser tratados na RUA CASTILHO, 185-1.º — Telefs.: 65 45 33/65 45 34

OS «STANDS» GAZCIDLA DE LISBOA

Os «stands» da Cidla, integrados na campanha «Gazcidla no seu bairro», e as zonas que servem:

ALCANTARA	— Largo do Calvário, 12-C
ALECRIM	— Rua do Alecrim, 77
ALFAMA	— Rua de S. Miguel, 5
ALVALADE	— Rua José Duro, 27-C.
ARROIOS	— L. Mendonça e Costa, 9-C
AVENIDAS NOVAS	— Av. Miguel Bombarda, 56,A
BAIRRO ALTO	— Rua da Atalaia, 131
BENFICA	— Rua Emília das Neves, 4-B
BOA HORA	— Trav. da Boa Hora, 30-D-E
CAMPO DE OURIQUE	— Rua Infantaria, 16-57-A
CAMPOLIDE	— Rua de Campolide, 94-C
GRAÇA	— Largo da Graça, 63-D
LUMIAR	— Pr.ª Alexandre Ferreira, 32
MADRAGOA	— Rua da Esperança, 134
OLIVAIS	— Rua Cidade de João Belo, lote 86-Lj. B
REGO	— Rua da Beneficência, 61 (a inaugurar brevemente)
24 DE JULHO	— Avenida 24 de Julho, 94-A

Em todos estes «stands» encontrará pessoal especializado para prestar assistécia técnica, exposição permanente dos mais modernos modelos de material de queima e pronto fornecimento de gás — com rapidez, eficiência e simpatia.

A REPETIÇÃO DAS GRAVURAS

(Continuação da pág. anterior)

a Sul do País, que ficando possuidores de textos e gravuras da cidade, e a conhecer pormenores históricos que ignoravam, estão, também, habilitados a óptimos prémios, de grande valor e utilidade, entre os quais se salientam um confortável apartamento mobilado, num dos blocos já construídos em Miratejo, a cidade-panorama, pela Realimo, S. A. R. L.; e um magnífico automóvel «Toyota», modelo «Corolla 1100», de que são representantes Salvador Caetano, S. A. R. L. e distribuidores, em Lisboa e no Porto, Transmotors, S. A. R. L.

ALBUNS À VENDA EM LISBOA

Independentemente de todas as localidades onde pode encontrar-se, o «Álbum de Lisboa» está, também, à venda em todas as tabacarias revendedoras do nosso Jornal e, igualmente, nos nossos vendedores de rua. Cada exemplar do «Álbum de Lisboa» importa em 2$50 e ficará sempre propriedade do concorrente, que poderá participar na nossa iniciativa com quantos exemplares quiser. Ampliam-se, pois, as possibilidades de concorrer. Evidentemente, os concorrentes que assim quiserem, podem solicitar o envio de Álbuns directamente aos nossos serviços da Rua Castilho, 185-1.º

A REPETIÇÃO DAS GRAVURAS COMEÇA NO DOMINGO

Atendendo inúmeras solicitações que nos foram dirigidas de todos os pontos do País, e por se encontrarem esgotados vários números do Jornal, o que obrigaria a novas tiragens, decidimos fazer a repetição de todas as gravuras do nosso concurso, à razão de duas por dia. Permitimos, assim, a muitos concorrentes a possibilidade de participarem na nossa iniciativa com mais do que um «Álbum de Lisboa», aumentando as possibilidades de possuírem um dos óptimos prémios. A repetição das gravuras começa já no próximo domingo. Os pedidos para a remessa de Álbuns para qualquer ponto do País devem ser dirigidos aos nossos serviços da Rua Castilho, 185-1.º, em Lisboa, que prontamente os atenderão.

BICA: GAIOLA ONDE O POVO CANTA

ORA POIS: A BICA — a Bica que não é um bairro, nem um lugar, nem uma rua. A Bica é um sítio.

A Bica é uma nesga de casario que teve de abrir risco ao meio para deixar passar o elevador.

Mas, bem, comecemos pelo princípio: os limites. A Bica fica metida, a todo o comprimento e largura, num rectângulo inclinado — vá lá: descaído — entre a «alta» do Calhariz e a «baixa» de São Paulo. De lado, as cunhas, que não deixam a Bica estender os braços para fora das suas dimensões, são a Rua das Chagas, que a encosta ao Loreto, e a Rua Marechal Saldanha, que a une a Santa Catarina.

A Bica é, pois (em imagem, é evidente) uma fatia cortada no bolo da colina do Bairro Alto, que nem chega ao topo da elevação, nem se insinua até ao Tejo, que, lá em baixo, é Ribeira, cais de pesca, lota de pescado. A Bica é o primeiro degrau da cidade que sobe do rio, o último de quem a desce a caminho da margem velha.

Por 20$00 leia
A Brasileira
TINTIM POR TINTIM
Um humor diferente!

PRIMEIRO: AS CRIANÇAS

Ora pois: a BICA! Dum lado, o Chiado, que sempre foi burguês, lojeiro, vendedor de ilusões; doutro lado, o alto de Santa Catarina, fidalgo, cartoleiro, novo-rico. E, no meio, a Bica: popular, desamaneirada, rufia, brigona, arregaçada, trabalhadora.

A Bica é uma gaiola onde o povo canta, sem se deixar contaminar pelo ar convencional da vizinhança.

A Bica é sítio de gente pobre. E lugar de gente pobre é local de roupa branca estendida pelas janelas, que impudicamente seca e denuncia intimidades, mas também é coito de criançada pelas ruas. E local para ter crianças só a Bica!

Com as casas pequenas e as ruas estreitas, a petizada tem um grande e natural carroussel á sua espera: as escadinhas. Lá saltam e riem e brincam. Lá, inventam as suas aventuras. Lá são da rua, que é de quem mais é o Povo.

É verdade. As escadinhas da Bica, com degraus de pedra e sem balaustradas incómodas são os grandes parques de diversão da gente-miuda. Lá, descobriram um jogo de perícia e de perigo para os não-iniciados. As crianças ricas doutros bairros não têm esse gosto; têm só brinquedos comprados.

É assim. Mal chega o tempo seco, com um cheirinho a Primavera que lá nem se sente, começa a brincadeira.

A miudagem ripa tábuas, de caixote ou velhas gavetas desmanteladas, e apara-as. Pule-as. Ensebam-as. Depois, abre-lhe dois buracos numa ponta, passa-lhe uma corda, como se fosse uma rédea, e leva os seus cavalos-lisos de madeira até ao alto das escadinhas — seja do lado das Chagas, seja do de Santa Catarina. Em seguida, senta-se. Endireita-se. Ampara-se. E começa a escorregar.

Fazem corridas. Assustam os passantes. Dão trambolhões. Rasgam os fundilhos. Respondem, em casa e á bofetada, pelos estragos. Mas que tem isso? A brincar fazem-se fortes, possantes, destemidos. Homens para um outro amanhã, que é de trabalho duro.

EM TEMPOS QUE JÁ LÁ VÃO

Ora, pois: a BICA! Em tempos que já lá vão, os meninos, lançados nas sortes do escorregar das escadinhas, tornavam-se homens valentes. A rufiagem sempre cultivou a valentia. A Bica sempre teve os seus heróis populares. Isto, quando o Rufia era uma instituição e a ética era o ponto de honra do malandro.

Nesse tempo, que não vai muito longe, Lisboa procurava «o mais valente» e, nesse particular, a Bica sempre deu cartas. Era um baralho de rufiagem.

Por essa altura, os mais pobres tinham uma safa: os trabalhos pesados; a vida-madrasta; quase sempre o mar.

A Bica deu muitos marinheiros e, no seu correlativo, os marítimos de água-doce: catraeiros e calafates.

Ora foi um destes, o homem de maior fama, na Lisboa rufia do começo do século: o Marujinho da Bica.

Vá lá uma história desse tempo.

Dizem que o Marujinho da Bica não passava dum catraeiro da Ribeira que petingava peixe na lota e safava umas pastas á marinhagem estrangeira que batia o porto e as «docas secas» do Bairro Alto.

Consta que, muito novo, deu o salto para a América, num cargueiro lento. Escondeu-se numa baleeira. Desembarcou de «golfa». Lá, fez tudo o que faz um homem valente que não se deixa vencer pelas leis que só protegem os outros. Diz-se que viveu com uma ladra, destas que os americanos inventaram para uso de Hollywood, com «unha na palma da mão». Mas, bem, seja como for, o Marujinho da Bica regressou e foi desaguar no seu bairro — no seu sítio.

E, aí, começou a sua história. Valente, ágil, hábil na pancada, o Marujinho da Bica começou a andar, de bairro em bairro, a desafiar os que tinham fama de valentes e a demonstrar-lhe que, na Bica, o eram mais.

Saiu sempre vencedor deste torneio popular, até que se retirou, sem derrotas, como hoje se diz em termos de desporto. Mas o Marujinho deixou sucessor. Agarrou um rapaz do sítio, desses do escorrega-escorrega das escadinhas, e tneinou-o para ser valente.

Esta segunda história é a do célebre Patuleia. O homem que só caiu á ponta de uma navalha. A traição — que é só assim que alguém pode vencer a BICA.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

Possíveis dificuldades nas conversações sobre o desarmamento

WASHINGTON — O chefe da delegação americana ás conversações «Salt» mostrou-se optimista quanto ás perspectivas de chegar a acordo com os soviéticos sobre o «contrôle» dos armamentos. Depois de se ter avistado, na Casa Branca, com o presidente Nixon, Gerald Smith declarou aos jornalistas que «as perspectivas eram melhores que no passado».

Mas dois factos novos surgidos no Pentágono e no Congresso levaram muitos dos que são favoráveis ao «contrôle» dos armamentos a fazer pouco caso do optimismo de Smith.

O senador John Stennis, presidente da Comissão Senatorial das Forças Armadas, nomeou um dos seus colegas conservadores o senador Henry Jackson, para presidente de uma subcomissão especial encarregada de estudar as implicações de todo o acordo negociado.

No Pentágono soube-se, entretanto, que Richard Latter, de Rand Corp. fora escolhido como conselheiro do grupo de trabalho para as conversações «Salt». Latter seria, segundo um funcionário da Agência para o Contrôle dos Armamentos, um «ultraconservador» quando se trata de avaliar das capacidades militares da U. R. S. S. e da maneira como os E. U. A. deviam reagir.

Simultâneamente, os E. U. A. continuam a estudar propostas pormenorizadas que irão apresentar aos soviéticos, quando as conversações forem retomadas em Viena, a 16 de Abril.

Sobre as discussões preliminares de Helsinquia, Smith recusou-se a indicar qual ponto particular parecia suficientemente amadurecido para um acordo, mas disse que os E. U. A. e a U. R. S. S. poderiam elaborar um «primeiro acordo» e passar depois a outro, mais complexo.

Smith recusou-se a indicar se tinha discutido com os soviéticos uma moratória comum sobre os «Mirv» antes da conclusão formal de um acordo sobre o *contrôle* dos armamentos. Indicou que daqui até Abril seria estudada uma moratória nesse sentido.

Os E. U. A. foram ás negociações preliminares de Helsinquia sem terem propostas acabadas para exporem aos soviéticos — não se sabe se já as terão para as negociações de Viena ou se decidirão agir ao sabor das circunstâncias.

Stennis, ao anunciar a criação da sua nova subcomissão sobre as conversações «Salt», declarou que era «essencial» que a sua Comissão seguisse de muito perto as negociações para que, «no caso de se chegar a um acordo» ela estivesse á altura de «apreciar as implicações desse acordo na defesa do nosso país e no equilíbrio das forças estratégicas.» Stennis anunciou que a Comissão se reuniria a intervalos regulares, mas ainda não se fixou nenhuma data.

Um dos principais temas dos trabalhos desta Comissão será a «importantíssima questão das garantias e da verificação de todo o acordo», indicou Stennis.

A influência que Richard Latter exercerá sobre as posições que os dirigentes da Secretaria de Estado da Defesa tomarão quanto ás conversações «Salt» é ainda ignorada. Latter será o único conselheiro «full time» do grupo especial do Pentágono, a trabalhar para John Foster, director do Departamento de Investigação da Secretaria da Defesa. O próprio Foster é um especialista em armamentos nucleares que em 1963, se pronunciou sobre os riscos militares e técnicos do tratado proibindo as experiências nucleares.

Espera-se que Foster tome posições conservadoras a propósito das propostas de *contrôle* dos armamentos. Latter ficará em posição de apoiar os seus argumentos.

Por GEORGE WILSON
(Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»)

UMA SOLUÇÃO EFICAZ

Foi há dias, depois de ver «A Louca de Chaillot». Pensava eu, filósofo caseiro, que são sempre simples as soluções para os grandes problemas (e que aquela, da peça do Giraudoux, embora não lembre ao diabo, é mesmo, mesmo eficaz), quando o Brynner (Yul, claro) se sentou ao meu lado, no café.

Mandou vir um «scotch» de esquisita marca, enquanto eu saboreava a minha bica. Insultou o criado, porque o gelo era pouco (e depois porque era muito); correu o engraxador a pontapé («Só calço os sapatos uma vez, não precisam de graxa»); mandou calar várias vezes quem se encontrava nas mesas ao lado; lamentou, irritadamente, o cheiro daquela gente que não se lava e se permite existir; puxou várias vezes ao nariz o lenço perfumado e, quando eu esperava, espantado, que me fosse propor sociedade na sua 13.ª organização (a fundar), disparou, á queima-roupa:

— E, você, como se atreve a estar á minha mesa, sem gravata e de fato coçado?

Atrapalhado, articulei:

— Eu... eu...

— Eu, o quê? Como se permite?

— Eu... já estava aqui sentado antes do senhor...

— Como se atreve? Ninguém está em qualquer coisa antes de mim.

E saiu, a correr. Esperava-o, á porta, o motorista, de carro aberto. Entrou. O automóvel perdeu-se nas ruas da cidade. Fixei-lhe a matrícula — podia servir á minha vingança.

Mas, depois, lembrei-me do motorista, que deve, penso, ser casado, ter filhos, etc., e apaguei essa ideia. O melhor ainda é o método de «A Louca de Chaillot». Prático e eficaz. Até porque, certamente, o Brynner só usa um carro uma vez.

Sabem, por acaso, de um palacete, por alugar, que tenha uma porta... para a eternidade? É que tenho cá uns clientes!...

TORQUATO DA LUZ

Nota do dia

MEDITAÇÕES A PARTIR DA GRIPE

PARECE QUE A GRIPE e seus derivados, adjacências, semelhanças, proximidades e sequelas continuam de momento a ser das forças que mais dão para mexer e dos assuntos que mais dão para falar por esse mundo fora. Basta abrir qualquer folha de informações, em língua que seja de entender, para se haver uma pronta e variada panorâmica, desde a Aldeia Nova de Trancoso, onde a neve imobilizou os médicos, até à Venezuela, onde numa das províncias foi decretada a greve geral do beijo como medida profiláctica contra a expansão da doença — acto de renúncia certamente discutível mas seguramente salutar.

Tirando isso sabe-se pouco. Sabe-se que há um vírus ou, melhor, uma colecção deles, mais ou menos parecidos, parece que uns melhor outros pior identificados e que anualmente estão a fazer esta volta ao mundo, a que cada um (cada país) vai respondendo com os recursos mais à mão. Quais são esses recursos, como é que eles são utilizados na luta e com que resultados? Para sermos justos e francos parece que se sabe pouco, mesmo onde é costume saber-se alguma coisa. Os vírus continuam a ser uma força muito segura de si, que dão muito que fazer aos laboratórios, mas não se deixam conhecer mais que por uma ponta de cada vez.

E aqui reparte-se o domínio das meditações. Perante um fenómeno como este que nos oferece a gripe actual temos, por um lado, a consciência da capacidade maior ou menor dos remédios para lhe fazer frente e, por outro lado, a capacidade de meios para utilizar as armas que se conhecem. O mercado está mais ou menos inundado de um vasto e variado arsenal antigripal, poderão faltar, porém, e em muitos casos faltam, é as condições para aplicar esse arsenal. E nisto adianta pouco o falar-se da gripe, que vem apenas como protesto e ponto de partida. A situação, «mutatis mutandis», é a do problema geral da saúde.

Eis um problema, esse sim, que é preciso ter a coragem de atacar. O que se sabe, o que cada um de nós sabe por já ter sofrido, por ter visto ou por lhe terem contado sobre a situação nos e dos nossos hospitais pinta-se, cada vez que o quisermos fazer, com tintas dantescas. Mas não vale a pena. É a vergonha das vergonhas a que se torna necessário e urgente acudir. O que é que falta para isso? Falta dinheiro? Falta saber como é? Ou faltará simplesmente coragem para meter mãos à obra e resolver uma aflição que alastra a todo o País e verdadeiramente nos enche de miséria e de vergonha?

Dinheiro não falta, pelo menos julgamos que não há-de faltar. Toda a gente paga todas as semanas ou todos os meses para estar doente. Toda a gente paga para as «caixas», que é uma palavra onde vai já alguma coisa de intenção crítica, a previdência dispõe hoje de meios substanciais recolhidos dessas contribuições obrigatórias, «eles têm muito dinheiro», que é como dizem as pessoas da rua e aqui vão com alguma razão? E então o que é que fazem? Fazem barragens? Compram acções? Qualquer dia são capazes de «por dinheiro» nas novas sociedades que hão-de vir a constituir-se para fazer estradas. E quem trata dos hospitais? E quem acode aos doentes e sinistrados?

Não sabemos se alguém aqui das nossas «Corporações» tem ideia do que é hoje a rede de hospitais de urgência que a organização paralela e similar instalou em meia dúzia de anos na vizinha Espanha. Nós temos os médicos das Corporações, mais os da Saúde, mais ainda os da Educação por causa da complicação dos hospitais-escolares pagos a meias por dois ministérios. Temos uma data de coisas que talvez devessem complementar-se e que parece que apenas se complicam. Temos várias redes de burocracias que mùtuamente se travam quando não se hostilizam. Temos isso tudo e temos também, é a triste verdade, uns serviços de saúde que todos os dias se degradam e cada vez menos podem dar satisfação àquilo que se espera deles.

COMPRE A MELHOR VISTA DE MAR!

comprando propriedades J. PIMENTA, S. A. R. L.

Em Paço d'Arcos (Espargal), a 100 metros da praia e dos caminhos-de-ferro, com Centro Comercial e Pavilhão Gimnodesportivo previstos, encontra magníficos andares e apartamentos mobilados.

RENDIMENTO DE 6 A 10% GARANTIDO POR ESCRITURA PÚBLICA, DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS, À ESCOLHA DO CLIENTE.

190 contos rendem-lhe 1187$50 mensais

Visite o apartamento em exposição em Paço d'Arcos — Espargal

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15-1.º — Telefones 4 58 43 4 78 43
QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21 - 95 20 22
REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

TRANSPORTE DE TRABALHADORES PELO CAMINHO DE FERRO, COM DESTINO A FRANÇA E ALÉM

Comunica-nos a C. P. que para transporte, em 2.ª classe, de trabalhadores portugueses, destinados a França e além, põe em circulação carruagens directas com destino a Hendaia, ás terças e sextas-feiras, no período de 2 de Janeiro a 10 de Abril, com partida de Viana do Castelo ás 8 h.; Braga ás 8-55 e ás quintas-feiras, no período de 8 de Janeiro a 9 de Abril, com partida de Faro, ás 23-04 h.

O pormenor deste serviço consta dos avisos horários afixados nas estações e nas Secções de Informações ao Publico.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

MATOU A SOGRA
(DOENTE NA CAMA)
QUE A OFENDEU NA SUA HONRA

FRONTEIRA, 9 — A tragédia e a emoção surpreenderam as pessoas desta vila numa destas invernosas manhãs de começo de ano.

A infeliz Ludovina da Conceição Rocha, viuva, de 77 anos, jazia no leito, desde Outubro passado, vítima de nefasta doença. E sempre e desveladamente a nora, sr.ª Maria Vitória Coimbra Pinheiro, que com ela vivia, a tratou. Em vez de merecida gratidão, dado, porém, o temperamento rude e irascível, agravado, talvez, ultimamente, pela doença, correspondia-lhe a Ludovina com berros, intrigas e insinuações. Assim, na véspera chegou ao extremo de lhe atribuir relações adulterinas com determinado indivíduo. Tal facto feriu o seu prestígio de mulher e mãe cuja seriedade todos lhe reconhecem.

Na manhã, seguinte, procurou a sogra, pedindo-lhe que retirasse tão afrontosa ofensa feita na véspera. Como aquela o não fizesse, a Maria Vitória matou-a, vibrando-lhe golpes de faca no pescoço. Em seguida entregou-se ás autoridades.

O primeiro-cabo da G. N. R., sr. Mira Ramos ainda solicitou a presença do médico, numa tentativa extrema de salvar a infeliz, mas já era tarde!

Necrologia

FALECIMENTOS

Eng.º agrónomo Carlos Duro Contreiras

Faleceu o sr. eng.º agrónomo Carlos Duro Contreiras, de 53 anos, natural de Lisboa, filha da sr.ª D. Maria Isabel Duro Contreiras. O extinto prestava serviço na Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas e era presidente da União das Cooperativas Abastecedoras de Leite de Lisboa (U. C. A. L.), presidente da Cooperativa Agrícola de Loures, presidente do Grémio da Lavoura de Loures e vereador da Camara Municipal de Loures. O funeral realiza-se amanhã, ás 11 horas, da residência, Avenida S. João de Brito, 5, para jazigo de família no cemitério dos Prazeres. Os serviços funebres estão a cargo da Agência Salgado, da Rua da Rosa.

D. Margarida da Conceição Ferreira Matafome Coelho

Faleceu a sr.ª D. Margarida da Conceição Ferreira Matafome Coelho, de 78 anos, natural de Salvador (Torres Novas), casada com o sr. capitão, aposentado, Francisco de Oliveira Coelho. O funeral, a cargo da Agência Ricardo Henriques, sai amanhã, ás 10 horas, da igreja dos Anjos, para o cemitério dos Olivais.

Francisco de Sousa

VISEU, 9. — Faleceu em S. Martinho de Órgens o sr. Francisco de Sousa. Deixa viuva a sr.ª D. Maria Clementina do Carmo Silva e era pai dos srs. Messias José, primeiro-sargento, actualmente em Moçambique, Fernando, barbeiro dos C. T. T., Amadeu Pais de Sousa, comerciante local.

FUNERAIS

Condessa de Vizela

Efectuou-se esta tarde, para jazigo de família no cemitério de Matosinhos, o funeral da condessa de Vizela, figura de destaque da alta finança portuguesa, e que ontem faleceu na sua casa da Foz, no Porto. Na igreja de Leovigildo Paroquial foi celebrada missa de corpo presente.

A condessa (viuva do conde) de Vizela, de seu nome Blanche Jeanne Marie de Daubin Cabral, tinha 85 anos e era cunhada do sr. Diogo Eugénio Cabral e tia do corredor de automóveis Mário de Araujo Cabral e dos srs. Eurico Diogo Velloso de Araujo Cabral e Diogo José Velloso de Araujo Cabral.

D. Maria Augusta Gonçalves

COVILHÃ, 9. — Realizou-se com grande acompanhamento, o funeral da sr.ª D. Maria Augusta Gonçalves, falecida no hopital da Misericórdia. Contava 56 anos, era natural e residente nesta cidade, viuva, mãe do sr. Rui da Conceição Duarte, irmã dos srs. Manuel Gaspar e António Gaspar, e cunhada dos srs. António Marques Caetano, José Pais Martins, Amilcar Diamantino Proença e Manuel Proença Pinto.

DE ONTEM PARA HOJE

A DESPEDIDA DO EMBAIXADOR

No almoço que, como dissemos, o ministro dos Negócios Estrangeiros, prof. Marcello Caetano, ofereceu, no Palácio das Necessidades, ao embaixador do Brasil e á senhora de Ouro Preto, aquele membro do Governo fez um discurso em que, depois de lembrar as qualidades do homenageado, recordou a viagem ao país irmão, dizendo: «Que dias esses que juntos vivemos no seu país! Como poderei esquecer o desvelo dos governantes de entre os quais se destacava a nobre figura do presidente Costa e Silva, cuja memória sentidamente evoco. E a solicitude das autoridades. E as homenagens de tantos lados. E o calor das manifestações populares. E o fervor patriótico dos portugueses... Tudo isso é inesquecível, senhor embaixador. Para mim, evidentemente. Mas também julgo que na sua carreira constitui uma experiência nova e significativa que nela não deixará de marcar.» Terminou, afirmando quanto lhe era grato impor ao dr. Ouro Preto as insígnias da grã-cruz da Ordem Militar de Cristo com que o agraciou o Presidente da Republica. Por sua vez, o embaixador afirmou que foi feliz em Lisboa e que, ao deixar Portugal, sai enriquecido por «uma fascinante experiência profissional». Disse, nomeadamente: «Se é grato chegar a Portugal. Se é gratíssimo servir ao Brasil em Portugal — o que implica servir a mesma cultura, fundada em valores permanentes, em afinidades indeléveis e em ideias comuns —, ingrata naturalmente é a hora da partida, quando nos sentimos invadidos por esse tão português, tão brasileiro sentimento que é a saudade. Porque avalio bem o alcance do que aqui me foi dado viver e experimentar, posso dizer, sem apelo á retórica, que já me sinto saudoso de Portugal e, especialmente, desta encantadora cidade de Lisboa.»

AFOGADOS

Duas pessoas morreram afogadas: o menino Ilídio Soares, de 3 anos, do Bairro Municipal, de Viseu, que caiu ao rio Paiva, e o trabalhador Virgílio Palhas Garcia, de 32, residente no bairro de Almeirim, em Évora, arrastado pela cheia do rio Xarrama.

MORTE NA ESTRADA

O condutor de um automóvel, que, na estrada de Sintra, foi chocar com uma camioneta, veio a falecer no Hospital de St.ª Maria. Foi o sr. Joaquim Antunes Serra, de 31 anos, escriturário do Grémio dos Industriais de Panificação. A esposa, que seguia ao lado, está internada, com ferimentos graves. O casal morava em Rio de Mouro.

SOB A OLIVEIRA

Pereceu sob a Oliveira que derrubava, em Caxarias, Luís Caetano Dias, de 74 anos, casado com D. Guilhermina da Conceição Matas.

PÁRA-QUEDISTAS CIVIS

Oito novos pára-quedistas civis, entre os quais três senhoras, receberam, no Regimento de Caçadores Pára-quedistas, em Tancos, o respectivo «brevet». Concluiu-se, deste modo o 4.º Curso de Pára-Quedismo Civil do Departamento Aeronáutico da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico.

CASAS DOS PESCADORES

Foi empossada a nova direcção da Junta Central das Casas dos Pescadores, constituída pelos dois novos vice-presidentes, srs. dr. Carlos Afonso de Carvalho e comandante César Francisco de Moura Leal Coelho, e pelos vogais, srs. dr. António Duarte Silva (em representação do Grémio dos Armadores das Pescas da Metrópole) e Eduardo Vieira (em representação das Casas dos Pescadores da Metrópole). A posse foi conferida pelo almirante Tenreiro.

A SURRA E O TIRO

Uma valente surra na mulher (a jovem Maria dos Anjos Sousa de Oliveira, de 17 anos) foi a melhor maneira que o pintor de construção civil Luís de Jesus Oliveira encontrou para festejar a bebedeira em que se metera. Quem não gostou do caso foi uma vizinha, que comunicou o caso á P. S. P. Dois agentes manietaram o bêbedo, que, a certa altura logou fugir. Um tiro de um deles, porém, prostou o Luís, a esvair-se em sangue. Foi no Bairro da Tacha. E agora o bêbedo está no Hospital de S. José em estado grave.

OS PREJUÍZOS DA NEVE

O prior de Reriz, ao dirigir-se para Cavarás, no seu automóvel, encontrou prostrado no chão António de Almeida Lino, de 56 anos, solteiro. Transportou-o a Castro Daire, onde chegou já sem vida. Supõe-se que foi vitimado por colapso cardíaco, ao ver os prejuízos causados pela neve.

ora diga-nos...

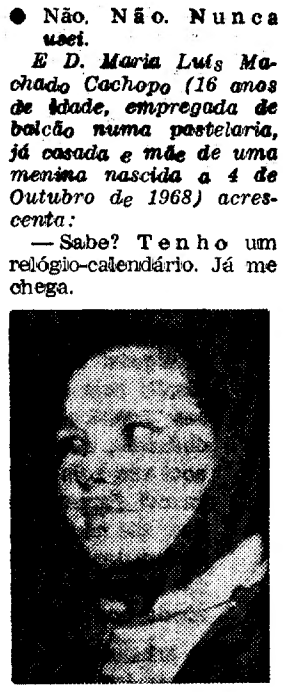
— Já tem calendário para 1970?

Por outras palavras: sabe a quantas anda?

● Não. Não. Nunca *usei.*

E D. Maria Luís Machado Cachopo (16 anos de idade, empregada de balcão numa pastelaria, já casada e mãe de uma menina nascida a 4 de Outubro de 1968) acrescenta:

— Sabe? Tenho um relógio-calendário. Já me chega.



● *Também o sr. Manuel Campos de Sousa, servente, não traz calendário consigo:*

— Não tenho nada na algibeira. Nadinha. Nem um calendário, veja bem...

— Mas lá em casa...

Atalhou rápidamente:

— Sim. Aí sei ás quantas ando...

● *Um empregado da Casa Olaio, o sr. António Severino Barão, diz-nos:*

— Comigo não trago nenhum calendário. Mas ontem, ali na «União», deram-me um de parede. Levei-o para casa e ainda nem vi a que dia calhava o meu aniversário.

ABRIGADA
COMPANHIA NACIONAL DE REFRACTÁRIOS, S. A. R. L.

NOVAS INSTALAÇÕES:
AVENIDA 24 DE JULHO, 78-2.º e 3.º
LISBOA-2 — TELEFS.: 678061 a 678066

A PARTIR DO PRÓXIMO DIA 13 DO CORRENTE

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA

LUANDA, 9. — (A. N. I.) — O comunicado semanal das Forças Armadas, hoje distribuído, é do seguinte teor:

«No período de 28 de Dezembro de 1969 a 3 de Janeiro de 1970 a actividade terrorista revelou-se, tanto no Norte como no Leste, por reacções ao esforço das nossas tropas empenharam-se nas aquartelamentos e de fazendas, e, principalmente, por ataques aos aldeamentos, raptos, violação de mulheres, assassínios de pessoas e saques de casas. Por sua vez, as nossas tropas empenharam-se nas acções normais, com resultados relativamente modestos, embora tenham sido capturadas dilas espingardas «Simonov», uma espingarda de repetição, minas, granadas, munições e equipamento diverso e provocados quinze mortos aos bandoleiros. É de referir a apresentação, em Belém, de três terroristas, um deles armado, e de outro na Camaxilo, vindo da República Democrática do Congo, que se acolheram á protecção das nossas tropas.

No Norte de Angola: nas regiões de Zemba e de Quitage, num conjunto de acções, de emboscadas e de um golpe de mão sobre um acampamento referenciado, as nossas tropas conseguiram interceptar um grupo de bandoleiros e assaltar um quartel dos mesmos, tendo provocado baixas e capturado diverso material. Os terroristas atacaram na área de Songo as instalações dos trabalhadores de uma fazenda, aos quais causaram baixas e roubaram uma arma, munições, vestuário e alimentos, e na área de Quitage, uma fazenda, mas mercê da intervenção das nossas tropas, que acorreram ao local, os bandoleiros sofreram baixas e debandaram. Também atacaram a fazenda de Tabi, com forte potencial de fogo, e causaram baixas ás nossas forças, mas, movida a perseguição, empreenderam a fuga, tendo sofrido uma emboscada, que os forçou a abandonar munições e diverso material.

No Leste da província: os terroristas emboscaram uma viatura da Polícia de Segurança Pública no itinerário Luzia-Luangrico e causaram quatro mortos, que esquartejaram, despojaram as vítimas do seu vestuário e roubaram armamento. Na região de Lóvua, atacaram uma aldeia, tendo provocado três mortos entre a população. Realizaram raptos de mulheres e de crianças na área de Lóvua-Samária, regressaram posteriormente, dizendo terem sido violentadas. Foram desencadeadas acções de perseguição aos grupos terroristas, que efectuaram raptos, saques e sevícias sobre a população. Algumas dessas acções levaram ao contacto com os bandoleiros, tendo-se conseguido provocar baixas e recuperar algumas mulheres. Em acções de nomadização, as nossas tropas surpreenderam um grupo de bandoleiros a colocar uma mina no itinerário Gago Coutinho-Luso —, em fuga precipitada, devido á acção das nossas tropas, abandonaram o engenho explosivo.

As nossa forças de patrulhamento, na região de Cangamba, contactaram com um grupo de bandoleiros a que causaram baixas e capturaram armamento, munições e diverso material. Ainda na região da coutada do Mucusso, foi encontrado e destruído um acampamento dos terroristas e capturado material de guerra e equipamento e fardamento.

Durante este período as nossas forças tiveram três mortos e quatro feridos em combate. Entre a população civil há a lamentar também cinco mortos, dezasseis feridos e dezanove desaparecidos, vítimas das acções dos fraticidas a soldo dos países comunistas.»

O prémio «João Ortigão Ramos» e o cinema português em 1968/69

Foi anunciado nos jornais diários dos últimos dias que o prémio «João Ortigão Ramos», destinado a galardoar «o melhor filme português, estreado durante a temporada de 1968-69», foi atribuído á película de Quirino Simões «A Caçada do Malhadeiro».

O prémio, proclamado pela direcção da União de Grémios dos Espectáculos, depois desta ter procedido á verificação contagem dos votos conferidos pelos diferentes críticos dos jornais diários da capital, teve o seguinte resultado final:

1.º — «A Caçada do Malhadeiro», de Quirino Simões (34 votos);

2.º — «A Estrada da Vida», de Henrique Campos (29 votos);

3.º — «Bonança & C.ª», de Pedro Martins (19 votos);

4.º — «O Ladrão de Quem se Fala», de Henrique Campos (12 votos).

Estes resultados obrigam a algumas considerações e uma declaração de princípios. Em consequência de não ter sido simultaneamente facultada ao público a votação detalhada dos diversos críticos consultados, cumpre-me (pela minha parte) declarar que, no boletim de voto por mim enviado á direcção da U. G. E. (e fazendo uso de uma cláusula prevista no regulamento), afirmava não atribuir nenhuma qualificação qualquer dos filmes propostos para o prémio, em virtude de não encontrar em qualquer deles o mínimo de qualidades requeridas, propondo até a não atribuição do mesmo na temporada em causa.

Por outro lado, e sabendo-se que existem (segundo creio) nove (9) jornais diários em Lisboa, com possibilidade de cada um deles pontuar até 10 valores cada filme, fácilmente se conclui que uma obra que concitasse a unanimidade da crítica poderia atingir um máximo de 90 pontos. O filme premiado em 1968-69 conseguiu unicamente 34 votos (cerca de 36 % de um total hipotético), que se revelam perfeitamente irrelevantes. Posto isto, não teria sido preferível não atribuir o prémio nessa temporada? Não será mesmo de rever a orgânica da sua atribuição? Ou será que, no ano em que se estrear unicamente um filme (que poderia ser, por exemplo, «O Ladrão de Quem se Fala), este é considerado o melhor filme português (mesmo que só um crítico o pontue com um voto)?

LAURO ANTÓNIO

Henrique Campos e Francisco Saalfeld (na gravura) assinam o contrato de «Lisboa é sempre Lisboa», documentário colorido que o segundo daqueles cineastas vai realizar, fotografar e montar. «Lisboa é sempre Lisboa» será apresentado ao público na estreia de «A Maluquinha de Arroios», película de grande metragem produzida pela General Filmes, prevista para o próximo mês de Março

VIDA MUSICAL

«Musica barroca para órgão»

A Fundação Gulbenkian promove, como em anos anteriores, um ciclo de recitais de órgão, prosseguindo assim a obra que se insere no seu plano de ressurgimento da cultura organística em Portugal.

Esta nova série de recitais de órgão, que será integrada por dez, realizar-se-á no auditório da Fundação Gulbenkian e na Sé Catedral de Lisboa, iniciando-se no próximo dia 24, data em que será inaugurado o grande órgão daquele auditório.

O ciclo de musica de órgão programado para 1970 — Janeiro a Março — será subordinado ao tema «Musica barroca para órgão», o qual permite oferecer ao publico uma panoramica geral, quer sob o ponto de vista formal quer sob o aspecto estético, do espírito que enformou toda a escola barroca no campo organístico.

O concerto inaugural do ciclo de musica de órgão e do grande órgão do auditório da Fundação Gulbenkian será realizado pelo organista Pierre Cochereau e pelo trompetista Roger Delmotte, dois artistas de grande reputação internacional.

Além dos dois artistas mencionados, foram convidados os seguintes organistas: Jean Costa, titular do grande órgão de Saint Vincent de Paul, em Paris, e professor do Conservatório Nacional de Musica de Nantes; Gertrud Mersiovsky, professora de órgão no Conservatório Nacional; Grethe Krogh, professora de órgão no Real Conservatório de Musica da Dinamarca, e Antoine Sibertin Blanc, titular do órgão da Sé Catedral e professor de órgão no Centro de Estudos Gregorianos.

As manifestações artísticas que integram este ciclo de musica para órgão efectuar-se-ão aos sábados, ás 16 e 30, no auditório da Fundação Gulbenkian — dias 24 e 31 de Janeiro, 7 e 21 de Fevereiro e 7 de Março — e aos domingos, ás 16 e 30, na Sé Catedral — dias 25 de Janeiro, 1, 8 e 22 de Fevereiro e 8 de Março.

Concerto em Matosinhos

MATOSINHOS, 9. — Incluído na 6.ª temporada da Delegação Pró-Arte, há hoje, ás 21 e 45, nas instalações do Turismo, um concerto, que terá a colaboração da pianista Teresa Vieira.

Concerto pela Banda de Música da G. N. R.

No domingo, ás 11 horas, a banda de musica da G. N. R. realiza mais um concerto no Teatro da Trindade, dirigido pelo capitão Silva Dionísio.

Para que a sua primeira actuação em 1970, ano em que se comemora o 2.º centenário do nascimento de Beethoven, coincida com uma primeira homenagem ao genial compositor, é antecipada a execução do programa anunciado para o dia 25, em virtude de nele estarem incluídas á sua 1.ª Sinfonia e a abertura «Rei Estêvão».

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *A companhia do actor Henrique Santana também deve apresentar-se no Porto com a peça «Os elefantes não sentem as pulgas».*
- *O actor Augusto Figueiredo, antes da abertura do Teatro da Estufa Fria, deve interpretar uma peça na Casa da Comédia ao lado da actriz Carmen Dolores.*
- *Encontra-se presentemente a actuar em Guimarães a companhia do Teatro Rafael de Oliveira.*
- *A estreia da companhia do ABC no Porto deve verificar-se no próximo dia 15.*
- *A estreia em Lisboa da revista «Pega de caras» deve efectuar-se em Março.*
- *A actriz Madga Viterbo continua a pertencer ao elenco da companhia de Teatro Infantil «Teatrinho Tico-Tico», dirigida por Rosa Mateus.*

Teatro Capitólio
HOJE, ÀS 21.45 HORAS
O GRANDIOSO ÊXITO DE
BERNARDO SANTARENO
O PECADO DE JOÃO AGONIA
(ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES)
Tel. 320379 M/ 17 anos
AMANHÃ — ÚLTIMA TARDE
A PREÇOS REDUZIDOS

«PEÇO A PALAVRA» – ÊXITO NO VARIEDADES

De dia para dia confirma-se, no Variedades, o êxito obtido, logo na primeira noite, pela esplêndida revista «Peço a Palavra!», um original de Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha, que os empresários Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam, todas as noites, ás 20 e 5 e ás 23 horas.

Um óptimo elenco interpreta a popular revista: Aida Baptista, Carlos Coelho, Eloína, Spina, Max, Anita Guerreiro, Helena Cardinali e Vítor Espadinha, com a atracção nacional António Calvário e um grande «ballet» internacional.

NO AMBIENTE LUXUOSO E REQUINTADO DA ALTA SOCIEDADE DE LONDRES, UMA INVESTIGAÇÃO TUMULTUOSA DE UM ROUBO FABULOSO!
com
CLAUDIO BROOK • DANIELA BIANCHI

adultos
muito para viver... pouco para morrer!
com SIDNEY CHAPLIN
techniscope-technicolor
TALMA FILMES
UM POLICIAL DE GRANDE NÍVEL!
ESTREIA HOJE ÀS 21.45
AVIS

O ESTRONDOSO SUCESSO DOS PALCOS DE TODO O MUNDO AGORA COM TODO O SEU ESPÍRITO E TODA A SUA FRESCURA NA MAIS DELICIOSA COMÉDIA CINEMATOGRÁFICA DO ANO!
O regresso de INGRID BERGMAN que com WALTER MATTHAU formam o par mais sensacional do momento!

Vá ao seu dentista ao menos 2 vezes por ano... mas vá ver "A Flor do Cacto" já!
ADULTOS
uma produção FRANKOVICH
Um filme
Ingrid Bergman
Walter Matthau
em
A FLOR DO CACTO
(CACTUS FLOWER)
com GOLDIE HAWN em TONI
com JACK WESTON
RICK LENZ · VITO SCOTTI · IRENE HERVEY
ARGUMENTO I.A.L. DIAMOND · HISTÓRIA DE ABE BURROWS · BASEADO NA PEÇA DE BARILLET & GREDY · PROD. EM NEW YORK DAVID MERRICK
MÚSICA QUINCY JONES PRODUÇÃO M. J. FRANKOVICH REALIZ. GENE SAKS TECHNICOLOR
SOUNDTRACK ALBUM AVAILABLE ON BELL RECORDS
ÀS 21.30 ÀS 21.45
SÃO LUIZ HOJE-ESTREIA ALVALADE

RECINTOS DE DIVERSÕES

- Partiu para o Canadá o Duo Ouro Negro.
- Amália Rodrigues deve voltar a Moçambique no próximo mês de Outubro.
- A cantadeira Julieta Santos e o violista Miguel Silva «transferiram-se» para o elenco artístico da cervejaria Jansen.
- O fadista Julio Peres está presentemente a actuar no «Forcado».
- Natércia da Conceição tem programada para breve uma deslocação á América do Norte.

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

Annie Bright
VEDETA INGLESA DA CANÇÃO

The Kims
ORIGINAIS FANTASISTAS

LIDIA RIBEIRO

STARLIGHT SHOW
COM ANGELIKA

PRODUÇÃO DE GEORGE ANTHONY

CONJUNTO
JUAN DE AIZA
com TITICA

FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE e sua orquestra
no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21anos

NO CINEMA, às 17 e 21.30
O PROFETA
M/ 17 anos

Na próxima semana, Luísa Neves gravará mais um disco comercial, desta vez com acompanhamento de uma orquestra dirigida por Shegundo Galarza. Neste novo 5 r. p. m. é incluído o «Vira dos malmequeres», composição popular com instrumentação inédita

O Grupo Cénico da Philips em Algés

Foi transferida para os dias 16, 17 e 18 do corrente a apresentação que estava marcada para hoje, àmanhã e depois, do Grupo Cénico da Philips, no Primeiro Acto, Clube de Teatro em Algés.

Este agrupamento representará as peças «O Noivado do Dafundo», de Garrett, e «O Ilustre Conferencista», de H. Lyra, sendo a encenação de Armando Caldas.

Arrabal no Villaret

Nos dias 12, 13 e 1, ás 18 e 30, no Teatro Villaret, em realização de Norberto Barroca, representar-se-á a peça de choque de Arrabal «Fando e Lis». São intérpretes Manuela de Freitas, Norberto Barroca, Jorge Valle, José Raimond e Fernando Saraiva.

Trata-se do espectáculo na Casa da Comédia, elogiado pela crítica. Os estudantes beneficiam de 50 por cento de desconto.

Teatro Maria Matos
AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS (à av. ROMA) TELEF. 717017
(ADULTOS)
SEMANA DEDICADA AO POVO DE LISBOA
Balcão: 10$ e 25$
Plateia: 30$, 40$ e 50$
HOJE, ás 21.45 horas
89.ª representação de
TOMBO NO INFERNO
SÁBADO E DOMINGO
às 16 h. e às 21.45 h.
BREVEMENTE
Em teatralização de Sttau Monteiro e Artur Ramos
«A RELÍQUIA»
de Eça de Queiroz
(ADULTOS)
Bilhetes à venda

DISCOS Estab. MELODIA
LISBOA – R. DO CARMO, 88
PORTO – R. DE S.TA CATARINA, 360
R. DE S.TO ANTÓNIO, 35

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO VOX E MUNDIAL

TÍTULO — «Que importa morrer!» («A Lovely way to Die).

REALIZAÇAO — David Lowelly Rich, 1969 (E. U. A.).
INTÉRPRETES — Kirk Douglas, Sylva Koscina, Eli Wallach, Sharon Farrell, Kenneth Haigh, etc.

Marlowe, detective privado, fez o êxito de Bogart e desenhou-lhe o rosto de desencanto e impotência. Isto pelos anos 40 e depois, como prolongamento ainda, no início da década de 50. O mito do polícia honesto (que é obrigado a demitir-se para prosseguir os inquéritos em que se vê envolvido) foi depois abafado pelas circunstâncias. O processo tinha o seu quê de escandaloso e não era impunemente que se esgravatava nos meandros melindrosos das altas esferas americanas. Donde o silêncio imposto. Em meados dos anos 60, porém, operou-se a reviravolta e o polícia-a-caminho-da-demissão ou o detective-privado voltaram aos «écrans» de Hollywood, transfigurados pelos anos, moldados a novos condicionalismos sociais. E os exemplos proliferam: *Harper, Tone Rome, Peter Gunn, P. J., Bullit, Madigan, The Detective, A Lovely wal to Die...* Exemplos de nível diverso, mas de importância sociológica indesmentível. A sociedade americana volta a ser posta em causa no seu interior, mercê das investidas impertinentes de meia dúzia de elementos catalizadores.

Que Importa Morrer! é mais uma investigação policial sobre um caso de assassinato que serve de pretexto para meia dúzia de críticas superciais e ingénuas, mas mesmo assim curiosas. Quer dizer que, não se tratando de um grande filme, é uma obra que se vê com agrado, narrada num estilo fluente, tècnicamente bem acabada, cinematogràficamente correcta. Kirk Douglas, ex-polícia, é encarregado de vigiar os passos de uma Sylva Koscina suspeita de assassinato e deste ponto de partida tudo pode acontecer. O que nos leva a câmaras frigoríficas com cadáveres enregelados, a perseguições de helicóptero, e também ao lado menos espectacular (mas seguramente mais aliciante) do desvendar das telas que o império tece, telas ténues, mas telas de uma meada a prosseguir.

David Lowell Rich não é homem de grandes brilhantismos (assinara uma *Madame X* em jeito de melodrama de Douglas Kirk com bastante interesse, apesar de tudo...). Prefere contar uma história, a enredar-se em formalismos gratuitos e por isso tudo segue certo e escorreito, com um ou outro encadeado mais imprevisto (diga-se que a montagem de *A Lovely way to Die* tem algumas soluções muito curiosas).

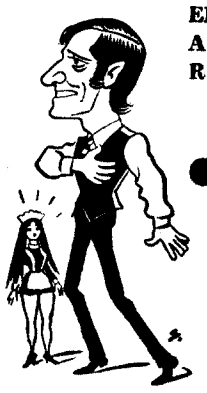
Entre os intérpretes Kirk Douglas passeia a sua enorme presença e Eli Wallach impõe-se com um advogado extremamente bem caracterizado. Sylva Koscina é simplesmente a suspeita e chega.

LAURO ANTÓNIO

teatro VARIEDADES
HOJE E TODAS AS NOITES ÀS 20.45 E ÀS 23 HORAS
DOMINGOS MATINÉE ÀS 16 HORAS
O ÊXITO DA ALEGRIA E DO BOM-GOSTO!
RIA COM:
AIDA • C. COELHO
ELOINA • SPINA
MAX • ANITA
CARDINALI
ESPADINHA
M. FRANCO
e a grande atracção nacional ANTÓNIO CALVÁRIO
a frente de um grande elenco
Um sensacional «BALLET» internacional
A REVISTA POPULAR DE GRANDE ESPECTÁCULO!
2.º MÊS

GRAÇA!
CRÍTICA!
MONTAGEM
DESLUMBRANTE
LINDAS MULHERES
ADULTOS

HOJE, ÀS 20,45 E 23 H.
ADULTOS
MARIA VITÓRIA
EM 4.º MÊS! A COLOSSAL REVISTA
ESPERTEZA SALOIA



JOSÉ VIANA
no hilariante quadro «Palavras inúteis»

TRIUNFO DE UM ÓPTIMO ELENCO, COM
• SALVADOR • JOSÉ VIANA
• MARIEMA • BARROSO LOPES
• DORA LEAL
AS ATRACÇÕES
• HELENA TAVARES
• «THE MELODIES»
à frente de uma grande companhia!
• DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 H.

VENHA RIR!
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa
ADULTOS
VASCO MORGADO
APRESENTA
HOJE, 2 SESSÕES
Às 21 h. e às 23 h.
com
JO APOLONI • ARTUR SEMEDO • FERNANDA BORSATTI • VASCO DE LIMA COUTO • YOLA • DAVID SILVA • GEORGINA CORDEIRO • ROLANDO ALVES • MARIA • e a colaboração de MARIA PAULA
ESCULTURAIS BELEZAS FEMININAS
NO ALEGRE ESPECTÁCULO DE
GARGALHADAS

DIAS 12, 13 e 14 DE JANEIRO, AS 6.30 HORAS (M. 17 anos)
APRESENTADO E REALIZADO POR NORBERTO BARROCA
Teotro de choque de ARRABAL
«FANDO E LIS»
A peça que a crítica assinalou como um dos melhores espectáculos do passado ano, quando da sua estreia na Casa da Comédia ■ 50% de desconto para estudantes

A TV DEVIA «DEITAR-SE» MAIS CEDO? — 2

ESTÃO A SURGIR MAIS CEDO CASOS DE ANSIEDADE E SONAMBULISMO ESPECIALMENTE ENTRE AS CRIANÇAS

— VERIFICAÇÃO FEITA PELOS MÉDICOS, QUE SALIENTAM A NECESSIDADE DE O SONO TER UM HORÁRIO

Se mais de 70 por cento da população activa portuguesa trabalha na agricultura, na indústria e na pesca, tendo, portanto, que levantar-se cedo para conduzir a charrua, manobrar o tractor, accionar o torno, ou sair para o mar, pergunta-se: estão os horários da TV portuguesa adequados às condições do país real ou, ao contrário, dirigem-se apenas a uma minoria de expressão muito relativa? Será que, deste modo, a TV cumpre a sua tríplice missão de informar, formar e divertir? Ou será que, nos casos em que efectivamente atinge essa larga faixa da população, o faz com manifesto prejuízo do sono de milhares de pessoas?

— *Acho que haveria vantagem em não prender as pessoas até tão tarde* — disse-nos o psiquiatra dr. Pompeu Oliveira e Silva, acrescentando — *o ambiente deve favorecer a vontade das pessoas e não favorecer o que as pode perturbar.*

Dr. Pompeu Oliveira e Silva: «Acho que haveria vantagem em não prender as pessoas até tão tarde».

Embora salientassem como fundamental a regularidade do horário do sono, os médicos que interrogámos, num breve inquérito ácerca desta questão, afirmaram que nada se perderia se a TV se «deitasse» mais cedo.

A experiência da TV em Portugal é ainda muito curta para ter despertado a atenção dos médicos sobre eventuais problemas provocados pela assistência aos seus programas até demasiado tarde.

No entanto, alguns há (especialmente pediatras) que têm experiência de casos concretos de perturbações causadas pela TV, provocadas pela demasiada permanência diante dos aparelhos. No entanto é ao nível das relações entre pais e filhos que os médicos encontram maiores perturbações.

MARAVILHOSO INTRUSO DA VIDA FAMILIAR

Falando ao «Diário de Lisboa», o dr. Abílio Mendes, um dos mais conhecidos pediatras da cidade, referia «esse maravilhoso intruso da vida familiar» que é a Televisão.

Maravilhoso intruso:

— *Ao regressar da escola, sob a tensão das novidades aprendidas, a criança encontra o pai e a mãe de boca aberta diante da TV. E, depois, por mais que se lhe diga: «vai estudar» ou «vai deitar-te», a criança não é capaz de o fazer de boa vontade. Hoje, que tudo se discute, uma coisa há que é indiscutível: a criança vive, essencialmente, em grande parte, do exemplo vivo dos seus maiores. E isto, hoje, é particularmente importante, desde que os professores, assoberbados por uma plétora de ensino, quase não podem conversar, de mãos nos ombros, com os seus alunos.*

O dr. Abílio Mendes fez-nos notar, também, que «*muitos dos problemas do dia-a-dia são resolvidos durante o sono*» e que, quando *as crianças se deitam e levantam a pensar e a falar da TV é natural que algumas consequências sobrevenham.*

Assim, verifica-se que estão a surgir, mais cedo do que era costume, casos de ansiedade e sonambulismo nas crianças e também se registam muitos casos de menor rendimento nas aulas.

«ELE PODE VER TELEVISÃO?»

Claro que o aparecimento destas perturbações depende do ambiente doméstico. Depende, naturalmente, da educação que os pais souberam dar aos filhos, mas não é de esquecer que os horários da TV podem desempenhar um importante papel nessa educação.

Outros médicos têm verificado que os pais, hoje, nas consultas que fazem ácerca da saúde dos filhos, mesmo no caso de uma simples gripe, perguntam, frequentemente:

«*Ele pode ver televisão?* — *Sabe, sr. dr., é que ele pediu-me tanto!*»

Por outro lado, o dr. João dos Santos, psiquiatra director do Instituto de Saúde Mental Infantil, declarou-nos que tem verificado que *a atracção da TV é tão grande que se torna difícil aos pais não serem contemporizadores*, mas também nos afirmou que *o mais importante é deitar e levantar á mesma hora, todos os dias.*

A R. T. P. NÃO PODE (NÃO DEVE) ESQUECER...

Nas aldeias, como nas cidades e vilas a TV passou a ser um hábito. Único divertimento ao alcance da grande maioria da população portuguesa, o espectáculo do vídeo não pode (não deve) esquecer os que todos os dias saem, ao alvorecer, para as inadiáveis tarefas da agricultura, da indústria, da pesca ou do estudo nas escolas: *o ambiente deve favorecer a vontade das pessoas e não favorecer o que as pode perturbar.*

O problema que se põe é este: pode (deve) a R. T. P. continuar a prolongar até á meia-noite (quando não até mais tarde) os seus programas, como se ignorasse que uma quarta parte do País que vê TV deve, no dia seguinte, levantar-se cedo, para trabalhar?

Dr. João dos Santos, psiquiatra: «Casos de ansiedade e sonambulismo entre as crianças aparecem, agora, mais cedo do que dantes».

Dr. João dos Santos: «O mais importante é deitar levantar sempre á mesma hora».

APERFEIÇOAMENTO DE PROFESSORES DO CICLO PREPARATÓRIO

A direcção de serviços do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário organizou uma série de cursos de aperfeiçoamento e actualização, os quais, iniciados o ano passado, prosseguem agora. Este mês, decorrem os de Ciências da Natureza, Matemática. Desenho, Trabalhos Manuais e Orientação Escolar.

Ontem iniciaram-se os de Orientação Escolar e Ciências da Natureza, o primeiro dos quais, sob a orientação do dr. Joaquim Baisão Rulvo, decorre, até ao dia 24 (com a frequência de 40 professores), na Escola Preparatória de Luís António Verney. Os de Ciências da Natureza prolongam-se até ao dia **10**, na Escola Preparatória de Nuno Gonçalves, em Lisboa, e de 14 a 17 na de Ramalho Ortigão, no Porto, orientados pelos drs. D. Fátima Sara Ibeche, Gomes Ferreira, Mário Trigueiros, Francisco Ferreira e Ilídio Sardoeira.

AS IMPOSIÇÕES DO FISCO FIZERAM DESAPARECER OS CALENDÁRIOS-BRINDE

PORTO, 8 — Há uns anos atrás, e não vão muitos ainda, qualquer pessoa arranjava um calendário de brinde. A maioria das empresas tinha orgulho em ofertas no género, no fim ou no início de cada ano e algumas primavam até pelos belos motivos que ofereciam nas suas folhas.

Não era difícil arranjar-se um calendário de reclame, a não ser, por vezes os tais muito bonitos, que, por isso mesmo, se tornavam difíceis de arranjar. Poucas eram as casas industriais ou comerciais que não apresentavam o seu calendário de brinde.

Com isso muito lucravam as tipografias e litografias, bem como artistas de vária índole, especialmente plásticos e fotógrafos. Além disso, acontecia até que várias localidades e regiões aproveitavam a execução de calendários para a sua propaganda turística.

Apareceu, porém, o fisco, que obrigou ao pagamento de uma taxa elevada por cada calendário impresso. E o resultado foi que esse tradicional brinde, ainda que de grande utilidade, acabou por desaparecer, pois poucquíssimas são as empresas que se abalançam agora a mandá-los fazer.

Acontece assim que, nesta altura, são muitas as pessoas que procuram descobrir quem oferece ainda esses brindes e a maioria não os encontra sem saber porquê. Também toda essa gente ficou prejudicada, além dos artistas e das empresas que imprimiam tais calendários.

Entretanto, a Espanha, por exemplo, que assim não procede, fabrica 60 milhões de calendários anualmente, muitos até para empresas estrangeiras, para exportação.

AUMENTO DA TAXA TELEFÓNICA

SANTA CRUZ DO DOURO (Baião), 9 — As assinaturas dos telefones nesta área, sem que o serviço melhorasse, passaram de 30 para 40 escudos. Por esta razão, a vila de Santa Cruz do Douro aguarda que, ao menos, se verifique, agora, a prometida automatização da sua rede.

PRÉDIO

QUELUZ

Construção em alvenaria, composto de 9 inq. hab. de 3 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, marquise e hall. Rendas baixas.

Rendimento — 52.320$00. Preço — 860.000$00.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

ROSSIO, 3-2.º — Telefones 369384/5 — 328232/3 — 561756

O NETO DE CHURCHILL CANDIDATO A DEPUTADO

LONDRES, 9 — (R.) — Ao neto de «Sir» Wiston Churchill foi concedida a noite passada a possibilidade de fazer regressar o nome de Churchill á Camara dos Comuns britanica.

Winston S. Churchill, de 29 anos, neto do primeiro-ministro da Grã-Bretanha durante a guerra, foi aprovado oficialmente como candidato do Partido Conservador em Stretford, no Lancashire, quando se realizarem as próximas eleições gerais.

Churchill, autor de um livro sobre a «Guerra dos Seis Dias» israelo-árabe e correspondente itinerante do jornal «Times», já tentou uma vez entrar para o Parlamento.

Há dois anos disputou uma eleição secundária num bairro de Manchester, tendo sido derrotado por uma margem de 577 votos.

A noite passada, Churchill previu que Outubro seria o mês mais provável para as eleições gerais.

NÓS AJUDAMOS A GANHÁ-
POUPÁ-
AUMENTÁ-
APLICÁ-
MULTIPLICÁ-
LO

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

Parece assegurada a sobrevivência política de Edward Kennedy

EDGARTOWN, 9 — (R.) — O senador Edward Kennedy parece ter assegurada a sobrevivência política apesar da ameaça do processo contra ele por causa do acidente que causou a morte a jovem Mary Jo Kopechne.

Os círculos políticos do Estado de Massachusetts admiraram hoje que o resultado do inquérito secreto realizado esta semana tenha poucas probabilidades de afectar a reeleição de Kennedy para o Senado no próximo mês de Novembro.

O próprio senador deu a entender aos jornalistas, depois de ter prestado declarações no inquérito sobre o acidente, que esperava candidatar-se a segundo mandato de seis anos como senador pelo Massachusetts.

Neste Estado, o último sobrevivente dos irmãos Kennedy é ainda praticamente imbatível, na opinião dos políticos locais. Este Estado continua dominado politicamente pelos Kennedy, desde a segunda guerra mundial.

Apenas uma viragem nos acontecimentos relacionados com a morte da secretária poderão pôr em perigo a vida política do senador no Congresso. Novas acusações do procurador do distrito, Edmund Dunis, ou do grande juri não terão grande repercussão nas possibilidades eleitorais de Edward Kennedy.

Os republicanos não têm um candidato à altura de fazer sombra a Kennedy e apenas um, Silvio Conte, lhe poderia fazer concorrência, mas recusou a candidatura.

UM PADRE CASA-SE NA ALEMANHA

HAMBURGO, 9 — (F. P.) — Um padre dominicano, o dr. Bertrand Kauffmann, de 42 anos, que dirigia desde 1964 a organização católica «Porta Aberta» de auxílio aos pobres, decidiu abandonar a ordem desposar uma jornalista do semanário feminino «Brigitte», Inge Rameken, de 35 anos. A data do casamento ainda não está fixada.

As autoridades religiosas autorizaram-no a abandonar a ordem, mas deverá abandonar também a direcção da organização «Porta aberta».

MANIFESTAÇÃO NA CIDADE-MÁRTIR DE MENDOZA

MENDOZA (Argentina), 9 — (R.) — Multidões silenciosas, empunhando cartazes pedindo auxílio governamental para mais de mil pessoas sem lar, receberam o presidente Juan Carlos Ongania, à sua chegada, ontem, a esta cidade mártir, para inspeccionar os estragos das inundações, causadas pelo aluimento de uma barragem.

Durante a noite mais dezenas de famílias foram evacuadas para aquartelamentos militres e escolas, que estão a receber refugiados, após as águas do rio Mendoza alagarem as margens, inundando uma vasta área do norte da cidade.

Actualidade internacional

THIEU: Necessários «muitos anos» para a retirada norte-americana

SAIGÃO, 9 — O presidente do Vietnam do Sul, Nguyen Van Thieu, declarou hoje que seria impossível retirar todas as tropas norte-americanas do país até ao fim de 1970 e seriam necessários talvez «muitos anos» para a retirada total.

Numa conferência de Imprensa o presidente declarou que prosseguia na política de substituição das tropas americanas durante o ano de 1970 e seguintes mas nunca se convencera de que as tropas dos E. U. A. pudessem sair do Vietnam do Sul até ao fim do ano As tropas de combate necessitavam de apoio logístico e para as tropas governamentais o poderem ter o país teria de receber auxílio.

Assim a substituição dos americanos e reforço dos governamentais tem de ser uma operação gradual. O presidente afirmou também que tinha entregue ao embaixador e aos comandos militares americanos de Saigão uma lista explicando o auxílio necessário tanto em fundos, como em equipamento militar.

Falando sobre as conferências de Paris o presidente disse que não tinha confiança nenhuma no progresso da coferência voltando a afirmar que os comunistas ainda não tinham mostrado boa vontade em nenhuma das 48 sessões até agora realizadas.

Sobre o massacre de My Lai, Nguyen Van Thieu afirmou que «nunca tolerou qualquer crime fosse ele praticado por vietnamianos, americanos, australianos, coreanos ou quem quer que fosse», mas acrescentou estar convencido de que muita gente pretendia comprometer o Exército dos Estados Unidos no Vietnam do Sul e se aproveitava do incidente.

FORNECIMENTO BRITÂNICO DE TANQUES A ISRAEL

—SEGUNDO O «DAILY MAIL»

LONDRES, 9 — (F. P.) — O jornal «Daily Mail» afirma esta manhã com grandes títulos que, apesar do embargo britânico ao fornecimento de tanques ultramodernos aos países do Médio Oriente, a Grã-Bretanha está a fornecer secretamente a Israel 200 tanques «Centurion».

O acordo para este fornecimento teria tido a aprovação do Governo britânico. Israel receberia também máquinas-ferramentas que lhe permitirão fabricar munições utilizáveis pelos canhões soviéticos ou pelos tanques capturados durante a guerra dos seis dias, acrescenta o jornal.

O «Daily Mail» indica ainda que outras firmas britânicas fornecerão a Israel peças soltas para os seus veículos militares e máquinas que lhe permitirão fabricar enorme gama de instrumentos para a sua defesa.

O GENERAL EZER WEIZMAN, cuja recente entrada para o Governo de Golda Meir foi interpretada como um reforço da posição dos «falcões» israelitas. Weizman de 45 anos, comandou a Força Aérea de Israel e é partidário de represálias contra os árabes

GOLDA MEIR NÃO NEGOCIARÁ COM A FATAH

TEL-AVIV, 9 — (R.) — A senhora Golda Meir, primeiro-ministro de Israel, afirmou a noite passada que o seu país não entraria em negociações com a organização de guerrilheiros Al Fatah.

A sua afirmação foi feita após especulação nesta cidade de que Israel poderia estabelecer um acordo com a Fatah para assegurar a libertação de um agricultor, de 54 anos, levado na semana passada através da fronteira libanesa.

Discursando numa sessão publica da convenção do congresso mundial judaico, nesta cidade, a senhora Meir disse: «Al Fatah é uma organização terrorista que tem apenas um objectivo — matar tantos judeus quanto seja possível — homens, mulheres e crianças em qualquer parte e em qualquer altura.

«Nunca houve nem haverá qualquer contacto com a Al Fatah. Negociaremos apenas com Governos árabes.»

MORDECHAI LIMON DEIXOU PARIS

PARIS, 9 — (R.) — Partiu hoje para o seu país o almirante Mordechai Limon, chefe da compra de armamentos de Israel na Europa e a quem as autoridades francesas tinham mandado sair após o incidente de Cherburg.

A POLÍTICA ÁRABE CAUSA CONFUSÃO A KOSSYGUINE

CAIRO, 9 — (R.) — O primeiro-ministro soviético Alexei Kossyguine parece estar confuso com a política árabe no Médio Oriente, tendo já apelado para os dirigentes árabes no sentido de se colocarem de acordo, segundo revela Mohammed Heykal, confidente do presidente Nasser e director do influente jornal «Al Ahram».

Escreevndo no seu jornal, Heykal que é um dos jornalistas arábes mais bem informados, revela que o primeiro-ministro soviético teve um desabafo ao conversar com o ministro do Interior iraquiano, general Ammash.

Segundo Heykal, Kossyguine teria dito: «Os nossos amigos árabes fazem-nos confusão. No vosso próprio interesse e no dos vossos amigos pedimos que cheguem a um acordo. Podem concordar sobre um mínimo ou um máximo. Isso, não interessa. Mas, por favor, cheguem a acordo sobre qualquer coisa».

TRANSMISSÕES DIRECTAS DE TV ENTRE MOSCOVO E HAVANA

HAVANA, 9 — (R.) — A U. R. S. S. concordou na construção de uma estação de satélites de comunicações em Cuba. Esta atitude indica um estreitamento das relações entre ambos os países.

A estação proporcionará a transmissão e recepção directa telefónica, de Rádio e TV, entre Havana e Moscovo. Os técnicos soviéticos devem chegar a Havana dentro de alguns meses, a fim de ultimar os projectos para a estação, que deverá ficar a funcionar dentro de dois ou três anos.

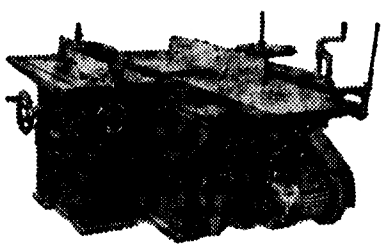
O acordo foi assinado ontem no Ministério dos Negócios Estrangeiros, de Havana.

Nova teoria sobre a formação do cancro

WASHINGTON, 9 — (F. P.) — Uma nova teoria sobre a formação do cancro acaba de ser exposta pelo dr. Robert Huebner, eminene especialista de virulogia, que trabalha com o dr. George Torado no Instituto Nacional do Cancro em Bethesda (Maryland).

O essencial desta teoria é que o organismo humano possui, desde que nasce, um elemento capaz de provocar excepcionalmente o cancro. Esse elemento compreende componentes ligados a um certo tipo de vírus. Assim, na maior parte dos individuos, tais componentes são neutralizados por outros elementos genéticos que formam um mecanismo de autodefesa. O cancro só surgiria quando esse mecanismo automático falhasse em consequência de anomalias de ordem genética ou devido a elementos exteriores, como as radiações de certos produtos químicos.

«MIDA»



MÁQUINA UNIVERSAL
Mod. GDFT

UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

Fábrica: — TROFA Tel 94923/4/5

Filial em Lisboa:
Av. Defensores de Chaves, 3/A (Telef. 44147)

Prémio para quem descobrir os assassinos de Yablonski

PITTSBURGH, 9 — (F. P.) — O sindicato dos mineiros anunciou ontem nesta cidade que oferecia um prémio de 50 mil dólares (cerca de 1456 contos) a qualquer pessoa que ajudasse a descobrir os assassinos do dirigente sindicalista Joseph Yablonski, da sua mulher e da filha que, na segunda-feira passada, foram descobertos mortos na sua residência de Clarkville, pequena aldeia do centro da bacia mineira da Pensilvania.

Yablonski tinha sido candidato á presidência do sindicato — United Mine Workers —, mas, em Dezembro ultimo, havia sido nitidamente batido pelo presidente cessante, W. A. «Tommy» Boyle.

O capitão John Snyder declarou também ontem que o inquérito dirigido por cinquenta policias não tinha proporcionado qualquer elemento novo. A Polícia esforça-se, no entanto, por descobrir os autores dos dois telefonemas anónimos recebidos por amigos de Yablonski depois do assassinato deste ultimo.

Em sinal de luto, 19 mil mineiros interromperam ontem o trabalho. Pensa-se, em geral, que o retomarão amanhã á noite.

RECOMEÇO DAS CONVERSAÇÕES SINO-AMERICANAS

A China interessada em discutir com os EUA princípios de «coexistência»

WASHINGTON, 9 — (A. N. I.) — Vão recomeçar em Varsóvia, no dia 20, as conversações sino-americanas, entre os chefes das missões diplomáticas de Pequim e de Washington na Polónia — anuncia a secretaria norte-americana de Estado.

As reuniões realizam-se na Embaixada da China, entre o embaixador Walter Stoessel, dos Estados Unidos, e o encarregado de negócios da China, Lei Yang.

Estas conversações de Varsóvia, iniciadas em 1955, estão suspensas há dois anos.

O acordo para retomar as conversações foi estabelecido ontem por Stoessel e Lei durante uma reunião preparatória em Varsóvia, mas já no dia 11 de Dezembro os dois diplomatas se haviam reunido para tratarem destas reuniões.

A secretaria de Estado não revelou a agenda de trabalhos, mas julga-se que versará sobre um vasto sector de assuntos de interesse para os dois países.

Os Estados Unidos, por exemplo, gostariam de discutir a forma de aumentar os contactos com a China Continental através de um intercâmbio de cientistas, jornalistas e intelectuais.

A China Continental tinha dado a entender que estava interessada em discutir com os Estados Unidos princípios de «coexistência».

AS NEGOCIAÇÕES ENTRE PEQUIM E MOSCOVO

HONG-KONG, 9 — (R.) — As conversações sino-soviéticas em Pequim não alcançaram qualquer progresso até ao momento em que foram interrompidas no mês passado, segundo afirma hoje o jornal «Ta Kung Pao», principal órgão comunista de Hong-Kong.

Numa noticia datada de Cantão, o jornal, que é considerado aqui um porta-voz não oficial de Pequim, diz que os russos rejeitaram uma proposta chinesa no sentido de serem retiradas as tropas de ambos os lados da fronteira sino-soviética até se conseguir chegar a um acordo final sobre a questão.

PETER JACKSON é o primeiro homem da Grã-Bretanha a possuir uma pálpebra magnética. Há cerca de cinco anos, Jackson começou a experimentar dificuldades em mover as pálpebras, a ponto de deixar de ver do olho direito que, em consequência de um desaranjo turvoso, se recusava a abrir. Os médicos do Hospital de New End, em Londres, incrustaram então na pálpebra direita de Peter uma pequena peça de metal magnetizado que mantém o olho direito aberto logo que o paciente coloca os óculos que se vêem na gravura. Peter Jackson pode agora, com toda a facilidade, piscar o olho a sua mulher...

ECOS

A idade das artérias pode conhecer-se pela pele. A arteriosclerose é das doenças mais mortíferas do nosso tempo. Nas cidades, sobretudo, a embolia e o enfarto são a causa de aproximadamente uma em cada três mortes que se verificam. A dificuldade de estudar a arteriosclerose deriva essencialmente do facto de ser impossível fazer experiências nas artérias situadas no interior do organismo. Ora diversos trabalhos muito recentes vieram demonstrar que a nossa pele envelhece ao mesmo tempo que a aorta e as coronárias, podendo assim serem observadas através dela a fixação e a decantação do colesterol nas paredes das artérias. Até mesmo olhando, com olhos de ver, para o rosto de uma pessoa, alguma coisa se conhece já dos fenómenos que se dão nos vasos sanguíneos. As pesquisas levadas a efeito, neste sentido, em Toulouse, no laboratório já célebre do dr. Hubert Boissou visam o primeiro dos factores patológicos da arteriosclose ou, para ser mais preciso, da aterosclerose: o endurecimento. Permitem apreciar, graças ao estudo da parte situada sob a epiderme, o estado da parede arterial e, em particular, da aorta, e determinar um envelhecimento precoce em certos indivíduos, ou, pelo contrário, uma prolongada juventude.

★

SEM o menor propósito de estabelecer polémica com uma folha involuntàriamente humorística que, por acaso, no barbeiro, nos caiu sob os olhos, desejamos, sobretudo em atenção às pessoas de mais alto gabarito intelectual que possam não estar ainda familiarizadas com a expressão «sociedade da produção pela produção» (que não é, aliás, da nossa invenção senão que tem sido usada por Vitorinho de Magalhães Godinho e por sociólogos e economistas, quer de democracias socialistas, quer de países capitalistas), explicar o seu significado. Sociedade da produção pela produção é a impròpriamente chamada, por vezes, sociedade de consumo, onde, na realidade, não há consumo livre, posto que a obsessão de produzir, mormente nos Estados Unidos, acaba por saturar o mercado de produtos, nem sempre de absoluta ou sequer de mediata necessidade, que redundam numa forma de vínculo alienatório, que prende o consumidor à produção. É óbvio que esta, em última análise, visa o lucro desenfreado.

★

REGISTA-SE, pela excentricidade, que, no entanto, não deixa de apresentar um sentido de agressão ao statu quo **americano, esta frase semipublicitária semiprogramática do célebre conjunto musical estado-unidense «The Doors»:** «Não procuramos ùnicamente divertir as pessoas. Somos artistas. O que mais apreciamos são as reacções fortes à nossa música.»

★

CONTRA o ataque de Jean Cau aos beatles, **no seu breve dicionário da década de 60 publicado no semanário** L'Actualité, **insurge-se Jean-Michel Royer, que constata a popularidade de John Lennon e sua mulher, a japonesa Yoko, em França, lamentando que eles não tenham ousado mostrar à espirituosa Gália o seu verdadeiro** poster **(que apareceu decapitado em toda a França, enquanto na Inglaterra se mostrava integralmente).** Diz Jean-Michel Royer: «Fizeram mal. Nem todos os franceses são como esse patife do Jean Cau, que não gosta dos **beatles.** Nem todos são como o homem do campo da Califórnia que, confundindo todos os **hippies** com os assassinos de Sharon Tate, que nem **hippies** eram, agora disparam as caçadeiras, de longe, contra quaisquer jovens de cabelos compridos com flores. Ainda não chegámos ao ponto de farejar nitroglicerina em todos os barbudos de lunetas que passeiam de Roma a Milão a suave timidez de Raskolnikov!»

OS NOVOS HORÁRIOS DOS COMBOIOS DO ESTORIL

Inquérito na «linha» por iniciativa dos próprios utentes

Não abranda (antes pelo contrário aumenta dia-a-dia) o movimento de protesto em torno dos novos horários e das novas tarifas estabelecidas pela Sociedade Estoril na linha Lisboa-Cascais-Lisboa.

— Parece que a Sociedade Estoril respondeu ao Ministério das Comunicações dizendo que apenas um restrito numero de passageiros estava descontente. Já que as entidades oficiais ainda não resolveram fazer um escrupuloso inquérito, vamos nós fazê-lo.

Quem nos fala é a sr.ª D. Maria Luisa Themudo, residente em Carcavelos, uma das pessoas que tomou a iniciativa das reuniões de protesto na Junta de Freguesia daquela localidade.

— O inquérito vai ser feito na próxima semana. Estamos a estudar a maneira mais eficaz de o realizar. E não desistimos enquanto não provarmos que os protestos pelos novos horários não são de uma minoria de passageiros mas da quase totalidade dos utentes da «linha» — acrescenta D. Maria Luisa Themudo.

Ainda a propósito da inconveniência dos novos horários postos em vigor pela «Sociedade Estoril», continuamos a receber numerosas cartas de protesto contra esta deliberação da concessionária da «linha». De entre essas missivas, destacamos um trecho da que nos é remetida pelo sr. António José Sequeira Féria Seita, residente na Rua Quinta de Coruche, lote 13, rés-do-chão, direito, em Paço de Arcos.

Nomeadamente diz o seguinte:

«É na qualidade de utente «forçado» dos comboios da Sociedade Estoril que me dirijo ao «Diário de Lisboa».

Efectivamente, e embora muito já tenha sido dito relativamente aos problemas suscitados pela entrada em vigor tanto das novas tarifas como dos novos horários, suponho que algo haverá ainda a acrescentar.

Tem-se debatido muito o assunto, mormente pelas populações afectadas de Carcavelos e da Parede. Sucede que, tanto no local onde habito — Paço de Arcos — como em Caxias, igualmente graves têm sido os inconvenientes resultantes das novas medidas. Assim, e para o caso dos passageiros com assinatura mensal entre Paço de Arcos e Cais do Sodré, foi estipulado um aumento de cerca de 50 por cento sem se ter atentado na possibilidade material das pessoas que, por não existir qualquer outro meio de transporte pública ao seu dispor, se vêem obrigadas a suportar tão elevado encargo.

Ora, dados os motivos «sàbiamente» invocados pela Sociedade Estoril em nota *oportunamente* vinda a publico — e até porque pretendo ser incluído no numero daqueles, poucos parece, a quem aquela Companhia se acha no dever de dar explicações — «não me oponho» ao aumento de tarifas. (Embora não perceba muito bem que culpa tem o publico de o capital despendido pela referida Sociedade ter de ser amortizado num espaço de tempo mais curto que o normal para casos desta natureza). Sejam quais forem as razões invocadas, elas terão certamente sempre mais peso do que o meu modesto orçamento familiar. É por isso que «não me oponho» ao presente aumento, assim como não me «opus» em 1967, nem me «oporei» certamente em 71, 73, etc., etc.

Todavia, e aqui o assunto torna-se mais escandaloso ainda, no aspecto de horários propriamente ditos a «coisa» deixa muito a desejar. No meu caso concreto e no de tantas outras pessoas, além de me ter que levantar mais cedo para apanhar um comboio — o das 7 e 58 — que chega normalmente a Lisboa á mesma hora daquele que tomava antes das «inovações», verifico com tristeza que apesar da boa vontade com que se anuncia um acréscimo de cerca de 60 comboios por dia, nós, os de Paço de Arcos, passámos a ter menos.

Verifica-se: no sentido Cascais - Lisboa, enquanto primeiramente tínhamos 65 composições a servir-nos diàriamente, com a alteração passámos a ter sòmente 63, e no sentido inverso, de 66 passámos para 61.

Como transparece, pois, dos factos atrás apontados, as melhorias anunciadas parecem não ter beneficiado a maioria, como se pretende fazer crer.»

MAIS ATRASOS E TRÂNSITO EM VIA ÚNICA

Apesar de estar quase completamente reparada a avaria no cabo localizado entre Caxias e Cruz Quebrada, que ontem esteve na origem de inumeros atrasos na linha explorada pela Sociedade Estoril, tornaram a não se cumprir esta manhã os novos horários impostos aos passageiros da ligação ferroviária Lisboa-Cascais-Lisboa.

Dois casos comprovados pelos repórteres do «Diário de Lisboa»: o comboio n.º 612, que saiu de São Pedro do Estoril ás 7 e 56 e deveria chegar ao Cais do Sodré ás 8 e 22, só ali entrou (linha 3) ás 8 e 41 minutos. Logo, com um atraso de 19 minutos. O atraso, daí a pouco, passaria para 30 minutos, uma vez que o comboio n.º 618, que deixou S. Pedro ás 8 e 49, apenas chegou a Lisboa quase uma hora depois. Entrou na gare do Cais do Sodré ás 9 e 45, quando o seu horário estabelecia a chegada para as 9 e 15.

Um informador da Sociedade Estoril declarou-nos que a avaria estará totalmente reparada a meio da tarde, devendo ainda hoje regularizar-se o tráfego. «Mas, de qualquer modo, é natural que nas «horas de ponta» continuem a registar-se atrasos uma vez que o transito entre Cruz Quebrada e Caxias tem estado a fazer-se em via unica» — **concluiu.**

FILMES PUBLICITÁRIOS PORTUGUESES NUM FESTIVAL INTERNACIONAL NA ARGENTINA

O Primeiro Festival do Filme Publicitário Argentino, que se realizou em Agosto do ano passado em Rosário — a segunda cidade da Argentina — organizado pelo Canal 3, da Televisión Litoral S. A., alcançou tão assinalado êxito que os seus promotores deliberaram expandir o seu âmbito e, para futuro, dar-lhe carácter internacional com a participação dos países americanos de língua espanhola, de Portugal e da Espanha. Com efeito, não apenas o nível das produções exibidas, mas também a categoria profissional e social das entidades ligadas ao sector que, de todos os pontos do país acorreram a Rosário a tomar parte no Festival — e que se mostraram altamente interessadas em ampliar as possibilidades de troca de conhecimentos e de pontos de vista proporcionadas por tal iniciativa — levaram a Televisión Litoral a organizar, para Junho deste ano, a realização do Festival do Filme Publicitário Hispano-Luso-Americano, ao qual o Governo argentino deu o seu patrocínio.

A fim de interessar no acontecimento as empresas portuguesas e espanholas produtoras de filmes publicitários, deslocaram-se à Península Ibérica o presidente da Televisión Litoral SA, sr. Alberto C. Collón, que é também o presidente executivo do Festival, e o Departamento de Relações Públicas e Promoção da mesma empresa, sr. Oswaldo Garcia Conde, que desempenha igualmente o cargo de coordenador do Festival, os quais estiveram, primeiramente, em Madrid, onde contactaram com as firmas do país vizinho, cujos responsáveis manifestaram muito interesse na participação no Festival de Rosário.

Deslocaram-se, em seguida, a Lisboa e, aqui, tiveram uma reunião, na Telecine Moro, com os produtores portugueses que, igualmente, se mostraram interessados em participar no certame, cujas características e organização os dois delegados argentinos expuseram, depois de terem exibido as películas que foram apresentadas no Festival de Rosário do ano passado.

Nesta reunião, em que se estabeleceu interessado colóquio e se trocaram pontos de vista sobre a possibilidade da presença portuguesa no Festival Internacional do ano corrente, participaram os srs. José B. Gago e German P. Sanchez, da Embaixada da Argentina em Lisboa; Jorge Galveias Rodrigues, da Telecine Moro; Jorge Tavares Rodrigues, da Latina; Telmo Protázio e Figueiredo Nunes, da Cinevoz; Raimundo Araújo, da Mc Cann Erickson; Manuel Paião e Eduardo Damas, da LPE-Morrison; arquitecto Marcello Morais, da Promo; dr. Alberto Reig, da Movierecord Portuguesa; drs. Artur Portela e Magalhães Santos e João Rapazote Fernandes, da Ciesa; Victor Barroso, da Red; Carlos Pérez Alvaro, da Procope; e Jaime Brito e Luís Nozolino de Azevedo.

Os promotores do Festival do Filme Publicitário de Rosário elucidaram os produtores portugueses sobre a sua participação no certame

A homenagem à escritora Fernanda de Castro

Decorre na segunda-feira, ás 21 horas, no restaurante «A Quinta» (ao Largo do Carmo), o anunciado jantar de homenagem á escritora Fernanda de Castro, promovido por uma comissão de amigos da autora de «África Raiz». Falarão algumas individualidades destacadas da literatura e ler-se-ão, depois, poemas da homenageada.

MORADIA E TERRENOS

Vendem-se: Moradia em Carcavelos, preço 850 contos — Andar a 50 metros da praia de Carcavelos, local maravilhoso, preço 420 contos — Quintinha perto do Estoril, preço 420 contos — Lotes de terreno para moradias, com deslumbrantes vistas e nos melhores locais da Costa da Caparica, Caxias, Parede e Cascais, vendemos os terrenos ou construímos por encomenda ao gosto do comprador. Os preços são sujeitos a oferta e facilita-se pagamento em tudo e dão-se rigorosas referências. Trata a firma proprietária e construtora Tecnicimento, Av. 5 de Outubro, 31-r/c. — Lisboa-1 — Telef. 539773 e 539774 escritório e 771664 residência.

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU. UMA JÓIA É SEMPRE UM VALOR. **GRANDE OURIVESARIA DA MODA** RUA DA PRATA, 257

Conta Inf BANCO DO ALENTE

Um sinal de «Stop» localizado na Estrada Marginal, junto á Parede, foi mesmo ordem para parar. Às 4 e 10 de hoje, talvez porque o piso estava muito escorregadio, um «Porsche» branco, que se dirigia para Lisboa, despistou-se e depois de embater num poste de iluminação ficou quase desmantelado. Dois dos três passageiros receberam tratamento no Hospital de São José (onde tinham sido transportados numa ambulância dos Bombeiros Voluntários da Parede e num carro particular), mas já recolheram a suas casas dada a pouca gravidade dos ferimentos. Trata-se dos srs. Joaquim Nunes Mourão (de 30 anos), ajudante de notário, residente na Avenida Marquês de Pombal, 49, 1.º, na Amadora) e Joaquim Augusto Carreira (de 27 anos, agente comercial, morador na Estrada Poço do Chão, lote 6, 7.º, esq.º, em Benfica), que, decerto, não ganharam para o susto

O projectado Ensino Politécnico englobará o ensino médio e os seus cursos durarão três anos

O Governo enviou á Camara Corporativa, para emissão do respectivo parecer, um projecto de proposta de lei sobre a criação do Ensino Politécnico, com o objectivo de instituir um grau de ensino «destinado a conferir preparação técnica especializada e adequada ao desempenho de actividades profissionais que não requeiram pela sua própria natureza ou por determinação da lei, habilitação universitária». Diz-se no preambulo do projecto do diploma que a formação de técnicos de nível não universitário, destinados a exercer a sua actividade em todos os sectores da vida nacional, «vem sendo apontada desde há muito como um dos aspectos em que a preparação escolar mais directamente se relacionam com os problemas gerais da economia nacional.

«Para uma desejável democratização do ensino»

Lembra-se, ainda, o que foi dito sobre as carências do nosso ensino médio pela Camara Corporativa (...«não há edifícios próprios, não há planos de estudos adequados, não há pessoal docente com preparação específica» ... «a percentagem de diplomados é a mais baixa de todos os ramos...») e admite-se, a certa altura, que «o ensino técnico português não corresponde ás solicitações que lhe são feitas». E acrescenta-se:

«Pelo presente diploma estabelecem-se as bases para a organização do ensino médio, em termos de abranger todos os sectores da actividade profissional que não exigem curso universitário. A denominação *ensino politécnico* exprime precisamente a polivalência que se pretende atribuir a este ramo de ensino, e vem substituir a expresão — *ensino médio* — que não traduzia correctamente o carácter terminal destes estudos, e que talvez por isso não contribuiu para a sua indispensável expansão. Desde já se prevê, no ramo agrícola, o funcionamento dos cursos de agricultura, de silvicultura, de pecuária e de industrias alimentares agrícolas. No ramo industrial, o dos cursos de metalomecanica, electrotecnia, de construção civil, obras publicas e minas, de química, têxtil e de construção naval. No ramo dos serviços, onde a falta de cursos técnicos era particularmente sensível, os cursos previstos são os de administração publica, gestão de empresas e relações humanas, contabilidade, análise de informática, comércio e publicidade, secretariado e correspondência, relações publicas, informação e comunicações, turismo, serviço social. No ramo artístico deverão funcionar cursos de estética industrial (Design), decoração, artes gráficas, magistério do desenho.

«Estabelece-se ainda que, sempre que as necessidades de formação de pessoal classificado nos vários domínios da economia nacional o justifiquem, venham a ser instituídos quaisquer outros cursos adaptados ás necessidades do desenvolvimento do País. A organização dos cursos, a sua duração mais curta que a dos cursos universitários e a sua índole prática e profissional, e até a localização dos estabelecimentos, que obedecerá a critérios de planeamento regional permitirão ampliar de forma muito sensível as possibilidades de acesso á cultura dos nossos estudantes, em especial dos menos favorecidos, contribuindo, portanto, para uma desejável democratização do ensino.»

Vão ser criados Institutos Politécnicos e Institutos Tecnológicos

Na proposta de lei diz-se expressamente: o Ensino Politécnico englobará o actual ensino médio. Os estabelecimentos de Ensino Politécnico denominam-se Institutos Politécnicos se neles se ministrarem o ensino de vários grupos de actividades. Quando se ocupem de um só grupo dar-se-lhe-á a designação de Institutos Tecnológicos, acrescida de termos identificadores da actividade que nele se abrange. Em qualquer dos casos, os estabelecimentos serão individualizados pela indicação da respectiva localidade.

A matrícula nos estabelecimentos de Ensino Politécnico é facultada, sem exame de admissão, aos que hajam obtido aprovação em qualquer curso técnico profissional e numa secção complementar preparatória adequada, ou aos que tenham obtido aprovação em qualquer das alíneas do 3.º ciclo liceal. Os que só possuam o 5.º ano do liceu terão de fazer exame de admissão para frequentarem os cursos do ramo de serviços.

Os diplomados pelos cursos politécnicos terão acesso ao ensino universitário, sem exame de aptidão, mas só em cursos relacionados e em determinadas condições de aproveitamento.

Os cusos politécnicos não deverão ser superiores a 3 anos. O projecto de estatuto do Ensino Politécnico será elaborado no prazo de 90 dias a partir da aprovação do diploma, pela Direcção-Geral do Ensino Técnico Profissional.

Infantil
ALENTEJO

Mais um navio português prestou auxílio a pescadores senegaleses

Num curto período de tempo, dois navios da nossa Marinha Mercante prestam socorro a marinheiros senegaleses.

Há pouco mais de mês e meio o «Príncipe Perfeito», da Companhia Nacional de Navegação, salvou de situação aflitiva alguns pescadores do Senegal, que andavam á deriva, sem combustível e sem alimentos. Agora, foi o cargueiro «Alenquer», da Sociedade Geral, que em viagem de Cabinda para o Havre, encontrou perdidos no mar, com a máquina da sua embarcação partida, nove homens, todos pescadores senegaleses. O acidente ocorreu a 80 milhas ao Sul de Dakar. O capitão do «Alenquer», João Pereira Mano, destribuíu alimentos e deu instruções para que o barco senegalês fosse rebocado para Dakar, onde o deixaram fundeado á entrada da Baía Peras.

A CAÇA FECHA NO DIA 15

Finda no dia 15 a época geral da caça. Porém, até 15 de Fevereiro, é permitido caçar lordos, á espera e sem cão, nos pinhais e olivais, e galinholas, nas marachas, montados, pinhais e outras matas, mas apenas nas áreas delimitadas, para ambas estas espécies, pelas comissões venatórias regionais; espécies não indígenas, nas lagoas, albufeiras, estuários e terrenos pantanosos e de lezíria, onde não sejam sedentários o coelho e a perdiz; lebre, ùnicamente a cavalo e a «corrichão», nos terrenos contados.

Até 15 de Março é permitido caçar pombo bravo, com ou sem negaça, nos montados e pinhais sitos a sul do rio Tejo e nos concelhos de Castelo Branco, Vila Velha de Rodão, Idanha-a-Nova e Penamacor, á espera e sem cão.

A «SEMANA DA ITÁLIA» NO PORTO

PORTO, 9 — De amanhã até ao dia 17, decorrerá, aqui, como dissemos, a «Semana da Itália», iniciativa de caracter comercial, promovida pelo Consulado daquele país e pela Câmara do Comércio Italiana em Portugal, através da sua delegação nesta cidade. Incluí a apresentação, nas ruas de Santo António e de Santa Catarina, até a Rua Formosa, de cerca de 50 montras decoradas com motivos apropriados e nas quais serão expostos produtos italianos normalmente importados.

No mesmo período efectivar-se-ão outras iniciativas que constam do seguinte programa: Amanhã, ás 16 e 30, inauguração, oficial da «Semana», pelo presidente da Câmara Municipal; ás 18 e 45, «cocktail» nos salões da Casa da Itália; segunda-feira, ás 18 e 15, no Cinema Batalha, projecção do filme italiano «Lábios Pintados», em colaboração com o Clube Português de Cinematografia e o Cineclube da Boavista; quarta-feira, ás 18 e 30, projecção de filmes industriais italianos no salão do Consulado da Itália; quinta-feira, ás 18 e 15, projecção também no Cinema Batalha, do filme italiano «Os Complexos».

Durante a «Semana» haverá na Casa «Portuguesa», em Santa Catarina, um concurso de desenhos reservado a jovens (tema livre sobre a Itália) e projecção, através do sistema de TV circuito, de trabalhos efectuados. Ao vencedor deste concurso será atribuida uma maquina de escrever «Olivetti».

Mais de 100 delegados estrangeiros participam a partir de hoje em Lisboa na 22.ª Conferência Geral da I.A.E.S.T.E.

Com uma sessão ás 10 e 30, no Instituto Superior de Medicina Tropical, começa amanhã a 22.ª Conferência Geral do The International Association for the Exchange of Students for Technical Experience (Associação Internacional para a troca de Estudantes para Experiência Técnica), em que participam representantes de 17 países (professores de ensino técnico e industriais).

Os participantes na conferência, cujas reuniões decorrerão no Hotel Tivoli, tiveram hoje, ao fim da tarde, um «cocktail» de boas-vindas, naquela unidade hoteleira.

A I.A.E.S.T.E. surgiu em 1948 e, por iniciativa do prof. Correia de Barros, da Faculdade de Engenharia do Porto, e da Associação dos Estudantes do Instituto Superir Técnico, Portugal começou a prestar-lhe colaboração a partir de 1954. O objectivo da I.A.E.S.T.E. é promover, anualmente, a troca de estudantes de Engenharia entre os diversos países membros para que possam frequentar, noutras terras, grandes organizações industriais, completando, em regime de estágio de férias, os conhecimentos préviamente adquiridos. Os fins da Conferência Geral, que conta com a presença de mais de cem delegados estrangeiros, são os seguintes, nomeadamente: estudar a possibilidade dos estágios de estudantes engenheiros; admissão de novos membros; balanço da actividade do I.A.E.S.T.E. nos anos de 1968 e 1969; apreciação da colaboração ineficiente de alguns países e elaboração de suplementos ao «Manual» daquela organização.

O presidente da comissão portuguesa de honra é o prof. Correia de Barros e o presidente da comissão executiva, o prof. Bernard Jersosch Herold, assistido por vários professores e representantes dos estudantes de engenharia de Lisboa e do Porto e das Associações Industrial Portuguesa e Industrial Portuense.

«Democracia do Sul»

Celebrou o seu 67.º aniversário o nosso prezado colega «Democracia do Sul», diário eborense, que tem como director o sr. dr. João Leitão da Silva. Apresentamos-lhe e aos seus colaboradores cordiais saudações.

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

O almirante Roboredo despediu-se da Armada

Durante uma tocante e íntima cerimónia, no gabinete de trabalho do Ministro da Marinha, o vice-almirante Armando de Roboredo, que até aqui exerceu as funções de chefe do Estado-Maior da Armada, despediu-se hoje com as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto, das suas funções — que tem de abandonar por a sua idade o atirar para a reserva — e dos camaradas de tantos anos.

«*Ao deixar a nossa querida Marinha, levo comigo uma profunda mágua*» disse o almirante, «*é não ter ocupado um posto em Africa desde que a subversão ali começou*».

O almirante, que antes de proferir as suas palavras de agradecimento pela cerimónia que lhe foi dedicada, tentara resistir a dois fortes ataques de choro, afirmou ainda que «*a Marinha continua a ser uma força que a Nação estima e acarinha porque está sempre ao serviço de todos os portugueses*» e declarou que «*estou convencido de que a Armada é um dos mais fortes pilares da Nação no futuro*».

A cerimónia foi aberta com o sr. almirante Pereira Crespo a proferir amistosas palavras de elogio do homenageado e com a leitura de um despecho de louvor ao almirante Roboredo, que no final abraçou todos os oficiais superiores que assistiram á simples cerimónia.

O almirante Roboredo ocupa actualmente uma banca de deputado na Assembleia Nacional.

Os Juniores franceses para o jogo com Portugal

PARIS, 9 — (F. P.) — Vinte e cinco juniores cujos nomes foram enviados á União Europeia de Futebol, foram pré-seleccionados com vista ao jogo França-Portugal, de 23 de Janeiro, preliminar do Torneio Internacional de Juniores.

São os seguintes:

Guarda-redes: Bertrand-Demanes (Nantes), Gili (Marselha), Peron (AIX).

Defesas: Becker (Pierrots Estrasburgo), Boissier (Nimes), Bracci (O. Marselha), Gardon (Nantes), Bianquinto (Lille), Giordano (Cavigal Nice), Greck (AIX), Lechatelier (Angers) Roulot (Nantes La Ville).

Médios: Arribas (Nantes), Deutschmann (Estrasburgo), Differding (Sédan), Neubert (Valenciennes).

Avançados: Chouvin (Lille), Dhamane (Mulhouse), Ferrie (RC França), Giachetti (Valenciennes), Lacombe (Lyon), Rostagni (Cavigal Nice), Sarramagna (St. Etienne), Santtini (St. Etienne) e Verstraete (E.B.F.N.).

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL

É hoje, ás 21 e 30, que se efectua, na sede da Associação Industrial Portuguesa, a reunião dos componentes da direcção e dos presidentes da mesas de secção, para apreciação do plano de reestruturação dos serviços, bem como o programa de trabalhos para 1970.

Entregues os prémios «João Pereira da Rosa»

Em comemoração do 89.º aniversário de «O Século», foram ontem entregues, no salão de festas daquele nosso prezado colega da manhã, os prémios «João Pereira da Rosa», instituídos para galardoar trabalhos de reportagens vindas a público nas diversas publicações da Sociedade Nacional de Tipografia.

A cerimónia da entrega dos prémios foi presidida pelo sr. dr. Guilherme Pereira da Rosa, director de «O Século», ladeado por sua mãe, D. Angélica Pavão Pereira da Rosa, presidente do conselho de administração da Sociedade Nacional de Tipografia e, entre outras destacadas figuras da empresa, os administradores srs. Joaquim Pavão e eng.º Francisco Eugénio Martins.

Sobre o significado da cerimónia falou o sr. dr. Guilherme Pereira da Rosa, que se referiu a problemas internos da sua empresa, salientando que a política da Sociedade Nacional de Tipografia tem sido a dos investimentos — em compensação ao pessoal e em máquinas — e afirmou:

«Os donos de «O Século» têm abdicado, abdicaram sempre, de remuneração ao capital que aqui está investido, para que a Casa progrida».

Por fim, o director de «O Século» procedeu á entrega dos prémios, que galardoam, na sua maioria elementos do «Século Ilustrado» (Duarte Figueiredo, Conceição Gomes da Silva e Eduardo Gageiro) e de «O Século» (Fernando Baião), além dos srs. Filipe Luís das Neves e Francisco Andrade, dos quadros técnicos da empresa.

Iate irlandês

Depois de ter sofrido as inclemências do tempo, numa viagem que foi difícil, chegou de Vigo o iate irlandês «Arran Lad», com três tripulantes, que são afinal, da mesma família: Standich Roche, sua mulher Evelyn Laura Roche e David Roche.

O barco entrou na doca de Alcântara, donde sairá, em breve, para se abrigar na doca do Bom Sucesso. O proprietário do barco é o próprio Standich Roche, que está disposto a efectuar uma longa viagem.

Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal

S. C. A. R. L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

1.ª CONVOCAÇÃO

Convoco os Snrs. Associados a reunirem-se na Sede Social, Calçada do Duque, 25, pelas 21,30 horas do dia 20 de Janeiro de 1970, sendo a:

ORDEM DOS TRABALHOS

Apreciar, discutir e votar:

1.º — Eleições para o triénio 1970/972.

2.º — O relatório de Contas e o parecer do Conselho Fiscal, referentes ao exercício de 1969.

3.º — Nomeação duma Comissão Revisora das Contas no triénio 1966/968, composta de três membros que darão o seu parecer no máximo de 90 dias.

Lisboa, e Sede da C. T. P. aos 6 de Janeiro de 1970.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA

a) — Alfredo Júlio dos Santos

NOTA: Como por certo a Assembleia Geral não poderá realizar-se na data indicada, por falta de numero, é intenção da mesa realizá-la em 2.ª Convocação, isto é, com qualquer numero de associados, em 3 de Fevereiro de 1970, no mesmo local, á mesma hora.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	5,8$
Consolidado 3%	530$	—	530$
Consolidado 3 1/4%	—	—	620$
Centenários 4%	1.480$	—	1.490$
Obrgs Tesouro 5%	—	1.005$	1.010$
Externo Série	—	600$	700$
Externo Série C	—	820$	830$
Externo 3 Série	—	720$	—
Externo 3 Série C	—	750$	820$
Cautelas 3 Série	—	—	160$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	920$	925$
A P I 5% 58	—	920$	925$
C P 4 1/2% 65	—	—	—
C P 5 1/2% 67	1.000$	990$	—
C U F 6%	1.000$	999$	1.000$
C U F 6% 68	1.015$	1.015$	1.017$
Gás Elect 4% 48	—	780$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	815$	—
Gás Elect 5% 52	—	890$	—
Gás Elect 5% 58	—	890$	—
Gás Elect 5% 59	—	890$	—
Gás Elect 5% 62	—	910$	—
Gás Elect 5% 63	—	910$	—
Gás Elect 5% 65	—	900$	—
Gás Elect 5% 67	—	—	—
H E A Alentejo 5%	—	—	—
H E Cávado 5%	—	—	—
H E Cávado 6%	—	—	—
H E Douro 5%	—	1.000$	—
H E Douro 6%	—	—	835$
H E Norte Port 5%	—	—	998$
H E S Estrela 6%	—	—	—
H E Zêzere 5% 55	—	—	995$
H E Zêzere 5% 57	825$	—	830$
Lisnave 6%	—	—	—
Metropolitano 4%	—	995$	1.000$
Metropolitano 3 3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	—	1.000$
Nac Electr 5%	—	—	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímico 5%	—	—	820$
Port Celul 5%	—	865$	—
Sacor 5% 54	—	950$	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	890$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	840$	—	—
T A P 4%	—	840$	850$
Termoelect Port 5%	813$	—	—
U E P 3 3/4%	—	810$	815$
U E P 4%	—	84$	86$
U E P 4 1/2%	—	84$	—
U E P 5%	—	—	—
U E P 5% 60	81$5	81$	83$
U E P 5% 63	—	—	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.300$	2.295$	2.310$
Alentejo	1.100$	1.100$	1.102$
Angola	3.690$	3.650$	3.690$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	5.700$	5.650$	5.730$
E. Santo	—	18.500$	19.500$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	—	20.000$	25.000$
Fomento Nacional	2.420$	2.400$	2.450$
L G Açores p	7.100$	7.120$	—
L G Açores n	—	—	—
P Atlântico p	5.850$	5.820$	5.900$
Portugal n	—	3.200$	3.300$
Portugal p	—	4.200$	4.400$
Totta Aliança	6.450$	6.400$	6.500$
Ultramarino n	3.580$	3.570$	3.580$
Ultramarino p	3.870$	3.870$	3.880$
Seguros			
Alentejo	81$5	81$	82$
Douro	—	—	—
Mundial	890$	885$	900$
Sagres	—	1.050$	2.600$
Tranquilidade	—	60.000$	65.000$
Ultramarino	—	18.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	895$	885$	900$
Ag Cassequel	800$	785$	805$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	470$	500$
Ag. S Tomé e Príncipe	—	355$	370$
Borar	—	180$	—
Buzi	—	80$	—
Cabinda	—	242$	245$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	2.400$	2.395$	2.410$
H E Revuè	—	640$	—
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	181$	179$	181$
Sonefe n	—	—	—
Sonefe p	445$	445$	448$
Zambézia	85$	—	86$
Angolana	—	—	—
Diversas			
Cidla	7.890$	7.850$	7.900$
Cim Leiria	—	4.500$	5.300$
Cim Tejo	—	—	7.000$
Col Navegação	—	1.450$	1.500$
C U F	—	1.530$	1.560$
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	3.800$	4.000$
Petroquímico	2.100$	2.095$	2.100$
Port e Colónias	1.430$	1.430$	—
Port Celulose	4.350$	4.300$	4.400$
Port Pesca	—	—	—
Port Tabacos	785$	784$	787$
Sacor	—	4.700$	4.780$
Siderurgia Nac	1.820$	1.800$	1.830$
Soce	3.410$	3.400$	3.450$
Tabacos de Portugal	—	1.810$	1.870$
Tabaqueira	—	1.810$	1.870$
U F Azoto	—	7.600$	8.000$
	882$	880$	882$
Agua Elect e Gás			
Aguas Lisboa p	—	—	—
Aguas Lisboa 34	—	400$	—
Aguas Lisboa 36	—	420$	—
Elect Beiras	—	400$	—
Gás Electr	—	1.600$	—
H E Alto Alentejo	430$	430$	431$5
H E Cávado	157$5	157$5	158$
H E Douro	1.275$	1.275$	1.280$
H E Norte Portugal	1.277$	1.275$	1.279$
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	—	—	—
Nac Electricidade	1.275$	1.275$	1.280$
Termoeléctr Port	1.275$	1.275$	—
U E P	1.280$	1.276$	1.280$
	190$	—	190$5
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F Atlântico	—	204$9	211$
F D E	—	126$2	130$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	2-1-1970	8-1-1970	9-1-1970
GERAL	150,7	151,6	152,1
METRÓPOL.	142,8	143,5	143,9
ULTRAM.	208,5	211,2	212,6

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rands	36$50	38$50
América.		
— Dollars de 1 a 2	28$00	28$50
— Dollars de 5 a 1000	28$30	28$70
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$55	7$85
Austria — Schilling	$05	$08
Argentina — Peso	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$00	7$00
Espanha — Peseta	$39,2	$40,7
Holanda — Florim	7$65	7$95
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,4	$04,65
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$70	5$10
Suíça — Franco	6$50	6$70
Marrocos — Dirham	4$80	5$30
Dinamarca — Coroa	3$60	3$90
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	260$00	280$00
Ouro fino — Barra	34$70	36$70

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA

Por imperiosa necessidade de realização de trabalhos da Companhia das Águas de Lisboa no seu sistema abastecedor de Sacavém, Figo Maduro e Prior Velho, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de água será interrompido das 16 ás 17 horas do dia 10 de Janeiro em curso.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures, 8 de Janeiro de 1970.

O Engenheiro Director-Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de ampliação e remodelação na rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 11 (Domingo), das 8 ás 12 horas, nas seguintes zonas:

Sacavém de Cima, Prior Velho, Bairro da Fonte Perra, Camarate, Fetais, Galvão, Apelação, Catujal, Unhos, Bairro do Grilo e toda a linha de A. T. entre Sacavém Unhos e Bairro do Grilo.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures, 8 de Janeiro de 1970.

O Engenheiro
Director-Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

ENG. AGRÓNOMO
CARLOS DURO CONTREIRAS

A Direcção da UCAL — União das Cooperativas Abastecedoras de Leite de Lisboa, a Mesa da Assembleia Geral, o Conselho Fiscal e as Direcções das Cooperativas suas associadas cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu amigo e Presidente da Direcção, realizando-se o funeral no dia 10, pelas 11 horas, da residência na Rua S. João de Brito, n.º 5, para o Cemitério dos Prazeres.

ENG. AGRÓNOMO
CARLOS DURO CONTREIRAS

O Pessoal da UCAL — União das Cooperativas Abastecedoras de Leite de Lisboa, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu grande amigo e Presidente da Direcção, realizando-se o funeral no dia 10, pelas 11 horas, da residência na Rua São João de Brito, 5, para o cemitério dos Prazeres.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

Joana (Eunice Muñoz) procura em «O Jogo da Verdade» o «seu» jogo da felicidade

O Jogo da Verdade «A LAREIRA ESTÁ ACESA»

Prossegue a série dramática, original de Costa Ferreira, «O Jogo da Verdade», com o terceiro episódio intitulado «A lareira está acesa».

Neste episódio, a transmitir pelas 22 e 15, intervêm os seguintes actores: Eunice Muñoz, Sinde Filipe, Josefina Silva, Helena Félix e António Couto-Viana.

Cenários de António Botelho e realização de Oliveira e Costa.

CASA DA COMÉDIA

Hoje, às 22 horas, no teatro das Janelas Verdes, na Rua de São Francisco de Borja, 22, o conhecido teatrólogo belga Tone Brulin fará a sua segunda e última palestra subordinada ao tema «Teorias de Jerzy Grotowsky — O Teatro pobre». Tone Brulin, a convite da Casa da Comédia com o patrocínio do Fundo do Teatro e da Fundação Calouste Gulbenkian, estará em Lisboa, até ao próximo dia 10, a ministrar um curso sobre o teatro pobre de Grotowsky, destinado exclusivamente a jovens actores portugueses ou a aspirantes a actor.

A marcação dos lugares poderá ser feita, depois das 18 e 30, pelo telef. 677299 ou directamente na sede.

«JAM-SESSION» NO HOT CLUB

Três conjuntos, um deles americano, participam na «jam-session» que o Hot Club de Portugal realiza, de amanhã, a partir das 22 horas, na sua sede da Praça da Alegria.

A sessão de «jazz» primeira de uma série que o Hot Club programou para este ano, inclui o Bossa Jazz 3 e o conjunto de António Pinto Barbosa, ambos de Lisboa, e ainda os americanos (convidados) de Kevin Hoybale.

MENSAGENS DE MILITARES EM SERVIÇO EM MOÇAMBIQUE

Continuam a ser transmitidas as mensagens de Natal dos soldados, em serviço nas províncias ultramarinas, integradas no programa das Forças Armadas «Ao Serviço da Nação».

Hoje, pelas 20 e 30, é exibido um filme, realizado por Adriano Nazareth em Moçambique, com as saudações dos militares ali em serviço. Imagem de António Silva e som de João Lourenço.

Cesário Verde em «Os homens, os livros e as coisas»

Pelas 19 e 45, Joaquim Magalhães apresenta o seu programa «Os homens, os livros e as coisas ..», versando, fundamentalmente, Cesário Verde, o seu amor por Lisboa e a sua poesia.

Cesário era filho de um comerciante lisboeta que lhe deu uma aprendizagem da vida logo desde muito cedo e que lhe exigia uma atenção contínua aos objectos que o rodeavam.

Helena Domingos colabora no programa dizendo alguns dos poemas de Cesário Verde.

Carmen Sevilla revive, no 2.º Programa o seu grande êxito no filme «A Irmã de San Sulpício»

II PROGRAMA «Noite de Cinema:» A irmã San Sulpicio

A emissão do 2.º Programa é totalmente dedicada à «Noite de Cinema» e ao filme «A Irmã San Sulpicio» com a actriz espanhola de grande popularidade Carmen Sevilla.

Com a sua actuação na série «Brigada especial», Clarence Williams conquistou enorme popularidade e granjeou uma «pequena» fortuna

A Brigada Especial LUZ NA ESCURIDÃO

Pelas 22 e 50 exibe-se o filme «Luz na escuridão» da série policial «A brigada especial», que conta com o concurso dos actores Michael Cole, Clarence Williams e Peggy Lipton, acompanhados pelo veterano Tige Andrews.

Earl Bellamy é o realizador do episódio e a história situa-se numa praia deserta, onde uma jovem negra, cega, é atacada. Quem seria o agressor, e qual o motivo? É esse o problema que a «Brigada especial» vai tentar resolver.

CARTAZ TV

OLA AMIGOS!..., é a saudação inicial e logo Jorge Alves apresenta pelas 20 e 10 o programa «Cartaz TV» com um resumo ilustrado dos programas que ao longo da próxima semana poderão ser vistos pelos telespectadores. Evidentemente, que os pequenos amigos de Jorge Alves terão os seus «desenhos animados».

Casei com uma feiticeira

«Ao ano andará, aos dois falará, senão burro ficará...», pois Endora, por «artes mágicas», consegue que a netinha, um bebé recém-nascido, fale... Os espectadores apreciadores da série «Casei com uma feiticeira» têm, cerca das 21 horas, no episódio intitulado «O bebé falou», a «conversa» da filha da «Samanta» e «Darrin». Estes, os papás, são os actores Elizabeth Montgomery e Dick York. Endora, a incrível «sogra», é Agnes Moorehead.

AMANHÃ — I Programa — Às 15: Abertura; 15 e 1: Telejornal; 15 e 10: Nós as mulheres; 15 e 35: Momento de Decoração; 16: TV Infantil; 16 e 30: TV Educativa; 16 e 55: Movimento e Saude; 17 e 5: Estudio sem marcação; 17 e 50: Teledesporto; 18 e 30: Enciclopédia; 18 e 55: Nos bastidores da aventura; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série Juvenil; 20 e 10: .. E a vida continua...; 20 e 25: Concerto; 21 e 30: Telejornal; 22 e 35: Estudio C, 22 e 55: «Os Invasores»; 23 e 55: Marcha do mundo e Fecho.

II Pograma — Às 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: «Tele-Ritmo»; 23 e 30: Fecho.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: O grupo coral da Cerâmica de Valadares; Separador; 16 e 30: Roteiro musical português; 17: Ginástica de pausa pelo dr. Marques Pereira — Roteiro musical português; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: Portugal nos trópicos — por Mário Príncipe; 18 e 40: No mundo da canção; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 45: Rádio rural — Musica, só musica; 20: Junção: Diário Sonoro; 20 e 20: Desdobramento — Melodias por orquestras; 20 e 40: 8.º episódio do folhetim «Roça»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Novidades em discos: texto e selecção de Paul Medeiros; 22 e 05: O homem e a sociedade, por António João Bispo — Separador; 22 e 30: Fados, por Ana Hortense e Natalino Duarte; 22 e 50: Musica ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Porgrama — 397 m — 755 kc/s — Às 15: Musica sinfónica — Bailado do 3.º acto da ópera «Vészeros Sicilianas» (Verdi); 16: Folclore do Mundo — Cantos Judeus Espanhóis originários do século XVI — Musica da Grécia — Cantos de Egin — Danças da Roménia; 16 e 25: Curiosidades musicais — Alvorada — Trecho da ópera «O Esoravo» (Carlos Gomes) — Trio em ré maior, op. 21 (Sergei Taneyev)

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 5: No mundo aconteceu; 19 e 30: Radio-Jornal; 20 e 07: Europa musical; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45. Em foco...; 21 e 08: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P B X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: «Diário rural» 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô Gô; 0 e 02: Em órbita-dois, 7 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30. Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia, 21 e 02: Orquestras; 21 e 15: Só-Rádio, 21 e 45: Mensageiro do evangelho; 22 e 02: Primeiro plano; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 6: Radiorama; 18 e 05: Programa Sumol; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires, 19 e 05: Diálogo com os que sofrem; 19 e 30: Página 1; 20 e 55. Meditando; 21: Musica e canções para o seu fim de semana; 21 e 45: Grande Plano; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Cantas a ninguém; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2 — **Rádio Graça** Das 14 e 30 ás 19 e 30.

canal da crítica

TERCEIRA ESCOLHA OU ESCOLHA DE TERCEIRA?

1 — Alenn Howard tem um camarada fotógrafo preso num país africano e em poder de Kubani, que lutava contra Wamumba, o presidente. Kubani pede 100 mil dólares pela entrega do fotógrafo.

2 — Wamumba, o presidente, vive entre dois fogos: por um lado, os insurrectos, por outro, os «ultras», que o presidente ainda não pode dominar e que, a coberto de uma certa impunidade, praticam actos violentos. E ilegais: os «ultras» vão ao ponto de vasculharem na vida privada dos adversários, utilizando microfones e espiões, métodos que os «ultras» só abandonarão, com certeza, quando deixarem de estar certos da impunidade ou quando a opinião publica puder ser informada com respeito absoluto pela verdade, donde poderá resultar que o feitiço se volte contra o feiticeiro.

3 — Entretanto, Wamumba congela a conta do Alenn, o que o impede de pagar o resgate. Sem dinheiro, sem desejar pactuar com os «ultras» e sem desistir de libertar o colega, Glenn opta por uma terceira escolha: contrata mercenários, serve-se de Kubani (que, com os seus, se refugia num banco encostado ao cais...) como escudo, mas impede que a gente de Wamumba se apodere dele.

4 — Tudo na série se encontrava a postos para expor a graciinha da anedota da terceira escolha. O resto, já não interessava. Tanto podia passar-se na África, como na América Latina, como na Ásia. A escolha da África, na óptica americana, deve justificar-se por uma questão de exotismo e por ser tema geográfico menos candente nas preocupações ianques.

5 — Está bem. Mas será lícito, a quem quer que seja, brincar com coisas sérias?

«Convergência» acabou a sua emissão de ontem, como habitualmente, com a «Crónica», de Fernando Botelho, um caso verdadeiramente extraordinário de literatura oral, uma literatura onde as próprias vírgulas, as exclamações, as reticências, têm uma presença visual. Pasma-se do virtuosismo que, só por si, é motivo bastante para aguardar a ultima página de «Convergência». Por singular, espantamo-nos que Fernando Botelho haja recorrido á leitura dos títulos de obras que recomendou aos telespectadores.

A parte mais significativa da rubrica á responsabilidade de Eduíno de Jesus foi aquela em que se prestou homenagem a José Régio. Imagens muito pobres do enterro e dois poemas muito bem ditos por Álvaro Benamor (estava nos seus dias) e por Manuela de Freitas.

Para falar do poeta veio João Gaspar Simões. Nos antípodas de Fernando Botelho, leu as folhas conscienciosamente, como se manifestasse uma prenda. Nenhum mal nisso, cada qual tem os seus métodos e João Gaspar Simões procedeu bem. Quando não se goza do dom da palavra, torna-se aventura perigosa falar á volta de matéria tão grave como a poesia, os poetas

A escolha de João Gaspar Simões justificava-se a todos os títulos. A competência do crítico aliava-se ao conhecimento do homem e á presença do amigo. Ele estava, pois, indicado para contaminar de José Régio o publico telespectador, para o incitar á convivência com o poeta.

Na realidade tal não veio a acontecer, salvaguardem-se embora, as boas intenções. Palavras que se ouviram foram distantes, frias, quase indiferentes. E algumas muito desorientadoras do publico

(Continua na página seguinte)

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

menos dado ás letras. Custa a crer que um homem de bom-senso generalize ao ponto de escrever que «*os grandes poetas são cada vez mais raros neste mundo*» que «*se perdeu, na poesia contemporanea, o sentido da grandeza*» que «*os tempos de hoje (são) mais dados ao fingimento do que á grandeza próprimente dita*», que «*os poetas que mais se preocupam com a maneira de dizer são geralmente os que menos têm a dizer*»

Recordemos a sua afirmação, segundo a qual «*com Camões, com Bocage, com Antero, com Junqueiro, com Gomes Leal, com Teixeira de Pascoais, com Fernando Pessoa, (..) José Régio é, com eles, um dos ultimos grandes poetas da literatura portuguesa*».

Afinal, escrever não impede a leviandade. Mesmo sem sairmos das coordenadas que limitam a «autêntica poesia» na perspectiva de João Gaspar Simões, será imperdoável esquecer Sá-Carneiro, Camilo Pessanha, António Nobre, João de Deus, que sei eu, que sei eu! E certamente João Gaspar Simões não recusará alvará a Cesário, a Tolentino a Garrett, a Filinto, etc. etc. Queiramos nós tornar á poesia contemporanea, a tal dama de maus costumes poéticos que João Gaspar Simões olha com tamanha desconfiança — e não nos será lícito esquecer (para citarmos apenas alguns exemplos) António Botto, José Gomes Ferreira, Carlos Queirós, Mário Cesariny, António Gedeão, Sophia de Mello Breyner, Jorge de Sena, Eugénio de Andrade, Herberto Helder, António Reis, Manuel da Fonseca...

João Gaspar Simões não foi feliz. Deve ter escrito o seu apontamento sobre os joelhos — e a velocidade traiu-o. José Régio não lhe agradeceria o facto de estar ali, nas mãos do crítico preconceituoso, como um mero pretexto.

MÁRIO CASTRIM

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Câmara Municipal de Lisboa

EDITAL N.º 261/69

Eu, António Vitorino França Borges, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, faço público que em reunião de 18 de Dezembro de 1969, continuada em 29 deste mês e ano, foi aprovada a seguinte proposta e a respectiva tabela de taxas, licenças e outras receitas municipais, de harmonia com o Decreto-Lei n.º 49 438, de 11 de Dezembro de 1969:

Artigo 1.º — É aprovada a tabela anexa, de taxas, licenças e outras receitas municipais, a cobrar a partir de 1 de Janeiro de 1970.

Art.º 2.º — 1. Continua a haver lugar ao pagamento de custas, a liquidar, nos termos do Código das Custas Judiciais, nos processos administrativos de exclusivo interesse particular.

2. Haverá igualmente lugar ao pagamento de custas, nos termos do mesmo Código, nos processos do Tribunal de Reclamações e Transgressões.

3. Os encargos que não constituem compensação de despesas dos funcionários, nem se destinem ás partes ou a particulares que intervenham nos processos, revertem para a câmara municipal.

Art.º 3.º — 1. O pessoal da Câmara e os familiares a seu cargo ficam isentos do pagamento das taxas de utilização das instalações subordinadas á administração municipal, designadamente das desportivas, recreativas e de campismo, sempre que tal utilização seja enquadrável nos objectivos de acção social e cultural previstos no art.º 8.º do Decreto-Lei n.º 45 362, de 21 de Novembro de 1963.

2. Esta utilização gratuita só será concedida quando não prejudique o uso normal das mesmas instalações por parte do público.

Art.º 4.º — As isenções de taxas de licenças para obras, permitidas pelo artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 49 438, de 11 de Dezembro de 1969, serão estabelecidas caso por caso, por decisão do presidente da câmara.

Art.º 5.º — Os pedidos de renovação das licenças serão feitos verbalmente.

Art.º 6.º — 1. Sempre que o pedido de renovação de licenças se efectue para além dos prazos legais ou regulamentares, será a taxa acrescida de 30% para a Câmara, não havendo lugar ao pagamento de multa, salvo se, entretanto, tiver sido autuada a transgressão:

2. O disposto no número anterior não se aplica ás licenças de obras.

3. No documento de cobrança de multa liquidar-se-ão ainda as taxas de licença que forem devidas.

Art.º 7.º — As taxas diárias, semanais, mensais ou anuais são devidas por cada dia, semana, mês, ano civil ou fracção, e a sua validade, com excepção das respeitantes ás de licenças de obras, caduca, em qualquer caso, no final do ano em que forem liquidadas.

Art.º 8.º — As administrações dos bairros de Lisboa utilização, na parte aplicável, as disposições constantes desta deliberação e da respectiva tabela, revertendo a receita para a câmara nos termos do § 2.º do artigo 10.º do Decreto n.º 26 159 de 27/12/935 e do Decreto-Lei n.º 44 830, de 31/12/962.

Art.º 9.º — Ficam revogadas as disposições que a presente deliberação se destina a substituir.

A tabela de taxas e licenças e outras receitas encontra-se afixada nos lugares do estilo.

Paços do Concelho de Lisboa, em 29 de Dezembro de 1969.

O PRESIDENTE,

António Vitorino França Borges

AMIAIS DE BAIXO

JOSÉ FRANCISCO LUCAS VARANDA

FALECEU

O PESSOAL DA FÁBRICA DE TAPETES VITÓRIA — MIRA DE AIRE, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido Patrão e grande Amigo, e que o funeral se realiza hoje, pelas 17 horas, da Igreja de Amiais de Baixo, para o cemitério local.

AMIAIS DE BAIXO

JOSÉ FRANCISCO LUCAS VARANDA

FALECEU

A GERÊNCIA DA FÁBRICA DE TAPETES VITÓRIA, cumpre o doloroso dever de participar aos seus clientes e amigos o falecimento do sócio-gerente, Ex.mo Senhor José Francisco Lucas Varanda, e que o funeral se realiza hoje, pelas 17 horas, da igreja de Amiais de Baixo, para o cemitério local.

AMIAIS DE BAIXO

JOSÉ FRANCISCO LUCAS VARANDA

FALECEU

O PESSOAL DO DEPÓSITO DA FÁBRICA DE TAPETES VITÓRIA — LISBOA, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido Patrão e grande Amigo, e que o funeral se realiza hoje, pelas 17 horas, da Igreja de Amiais de Baixo para o cemitério local.

AMIAIS DE BAIXO

JOSÉ FRANCISCO LUCAS VARANDA

FALECEU

A GERÊNCIA DAS GALERIAS VITÓRIA cumpre o doloroso dever de participar aos seus clientes e amigos, o falecimento do sócio-gerente, Ex.mo Senhor José Francisco Lucas Varanda, e que o funeral se realiza hoje, pelas 17 horas, da igreja de Amiais de Baixo para o cemitério local.

AMIAIS DE BAIXO

JOSÉ FRANCISCO LUCAS VARANDA

FALECEU

Maria Emília Batista, Varanda Duarte, Leocádia Batista Varanda Marques, Lurdes Batista Varanda Carvalho de Melo, José Duarte da Antónia, Joaquim José Marques Dr. José Alves Carvalho de Melo, Nuno Varanda Marques, António José Varanda Marques, Marta Maria Varanda Duarte, Luís Manuel Varanda Duarte, Maria Isabel Varanda Carvalho de Melo e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido pai, sogro, avô e parente, e que o funeral se realiza hoje, pelas 17 horas, da igreja de Amiais de Baixo para o cemitério local.

Margarida da Conceição Ferreira Matafome Coelho

FALECEU

Francisco de Oliveira Coelho, suas filhas, nora, genros, netos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua extremosa esposa, tia e parente e que o funeral se realiza amanhã, dia 10, pelas 10 horas, da igreja dos Anjos para o cemitério dos Olivais.

Agência Ricardo Henriques
Telef. 86 91 84

D. JULIETA GRAÇA ALEXANDRINO EUGÉNIO

FALECEU

Eduardo José Alexandrino Eugénio, mulher, filhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua querida mãe, sogra, avó e parente e que o funeral se realizará amanhã, dia 10, pelas 10.30 horas, da Capelinha do Asilo de Santo António (na Rua Luís Pinto Moitinho, junto á Igreja dos Anjos), para o cemitério de Benfica.

AGÊNCIA MEGA

CARLOS DURO CONTREIRAS

ENG. AGRÓNOMO

FALECEU

Maria Isabel Duro Contreiras, Mafalda Maria Duro Contreiras e filha; Maria Isabel Contreiras de Matos, seu marido e filhos; Eng.º Raul Duro Contreiras, sua mulher e filhos; Dr. Francisco Duro Contreiras, sua mulher e filhos e restante família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu querido filho, irmão tio, cunhado e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã dia 10, pelas 11 horas da sua residência, Avenida São João de Brito, n.º 5, para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

AGÊNCIA SALGADO DA RUA DA ROSA (T. 324257)

CARLOS DURO CONTREIRAS

ENG. AGRÓNOMO

FALECEU

RELOJOARIA SUISSA, DE NEVES E CARVALHO, LDA., cumpre o doloroso dever de participar a todos os seus clientes e amigos, o falecimento do irmão e cunhado dos seus sócios, e que o funeral se realiza amanhã, dia 10, pelas 11 horas da sua residência Avenida São João de Brito, n.º 5, para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

CARLOS DURO CONTREIRAS

ENG. AGRÓNOMO

FALECEU

CONTREIRAS, LDA., cumpre o doloroso dever de participar a todos os seus clientes e amigos, o falecimento do seu sócio-gerente, e que o funeral se realiza amanhã, dia 10, pelas 11 horas da sua residência Avenida São João de Brito, n.º 5 para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

CARLOS DURO CONTREIRAS

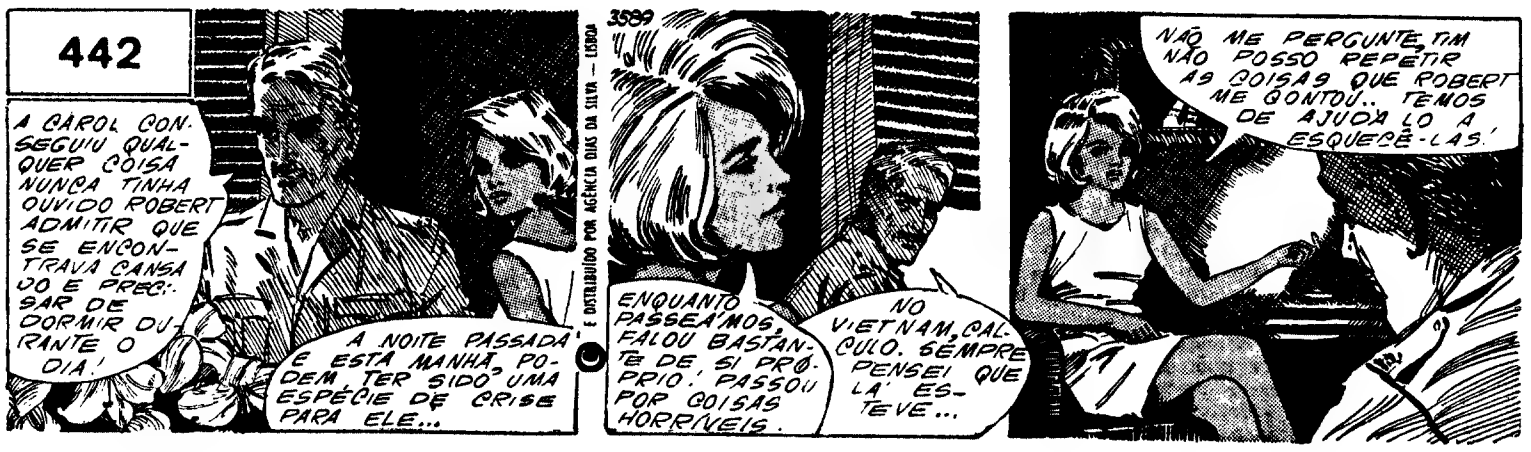
ENG. AGRÓNOMO

FALECEU

R. D. CONTREIRAS, cumpre o doloroso dever de participar a todos os seus clientes e amigos, o falecimento de seu irmão, e que o funeral se realiza amanhã, dia 10, pelas 11 horas da sua residência, Avenida São João de Brito, n.º 5, para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

Os Peanuts

Carol Day



Aventuras do Tio Carlos

Palavras cruzadas

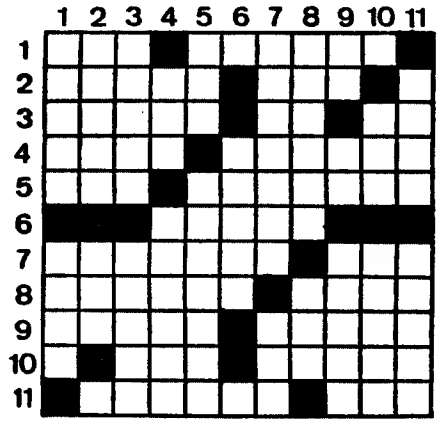
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5411

HORIZONTAIS: 1 — Cabelos brancos. Superior em qualidade. 2 — Limpai metais. Aqui, está. Tempo do verbo ser. 3 — Circuito. Basta. Artigo definido (Ant.). 4 — Grande cão de fila. Desbastara. 5 — Oceano. Moluscos gastrópodes que vivem nos mares quentes e temperados. 6 — Magoais. 7 — Cidade de Espanha. Pronome relativo. 8 — Índios que se votam a morte e se oferecem a todo o risco para vingar alguma injúria própria ou alheia. Polir. 9 — Relativo ao nariz. Engasite. 10 — Mitologia (abrev.). Prejuízo. 11 — Jogo de cartas. Aqui está.

VERTICAIS: 1 — Procuram. Remedeia. 2 — Armadilha. Ave pernalta. 3 — Carimbar. Doença que ataca a língua das aves. 4 — Prendo. Pondes em foco. 5 — Dá ordens. Desordem. 6 — Cidade de França. 7 — República socialista soviética, no mar Báltico. Partido. 8 — Ninfas, filhas de Atlas. O vencimento diário de um soldado. 9 — Artigo definido. O mais. Perito. 10 — Estava. Dois ulivos. 11 — Pronome pessoal (Pl.). De bronze (Pl.).

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5410

HORIZONTAIS: 1 — Calva. Unram. 2 — Airosas. 3 — IV. Lerás. Tá. 4 — Nas. Mar. Lot. 5 — Alar. O. Caco. 6 — Ecos. Arrá. 7 — Ala. QUE 8 — Om. Leu. Cu. 9 — MUITO. Efais. 10 — Aderi. Marat. 11 — Sónia. Erara.

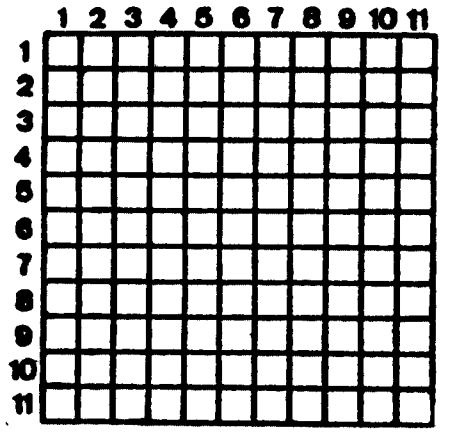
VERTICAIS: 1 — Crina. Samas. 2 — VALE. Mudo. 3 — Lá. Saca. Ien. 4 — Vil. Rol. Trá. 5 — Anem. Saloia. 6 — Orão. 7 — Usar. Aqueme. 8 — Ros. Cru. Lar. 9 — Re. Laré. Ara. 10 — Toca. Ciar. 11 — MUITO. CUSTA.

Provérbio: O QUE MUITO VALE, MUITO CUSTA.

PROBLEMA N.º 9254

HORIZONTAIS: 1 — Andara de camaradagem. 2 — Classes. 3 — Gálio (s. q.). O lado do vento. Satélite de Júpiter. Nota musical. 4 — Suspiros. Fecha as asas para descer mais depressa. Um canto. 5 — Fronteira. Regaço. 6 — Requestar. 7 — Lavram. Curo. 8 — Nome dum astro. Preposição. Pronome possessivo. 9 — Plural. Medida japonesa igual a dois decilitros. Artigo definido (ant.) Átomo (Abrev.) 10 — Municípios. 11 — Polvilhanias.

VERTICAIS: 1 — Região montanhosa do Sara, habitada pelos Tuaregues. Vírgulas dobradas. 2 — Camanelira. Lista. 3 — Antes de Cristo. Rasto. Cloro (s. q.) 4 — Doença. Medida de líquidos usada na Alemanha, Holanda e Suiça. Cidade de França. 5 — Patrões. Logrei. 6 — Batináquia. Sacrifico. Aqui (inv.º); 7 — Transfere para outro dia. Simples. 8 — Rio de Portugal. Cabelos brancos. Pátria. 9 — Campeão. Tinges. Nota musical. 10 — Bilis. Mãe de Romulo e Remo. 11 — Disponho em camada. Freguesia do concelho de Famalicão. (Braga).



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9253

HORIZONTAIS: 1 — Feiro. Fiora. 2 — Arre. Amem. 3 — Reli, Por. Apa. 4 — Doava. Andor. 5 — Assar. Seara. 7 — Paris Aduba. 8 — Amuai. Raros. 9 — Rum. Mui. Ris. 10 — Coos. Fama. 11 — Arroz. Ginam.

VERTICAIS: 1 — Farda. Parca. 2 — Áreas. Amuan. 3 — Irias. Rumor. 4 — Ré. Valia. Só. 5 — Par. Sim. 6 — Ca. Um. 7 — Ros. Art. 8 — Ia. Renda. Fá. 9 — Amada. Urrar. 10 — Repor. Boina. 11 — Amara. Assam.

GEFO – Gabinete de Estudos de Economia Finanças e Organização, Lda.

Rua do Rosário, 104-3.º, Dt.º — PORTO
Tel. 37676

SERVIÇOS DE RECRUTAMENTO E SELECÇÃO DE PESSOAL

DIRECTOR FABRIL

PRETENDE-SE: Para chefiar Fábrica de Tubos de Aço Galvanizado, actualmente em montagem, em Lourenço Marques; Curso de Engenharia Electrotécnica ou Mecânica, ou agente técnico de electricidade e máquinas; Elevada capacidade de Direcção, Julgamento e Decisão; Conhecimentos de Marketing; Completa fluência em Inglês falado e escrito; Elevado sentido das responsabilidades; Serviço Militar cumprido.

OFERECE-SE: Estágio de três meses no estrangeiro a iniciar em 1 de Março de 1970; Remuneração compatível com capacidade e experiência demonstradas; vantagens sociais extensivas a familiares.

Enviar resposta manuscrita ao Gefo, sob a ref.ª n.º 45/54/05, com «curriculum vitae» detalhado, do qual deve obrigatòriamente constar: idade, estado, habilitações e classificações académicas, anos de prática com indicação do ramo de actividade e vencimento pretendido.

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 9 de Janeiro de 1940: publicava:

«Em suplemento ao «Diário das Sessões» da Assembleia Nacional, foi publicada a proposta de Lei sobre navegação para as colónias, bem como o respectivo parecer da Câmara Corporativa.

A proposta de Lei, assinada pelo ministro da Marinha, preconiza a instituição do exclusivo e, assim, a base I da proposta estipula: É instituído o exclusivo da exploração das carreiras de navegação, pelo Atlântico, entre a metrópole e as colónias de África e da cabotagem em Angola e Moçambique que se apresenta como prolongamento daquelas carreiras. A exploração será feita em regime de concessão».

NOVOS CORPOS GERENTES

Da Associação de Socorros Mútuos do Pessoal de «O Século»

Em assembleia geral da Associação de Socorros Mutuos Previdência Mutualista do Pessoal da Sociedade Nacional de Tipografia, «O Século», foram eleitos os respectivos corpos gerentes para o próximo ano.

A assembleia geral ficou constituída do seguinte modo: Efectivos — Presidente, Eduardo Figueiredo Junior; 1.º secretário, Alfredo Augusto Dias, e 2.º secretário, Luís Filipe Duarte Ventura. Suplentes — Presidente, Fernando Ladeiras; 1.º secretário, Julio Sousa Marecos, e 2.º secretário Álvaro Silva Simões.

Para a direcção foram eleitos: Efectivos — Presidente, Eduardo Francisco José; secretário, Amandio Madruga; tesoureiro, João Manuel Silva Gomes Alves, e vogais, Joaquim Martins Severino e Julio Leonardo. Suplentes — Presidente, Luís Alves; secretário, Mário de Almeida; tesoureiro, Arnaldo Gomes Cristo, e vogais, Rui Ganilho e Humberto Pavão.

Do conselho fiscal fazem parte: Efectivos — Presidente, Fernando Luís Pereira Alves; secretário, Agostinho dos Santos Simões, e relator, João Manuel Pereira. Suplentes — Presidente, João Luís Ventura; secretário, António da Costa Pedro, e relator, António Fernando Silva.

No final da sessão a assembleia prestou homenagem á memória do dr. Ruben de Carvalho, recentemente falecido, e que foi o presidente da assembleia geral cessante.

Oferta da C. P. à Câmara do Barreiro

BARREIRO, 9 — Foi recebido na Câmara Municipal deste concelho um ofício da C. P., a comunicar que aquela empresa resolvera dispensar ao Município barreirense todo o terreno presentemente ocupado pela linha n.º 1 da estação do Barreiro, para alargamento da avenida de acesso á mesma estação.

Esta resolução, que vem permitir o descongestionamento naquela artéria, causou a maior satisfação nesta vila.

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057

Carros e furgonetas, amplas facilidades de pagamento, peças legítimas, estação de serviço e oficinas

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

SPORTING, 3-BENFICA, 0 (RESERVAS)

REMATE FOI A DIFERENÇA

Pode naturalmente, contestar-se a expressão de um resultado de 3-0, quer por por amplitude exagerada quer por eventual escassez. Mas, poucas vezes, ante margem tão concludente estará em causa a justiça de uma vitória. Assim aconteceu ontem no que se refere ao triunfo sportinguista sobre o Benfica. Os «leões» ganharam bem, talvez com um golo a mais. Contudo, a adjudicação do êxito não poderia ser conferida a outra equipa se não á visitada.

É que, sobre um pântano, o grupo «verde» adaptou-se melhor, jogou um futebol mais positivo e, nas alturas apropriadas, não hesitou em rematar. O que não sucedeu no quadro antagonista.

Realmente, o Benfica foi cerimonioso nas conclusões de várias descidas delineadas a preceito e o tempo não ia para isso. Ocasiões não faltaram aos «encarnados»; faltou-lhes, isso sim, decisão e sorte.

O primeiro lance de perigo ocorreu aos 13 m., quando um «canto» marcado por Matine enviou a bola ao poste. O Sporting respondeu, de seguida, e com autêntica convicção. Tanto que foi bem sucedido.

Celestino cruzou, Chico cabeceou, o esférico embateu na base do poste, daí ressaltou para os pés de Oliveira Duarte que demorou um pouco mas rematou pela certa.

Replicou o Benfica, então a jogar «benzinho», mas com o senão de trocar a bola pelo chão, ao passo que o Sporting utilizava a meia altura. Com o terreno num estado lastimável, os esquemas benfiquistas e os dribles de Praia, o mais insistente nessa faceta, perviam-se inglòriamente.

Não surpreendeu que coubesse ao Sporting novo golo.

Bola atirada para a grande área, ressalto num defesa «rubro» e pontapé, potente e pronto, de Dani.

A diferença entre os contendores vincava-se, principalmente, em pormenores como estes: os «leões» chutavam, os benfiquistas tocavam a bola; os sportinguistas faziam correr o couro, enquanto os visitantes se esgotavam em corridas com o mesmo.

E enquanto o Benfica criava oportunidades sem o remate apropriado, o Sporting adregara dar aos seus movimentos a conclusão que se impunha.

No segundo tempo, o desafio baixou de qualidade. Nem o Sporting conseguiu ser tão «explícito» como anteriormente, nem o Benfica atingiu a qualidade antes alcançada, mesmo com os defeitos referidos.

Deste modo, não surpreendeu que, após uma segunda parte sem história, coubesse ao Sporting o alargamento da vantagem e não ao Benfica a diminuição da mesma.

No último minuto, Chico centrou, Porfírio desviou o couro e Juvenal enviou-o, de cabeça, para o fundo das redes. Era o 3-0.

Entretanto, Águas fora expulso, sem motivo aparente. Deve ter proferido qualquer frase desagradável. Daí para diante, mais fraquejou o poder benfiquista.

No Sporting, Carvalho, toda a defesa, Dani e Chico jogaram bem. No Benfica, Abel e Zeca justificam menção honrosa.

Carlos Bica não arbitrou perfeitamente. Todavia, ouviu mais assobios do que erros cometidos.

As equipas:

SPORTING — Carvalho; Bastos, Armando, A. Baptista e Celestino; Barão e Dani; Chico, M. Duarte, Ernesto (Juvenal) e O. Duarte (Orlando).

BENFICA — Porfírio; Fernandes, Zeca, Marques e Cruz; V. Martins e Matine; Praia (Toninho), Abel, Águas e Nené.

FRANCISCO CAMILO

Uma fase do encontro de reservas que o Sporting e Benfica disputaram ontem á noite, no Estádio José Alvalade

O ENG.º CHAVES ROSA INDIGITADO PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DO BELENENSES

O Belenenses vai ter um novo presidente, regressando assim á normalidade directiva. Com efeito a Junta Directiva do clube dirigiu convite, ao engenheiro José Álvaro Ubach Chaves Rosa, para presidir á nova direcção de «Os Belenenses».

Porque o indigitado presidente deu já a sua aquiescência ao convite, vai reunir-se a assembleia geral do clube, no próximo dia 22, para se proceder ao respectivo sufrágio.

Entretanto cabe ao novo presidente escolher o respectivo elenco directivo e podemos adiantar que foram feitas já algumas consultas a individualidades de prestígio entre a massa associativa do clube.

BASQUETEBOL

A Itália conquistou a «Taça Latina»

- **Vitória sobre a ESPANHA por 74-64 no encontro final do torneio**
- **PORTUGAL perdeu com a França (69-58) e classificou-se em último lugar.**

MADRID, 9 — A equipa italiana de juniores de basquetebol conquistou a Taça Latina da modalidade ao vencer a Espanha, ontem á noite em Madrid, por 74-64.

Entretanto a selecção portuguesa que está a disputar aquela competição averbou nova derrota, desta vez contra a França: O resultado foi de 69-58.

Poder-se-á, contudo, acrescentar que a vitória esteve perfeitamente ao alcance do «cinco» português que até meio da segunda parte pôde manter um equilíbrio de jogo e de marcação.

A maior capacidade física dos gauleses e as substituições a que se viu obrigada a equipa portuguesa, ditaram o resultado já que os basquetebolistas portugueses não puderam manter durante todo o desafio o mesmo ritmo e velocidade.

Os franceses, mais eficazes sob as tabelas, acabaram por impor-se e ganhar justamente.

A classificação final ficou assim ordenada:

Itália, 6 pontos; Espanha, 5; França, 4 e Portugal, 3.

PILOTOS DA BARRA DE LISBOA

ALTERAÇÃO DE NÚMEROS TELEFÓNICOS

INFORMA-SE QUE A PARTIR DO PRÓXIMO DIA 10, INCLUSIVE, OS TELEFONES DESTA CORPORAÇÃO PASSARÃO A FUNCIONAR COM BUSCA AUTOMÁTICA COM OS NÚMEROS 61 33 11/2/3/4.

JANEIRO DE 1970.

Acontecimentos DE ONTEM

ANDEBOL

Campeonato de Lisboa da 2.ª divisão

Foram os seguintes os resultados apurados na jornada de ontem á noite que se disputou no Pavilhão da Ajuda, a contar para o campeonato de Lisboa de andebol da 2.ª divisão: Madre de Deus-Clif, 18-14; Oriental-Vendedores de Jornais, 4-18 e Casa Pia-Cova da Piedade, 16-15.

BILHAR

Campeonato de Lisboa da 1.ª categoria

Resultados apurados nas partidas disputadas ontem na Associação Lisbonense dos Amadores de Bilhar, a contar para o campeonato de Lisboa da 1.ª categoria, a uma tabela:

Mário Ribeiro (Bf.)-Raul Vidal (Sp.), 200-154; Mário Machado (Bf.)-Américo Torres (Bf.), 200-143; e Lídio Gomes (Indiv.)-Vítor Hugo Leal (Bf.), 200-172.

FUTEBOL

O Oeiras venceu o Armadorense (3-0)

A contar para o Campeonato de Lisboa da 3.ª Divisão disputou-se ontem no campo Francisco Lázaro o encontro em atraso, entre o Armadorense e o Oeiras. A vitória pertenceu aos segundos por 3-0.

RÂGUEBI

O Benfica venceu (9-3) Agronomia (reservas)

A contar para o campeonato nacional de râguebi, de reservas, o Benfica derrotou a equipa de Agronomia por 9-3, no encontro disputado no Estádio Universitário.

As equipas alinharam:

ECONÓMICAS — Lizardo; J. Martins, Vasconcelos e Proença; Trigoso e Candeias; Laje, Alho e Martins; Pimpão (3) e Calico; Horta, Matos Lima e Andrade.

BENFICA — Barbosa; Gonçalves, Meireles, L. Caldas e Domingos (3); Soares (3) e Mata; D. Caldas, A. Sampaio e Evaristo (3); Miguel e Albano; Julio, Carvalho e Cruz.

GINÁSTICA NO C. D. ARROIOS

No Clube Desportivo de Arroios, estão abertas as inscrições para as crianças dos 4 aos 10 anos que queiram frequentar as classes de ginástica daquele clube.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

SÁBADO DESPORTIVO

AUTOMOBILISMO

EXTRAS — PORQUE NÃO?

Por BANDEIRA DE LIMA

Por mais de uma vez temos abordado, nas nossas colunas, o hoje completamente divulgado assunto dos extras que, quanto a nós, na grande maioria dos casos reveste apenas uma forma: dotar o carro de preço médio de certas condições de utilização ou de conforto especialmente do agrado do seu possuidor mas que a produção de série apenas faz incorporar em modelos de maior preço e em conjunto com mais equipamento de menor interesse imediato para o possuidor.

Uns ligam maior importância a um painel bem guarnecido de instrumentos capazes de revelar um máximo de elementos indicativos do funcionamento da máquina; outros dão preferência á criação de melhores condições de condução montando «baquets» especiais, volantes de pequeno diâmetro, pedais especialmente posisionados ou acrescentados de pequenos dispositivos, como o acelerador tipo «Paddy Hopkirk», permitindo a execução fácil de certas manobras de conhecimento menos comum, como a conhecida por «heel and toe» em que o pé direito actua simultâneamente o travão e o acelerador o que permite efectuar rápidos e seguras «reduções» com a caixa de velocidades, no sistema de dupla embraiagem, durante uma travagem qualquer; outros ainda preocupam-se com um melhoramento das condições de segurança de condução, nomeadamente a da visibilidade equipando o óculo traseiro com dispositivos antiembaciamento, montando retrovisores suplementares exteriores de curta distância e fazendo substituir os de série por outros, panorâmicos e de dupla posição, e equipando o carro com uma bateria de faróis cuidadosamente escolhidos entre projectores, faróis de berma e «nevoeiros» de maneira a assegurar um máximo de condições de iluminação em todas as circunstâncias. Isto para não falarmos (por já o termos feito há tempos) nos que visando uma melhor performance fazem transformar motores, suspensões, travões, etc., e no outro grupo (por não «valer a pena») dos exibicionistas que «penduram» no automóvel cada coisa que encontram e seja susceptível de ser ali dependurado bem á vista...

Para quem não for «completamente» exigente, a adaptação de um carro a cada um dos pontos de vista referidos custa alguns poucos contos de réis. Mas a inclusão de todos os «items» num mesmo carro atinge fácilmente várias dezenas de milhar de escudos. Alguns - poucos - fabricantes têm o tal carro «quase» completo para vender; claro que os modelos de grande difusão não podem estar incluídos nesse tipo de produção.

Claro que muitas pessoas são da opinião, aliás defensável em certos aspectos, de que o carro deve «conter» apenas o que o fabricante nele incluí. Bem: um automóvel não se compra nem se troca dia sim, dia não e, no fim de contas, já que custa o tal «bocado de dinheiro» o melhor é procurar estar-se satisfeito dentro dele em vez de se aceitar ressignadamente o espartano «menor-múltiplo-comum» dos cerca de 40 000 carros que diàriamente saem das fábricas de todo o mundo.

Graham Hill voltou a guiar

*LONDRES, 9 — (ANI) — **O antigo campeão mundial de automobilismo, Graham Hill, voltou ontem a guiar um carro.***

Há três meses fracturou as duas pernas, num desastre, durante o «Grande Prémio dos Estados Unidos». Desde então tem estado numa cadeiro de rodas, mas os médicos autorizaram-no, agora, a usar muletas — e a guiar automóvel.

VOLEIBOL

TRIUNFO FÁCIL DO BENFICA

SOBRE A FACULDADE DE CIÊNCIAS

Prosseguiu ontem, á noite, no Estádio da Luz, o Campeonato Regional de Voleibol, com a vitória do Benfica sobre a Faculdade de Ciências por 3-0 (15-1, 15-2 e 15-1).

Para o encontro que foi dirigido por Carlos Almeida e Reinaldo Rodrigues, as equipas apresentaram:

Benfica — Vítor Carvalho, Artur Monteiro, Moisés Nobre, Carlos Figueiredo, João Noguefira, João Carlos, Isidro Francisco, Orlando Gomes, Rui Lopes, António Neves, Daniel Silva e António Matos.

F. Ciências — Carlos Amaral, Alfredo Santos, Miguel Pinto, Fernando Martins, José Cardoso, Fernando Teixeira e Francisco Godinho.

Triunfo fácil e bastante expressivo do Benfica que, como o próprio resultado indica, não teve competidor á altura.

A equipa feminina do Benfica seguiu para a Áustria

A fim de disputar a primeira «mão» da primeira eliminatória da Taça dos Campeões Europeus Femininos, de voleibol, seguiu ontem de manhã para Viena a equipa de voleibol do Benfica, que nesta cidade defrontará a turma do SC. OMV Blau-Gelb, campeã austríaca.

Por afazeres profissionais, o treinador José Magalhães e a jogadora Maria José Maia só hoje se deverão juntar á comitiva.

HOJE À NOITE

ATLETISMO — Assembleia da Associação de Lisboa, para eleição dos novos corpos gerentes, na sua sede, ás 20 e 30.

BASQUETEBOL — Sorteio do Campeonato Nacional Feminino da II Divisão, na Federação, ás 21 e 30.

VOLEIBOL — No Liceu de Oeiras — Campeonato de Lisboa de Seniores: Nacional de Ginástica-Técnico, ás 21 e 30.

No Porto

ANDEBOL DE SETE — Campeonato Regional da 1.ª Divisão: Padroense-Académico, Vilanovense-Leça e Vigorosa-Senhora da Hora, a partir das 20 e 30, no Pavilhão do Académico; C. D. U. P.-F. C. do Porto (22 e 30) no pavilhão do C. D. U. P.

Calços para travões
Discos para Embraiagem

COSTA PEREIRA EM NEGOCIAÇÕES COM O SP. BRAGA

O treinador Costa Pereira, antigo guarda-redes «internacional» do Benfica encontra-se em negociações com o Sporting de Braga para dirigir a equipa de futebol daquele clube.

Costa Pereira, que esteve ontem com os dirigentes bracarenses numa reunião que se efectuou em Braga, aguarda agora uma resposta ás condições que apresentou.

Entretanto tudo leva a crer que as negociações chegarão a bom termo e que Costa Pereira poderá já orientar a equipa minhota no próximo jogo do campeonato.

CANASTA

Encerram-se a 10 de Janeiro as inscrições para o I Campeonato de Lisboa de Canasta, a realizar pelo Centro de Bridge de Lisboa, Av. António Augusto de Aguiar, 163-4.º Esq.º Telef. 57852.

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa, da 3.ª Divisão: Santa Catarina-Desp. Castelo (20 e 30 horas); Amadora-Mirantense (21 e 45) e Águias-Palmense (23), no Pavilhão de Campo de Ourique.

— Campeonato de Lisboa, de Juniores, 1.ª Divisão: C. Ourique-Passos Manuel B; 2.ª Divisão: Universitário-Costa do Sol e Encarnação-Sporting B — todos no pavilhão de Campo de Ourique, a partir das 16 e 30 horas.

— Campeonato de Lisboa, de Juvenis: Parede-Universitário (17 e 30 horas) Amadora-Passos Manuel (18 e 25) e Boa Hora-Passos Manuel B (19 e 20, no Pavilhão da Ajuda

ATLETISMO — I Torneio Regional de pista coberta, organizado pela Associação de Lisboa, no pavilhão do Estádio Universitário, às 21 horas.

DESPORTO UNIVERSITÁRIO — Corta-mato: Torneio «Ano Novo», no Estádio Universitário.

TORNEIO DE IMPRENSA — Organizado pela A. F. L., 1.ª jornada: Século-Capital, em Marvila Mundo Desportivo-Jornal do Comércio, em Benfica Diário de Notícias-Rádio Clube, no Pote de Água; Novidades-Diário Popular, no Chão do Loureiro; Rádio Universidade-R. T. P., em Algés — todos às 16 horas.

— Campeonato Distrital de Reservas, da A. F. L.: Odivelas-Casa Pia A. C; Estoril-Sintrense; Sacavenense-Alhandra; Atlético-U. Algés e Torriense Oriental — nos campos dos primeiros, às 16 horas.

— Campeonato Distrital de Reservas da A. F. Setúbal: Montijo-Almada; Trafaria-Seixal; Barreirense-Luso; C. Piedade-Sesimbra e V Setúbal-CUF — nos campos dos primeiros, às 16 horas.

RÁGUEBI — Campeonato Nacional da II Divisão: Regentes Agrícolas de Santarém-Belenenses, no campo do primeiro, às 16 horas.

VOLEIBOL — Campeonato Regional de Seniores. Nacional de Ginástica-Técnico, no Liceu de Oeiras, às 21 e 30 horas.

Assembleia geral do C. F. Sta. Catarina

Está convocada para o dia 15 do corrente a reunião extraordinária da assembleia geral do Clube de Futebol de Santa Catarina, para apreciar, discutir e votar os novos estatutos.

DE CALCULADORAS A COMPUTADORAS...

BURROUGHS
EQUIPAMENTO ELECTRÓNICO

INDISPENSÁVEL
PARA O PROGRESSO DO SEU NEGÓCIO

BURROUGHS C3000
CALCULADORA ELECTRÓNICA
Executa todos os cálculos mais complexos, num milésimo de segundo. Completamente silenciosa, leve e portátil.

BURROUGHS E3000
COMPUTADORA ELECTRÓNICA
30 a 100 memórias electrónicas • Fichas de fitas magnéticas • Alinhamento automático de documentos • Circuitos transistorizados • Controle simplificado de programação • Leitor selectivo automatico de fichas • Perfuração em banda

Consulte o representante da **Burroughs**
ROBINSON, BARDSLEY S.A.R.L.
LISBOA - R. S. Sebastião da Pedreira, 122 - Tel. 56 02 60 — PORTO - R. do Rosário, 104 - Tel. 2 97 67
COVILHÃ - Rua Marquês d'Ávila e Bolama, 119 - Tel. 2 56 04

Propriedades

— VENDAS —

PRÉDIO

De grande volume acabado de construir todo revestido em Evinel, composto de 22 inq. e 3 amplas casas assoalh., hall, coz desp.' e casa de banho, todo alugado, a render 338.400$ Pr. 5.650.000$ Facilita-se 1.600.000$00 á Caixa Geral Depósitos. Trata e mostra: F. Fernandes & Costa, Ld.ª, Av. Almirante Reis, 104 - 2.º. Tls. 536111/2/3, Lisboa.

PRÉDIOS, ANDARES, MORADIAS, TERRENOS, não compre sem consultar a PREDIAL

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69

Contacto

H. NUNES

PUBLICIDADE

Telef. 847260

ANDARES

Na Av. E.U. América, os 2 unicos que restam em prédio excepcional const. luxuoso acabamento, hab. c/5 e assoalhadas, bonita cozinha, marquise, 2 c. banho, roup. arrec., etc. Ver na mesma Av. no n.º 25.

Dinheiro s/ prédios

EMPRESTA-SE ràpidamente e em bons condições 15 a 2000 contos em 1 ou 2. hipotecas de prédios. parte de prédios. ou construcção. Tambem se aceitam propriedades para venda ass Lopes Rua da Prata 291, 2. Dt - Telef 325487. 470618 (Junto a P da Figueira)

CASAS para alugar

Procure V Ex nos escritórios onde temos sempre variadissimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos quaisquer importância a título de comissão aos inquilinos

Trata: SOC. CONSI-VICTIA. Rua do Ouro, 292, 1. - Telefs.: 30259-34755.

PRÉDIO

850 c. (PECHINCHA)

AO CALHARIZ (Chiado), construção antiga, gaveto, forrado de marmorite, 11 inquilinos, habitação e comércio, rendas baixas, 1.º andar vago

Rende 56.340$00

ORCOSI

R. 1.º de Dez. 45-3.º, Esq. LISBOA

Telefs 367444/323172

MALHAS

Máquinas 8-10 e 12 desde 30 cm a 1 m. talão alto e baixo, manuais e motorizadas. Person, Shaffouse, M. R e Dubiet Dux — Bobinador de 4 fusos. Aparelhos de passagem, etc.

Vendem-se na Rua Damasceno Monteiro, 59-A — Lisboa — Telefs. 832391 e 820666

Capitais

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO

Ficando na mesma de sua propriedade CONSULTE JÁ A

ORCOSI

E FICARÁ SATISFEITO

Rua 1.º de Dezembro, 45
Telefones 36 74 44/32 31 72

DINHEIRO

SOBRE AUTOMÓVEIS E PROPRIEDADES

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 44602 - 536569

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rápidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ letras, s/ fiador até 40 meses.

SIMPLES, EFICIENTE, ECONÓMICO

T. 560713

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

F. FERNANDES & COSTA, LDA.

(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV. ALMIRANTE REIS, 104-2.º — TELEF. 53 61 11/2/3

CONTABILISTA

— PRECISA-SE —

PARA CHEFIAR OS SERVIÇOS DE CONTABILIDADE DE IMPORTANTE EMPRESA LOCALIZADA NA REGIÃO DE SANTA IRIA DE AZÓIA:

EXIGE-SE:

— Curso do Instituto comercial;
— Idade até 35 anos;
— Serviço militar cumprido;
— Curriculum escolar e profissional.

OFERECE-SE:

— Lugar de futuro;
— Bom ambiente de trabalho;
— Ordenado compatível e outras regalias.

GUARDA-SE SIGILO ESTANDO EMPREGADO. RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 402.

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 21 49 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

ABERTURA DE NOVOS CURSOS

QUINTINHA NO FREIXIAL

Muito bem situada, composta de magnífica moradia de r/chão e 1.. andar, com grande salão, sala de jantar, cozinha, casa de banho, 3 quartos etc.

Área de 1600 m2, poço com motor eléctrico. casas de arrecadação, pinhal, eucaliptal, árvores de fruto, vinha, etc. Preço — 490 000$00.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

ROSSIO — TELEFS.: 369384 [illegible] 61756

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar Florindo M. Coelho — Rua António Pedro, 40, cave. Tel. 448446.

Contacto

H. NUNES

Telef 847260

PUBLICIDADE

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor. Av. Barbosa du Bocage, 1. Tel. 769848-761987.

Taunus 17-M Super, de 4 portas, 1967; Volkswagen, 1500, 1968; Opel Kadett de 4 portas, 1967; Opel Rekord 1700 de 2 portas, 1965; M. G. Midget, 1964; Austin Sprite, 1964; Saab de Luxe, 1965; Austin Cooper, 1963.

Fac. troca e pag.

Vende:

MARCELO

Av. João Crisóstomo, 47-C

AUTOMÓVEIS s/ condutor. Mod. recentes, impecáveis. Consulte-nos: L. St.' Bárbara, 5 - B. Telef. 53 46 57.

★★★★★★★★★★★★★★★★

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios electricos

★★★★★★★★★★★★★★★★

Em VENDAS NOVAS o «DIARIO DE LISBOA» encontra-se a venda na PAPELARIA SIMÕES, de Ramalho & Madruga — Praça da Republica, 72

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.' Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42890 — Taxis Universo, Ld.ª, — Av. Republica, 26
- 537476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56, 1.º
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Ld.ª — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 539169/539345—BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A.
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B.

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em dívida ao Stand, ou seguro. Sem fiador. Prazos hipotecados, sem alteraçao de 40 meses. Tel. 66 36 97.

Rua Arco a S. Mamede, 18 2.º-F (ao Rato)

Compañia Trasatlantica Española, S. A.

MADRID

Viagem inaugural da moderna motonave

«CAMINO»

para

SAN JUAN DE PUERTO RICO e SANTO DOMINGO

Recebe carga geral, frigorífico e cortiça

Esperado em 27 do corrente

Os agentes gerais

LLORET & XAVIER, LDA.

Largo do Corpo Santo, 21, 1.º
Telef. 32 46 71/32 72 58 — LISBOA

SE TEM ALGUM DESTES PROBLEMAS...

— Contabilidade complicada e atrasada
— Dificuldade de espaço para ampliar escritório
— Dificuldade em obter pessoal especializado
— Falta de tempo para desenvolver seu negócio
— Dificuldade em preencher lugares no Conselho Fiscal, conforme disposições legais em vigor desde 1/1/970.

ENTÃO, contacte com BELCONTA

Apartado n.º 4008 — Telef. 785840

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria. Ferros — Rua de S. Julião, 64-66

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de movel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em exposição na

IMPERLUZ

Avenida Almirante Reis, 172-A
Telef 53 35 9[illegible]

TELEVISORES

«NORDMENDE» não é uma marca vulgar de aparelhos de TV. Jamais igualado ou ultrapassado pela concorrência, sempre que inicia no mercado o lançamento de novos modelos «NORDMENDE» é além do nome próprio do seu fabricante o símbolo de vanguarda na técnica alemã da especialidade

Está de parabens proferindo:

NORDMENDE

IMPERLUZ

Exposição e venda na

Av. Almirante Reis, 172-A
Telef. 533592

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

Serviço de Abastecimentos

GRUPO XIV — CONCURSO PARA FORNECIMENTO DE PRATOS DE PORCELANA

Até às 17,30 horas do dia 15 do corrente, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 17,30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra às 13,30, as condições para o concurso em referência.

Lisboa, 8 de Janeiro de 1970.

O CHEFE DO SERVIÇO

CAMINHOS DE FERRO

LEILÃO

Em 12 de Janeiro e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á à venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se mais uma vez os Srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando à Companhia os débitos que corresponderem para o que poderão dirigir-se ao Serviço de Promoção do Tráfego — Escritório de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa), nos dias úteis, até ao dia 8 de Janeiro, das 10 às 17 horas, excepto sábados.

Nas estações estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.

◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje

MUITO PARA VIVER... POUCO PARA MORRER — AVIS

A FLOR DO CACTO — SÃO LUIZ e ALVALADE

AVIS

(Adultos) Tel. 47163

Às 21.45 — ESTREIA

Um policial de grande nível

MUITO PARA VIVER... POUCO PARA MORRER

com Cláudio Brook — Daniela Bianchi

Technicolor — Techniscope

VOX

(Adultos) Tel. 720803

Às 15.15, 18.30 e 21.45

QUE IMPORTA MORRER

com Kirk Douglas, Sylva Koscina e Eli Wallach

num filme de amor, violência e imprevisto!

R. Bulhão Pato (à Av Roma)

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134

Às 15.15 e 21.30

3.ª SEMANA

KATHARINE HEPBURN é

A LOUCA DE CHAILLOT

com Danny Kaye, Giulieta Massina, Paul Henreid, Yul Brynner, Charles Boyer e Richard Chamberlain

ESTÚDIO

(M 17 anos) Tel. 555134

Às 15.30, 18.30 e 21.45

A obra-prima de MARCEL CARNÉ

TRÊS QUARTOS EM NOVA IORQUE

com Annie Girardot

ODEON

(M. 17 anos) Tel. 326283

Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30

Um sensacional filme de acção explosiva

DEUS PERDOA... EU NÃO!

com o famoso Terence Hill

A história de uma bárbara vingança entre pistoleiros

Tecnicolor Tecniscope

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375

Às 21.30 h.

Alan Bates — Dirk Bogarde em

O HOMEM DE KIEV

LIZ

(Adultos) Tel 48560

Às 21 horas

O LEÃO NO INVERNO

COMPLEMENTOS ESCOLHIDOS

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Às 21 horas

UM LUGAR PARA AMAR

HOMICÍDIO EM S. FRANCISCO

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172

HOJE, ÀS 21.30 — ESTREIA

(Veja anuncio especial)

INGRID BERGMAN e WALTHER MATTHAN em

A FLOR DO CACTO

Às 18.15 — Últimas (M. 6 anos)

SE O MEU CARRO FALASSE

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763080

HOJE, ÀS 21.15 — ESTREIA

(Veja anuncio especial)

INGRID BERGMAN e WALTER MATTHAN

A FLOR DO CACTO

TIVOLI

(M 12 anos) Tel. 50595

Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite

EM 4.ª SEMANA

UM FILME INCOMPARAVEL em TODD-AO cor de Lux com

BARBRA STREISAND

HELLO, DOLLY

UMA MARAVILHA

SÃO JORGE

(17 anos) Telefs. 5 41 53/4

HOJE: Às 15.00, 18.15 e 21.30

Em 2.ª SEMANA de um êxito fora de série

007 AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE

com George Lazenby — Diana Rigg — Telly Savalas

EUROPA

(M 17 anos) Tel. 661016

Às 15.15 e 21.30

Para o público que só aprecia o melhor!

A QUADRILHA SELVAGEM

Technicolor — 5.ª semana

com William Holden e Ernest Borgnine

IMPERIAL

(M 12 anos) Tel. 45933

Às 21 horas

002 CONTRA AL CAPONE

AS DUAS ORFÃS

LIDO

Praça D. João I — AMADORA

(M. 12 anos) Tel. 937593

A versão integral russa do grandioso e espectacular filme

GUERRA E PAZ

1.º episódio AUSTERLITZ

Magnífica projecção em 70 m/m e som estereofónico

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743

Às 15.15, 18.30 e 21.45

Nada fascina tanto como um crime misterioso e uma mulher provocante...

QUE IMPORTA MORRER

TECHNICOLOR

Kirk Douglas e Sylva Koscina

Metro: Estação Picoas

ROMA

(Adultos) Tel. 727778

Às 15.30 e 21.30

O ÚLTIMO FILME DE JAMES BOND

2.ª SEMANA

007 AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE

com George Lazenby e Diana Rigg

Panavision — Technicolor

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768

Às 15.15, 18.30 e 21.45

4.ª SEMANA

Com todo o seu humor inconfundível CANTINFLAS em

D. QUIXOTE SEM MANCHA

CONDES

Tel. 522523-326719

(Adultos)

6.ª SEMANA

Às 15.15, 18.15 e 21.30

NATHALIE DELON

Renaud Verley

O amor e o sexo... Uma mulher e um jovem

A LIÇÃO PARTICULAR

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095

Às 15.30 18.30 e 21.45

8.ª SEMANA

A espantosa comédia de PIETRO GERMI

DIVÓRCIO À ITALIANA

com Marcello Mastroiani

POLITEAMA

(M 17 anos) Tel. 326305

Às 15.15, 18.15 e 21.30

3.ª SEMANA

do filme de grande classe espectacular

A PELE DE UM MALANDRO

com o famoso ídolo CLINT EASTWOOD

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 260729

Às 17 e às 21 h.

O PROFETA

com VITTORIO GASSMAN

Amanhã, às 17 h. (M. 6 anos)

A GATA BORRALHEIRA

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131

Às 15.00 e 21.30

EM 4.ª SEMANA

GOODBYE, MR. CHIPS

com Peter O'Toole, Petula Clark e «Sir» Michael Redgrave

DIA 9:

QUINZENA DE FICÇÃO CIENTÍFICA

HOJE — Adultos — 18.30 h.

O MUNDO DAS TREVAS, de Roy War Baker com James Donald e Barbara Shelley

DIA 12: Uma Segunda Vida (Adultos)

CONFERÊNCIA DE TOMAZ DE MELO NO I. A. D. E.

Prosseguindo na sua actividade cultural, o I. A. D. E. — Instituto de Arte e Decoração, promove hoje, ás 21 e 30, na Escola Internacional de Decoradores, no palácio Quintela, Rua do Alecrim, 70, uma conferência-colóquio de Tomaz de Melo, pintor, artista gráfico e um dos pioneiros da decoração em Portugal, subordinada ao tema «Arte e artistas gráficos».

Entretanto, continua aberta, até ao dia 15, na secretaria da escola, telef. 367430, a inscrição para os cursos de fotografia, a cargo do arq. Costa Martins, e de cerâmica a cargo de mestre Rafael Calado.

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Às 21 e 30: «Nova Companhia de Circo» (6 anos).

TEATROS

MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Tombo no Inferno» (17 anos).

VILLARET — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).

VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zazut» (17 anos)

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O pecado de João Agonia» (17 anos)

MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Espertezo saloia» (17 anos).

LAURA ALVES — Às 21 e 45: «Forja» (17 anos)

VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «Peço a palavra» (17 anos)

MONUMENTAL—Às 21 e 45: «Os elefantes não sentem as pulgas» (12 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 21: «Tarzan e a companheira» (12 anos).

JARDIM — Às 21: «Ringo herói do Texas» (12 anos)

CINEARTE — Às 21: «Diamantes ao pequeno almoço» (17 anos).

MOSCAVIDE — Às 21: «Por um punhado de dólares (12 anos).

IDEAL — Às 21: «O diabo atrás da porta» (17 anos)

PARIS — Às 21: «O Leão de Inverno» (17 anos).

SALÃO LISBOA — Às 21: «O sargento Ricker» (12 anos)

A VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «Pistoleiros do Arizona» (12 anos).

CAMPOLIDE—Às 21: «Arquivo K» (12 anos).

ENCARNAÇÃO — Às 21: «Laços eternos» (17 anos).

CINE-ARTE — Às 21: «À margem da lei» (12 anos)

ARCO IRIS — Às 21 e 15: «Os canhões de Navarone» (12 anos)

PROMOTORA — Às 21 e 15: «A fechadura misteriosa» (12 anos).

LUMIAR — Às 21: «Os indiferentes» (17 anos)

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «A Perversa» (17 anos).

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Barbarella» (17 anos).

ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «O Profeta» (17 anos).

CASCAIS: — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Repulsa» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D JOÃO V — Às 21 e 30: «Comissário X e os 3 panteras azuis» (12 anos).

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Ladrões de bicicletas» e «Dossier secreto 1413» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Charly» (12 anos).

COVA DA PIEDADE. — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «O longo dia do ódio» (17 anos).

Antigos marinheiros confraternizam

No dia 11, na Quinta de S. Vicente, ao Campo Grande, decorre o tradicional almoço de confraternização do Recrutamento da Armada em 1937.

Os pedidos de inscrição fazem-se para Deolindo Bemposta, Rua Rui Barbosa, 32, 1.º, Lisboa, tel. 843897.

COLISEU

HOJE, às 21.30

(Maiores 12 anos)

GRANDE COMPANHIA DE CIRCO

NÚMEROS DE SENSAÇÃO

SÓ ATÉ DOMINGO

ÚLTIMOS DIAS

AMANHÃ

À TARDE, entrada gratuita às crianças até 10 anos

À NOITE podem assistir crianças a partir dos 6 anos

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno F

AJUDA — Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (637318).

ALCÂNTARA — Probidade, R. Alcântara, 15-A-B (638589).

ALFAMA — Anunciada, R do Vigário, 74 (866360).

ANJOS — Guerra, R Andrade, 32-36 (845513).

AREEIRO — Central do Areeiro, Av. Paris, 2 e 2-A (770820) ✲ Belo, Avenida de Roma, 53-A (776314).

ALTO DO PINA — Eusil, R Barão de Sabrosa, 104 (841912).

ALVALADE — Alentejo, Av. Igreja, 28-B (712682) ✲ Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (765262) ✲ Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B (725859)

ARROIOS — Aliança, Av Almirante Reis, 145-B-C (50487)

AVENIDA DA LIBERDADE — Galénica, Rua dos Pretos, 12-14 (322588).

AVENIDAS NOVAS — Cardote, Lda., Av. Visconde Valmor, 28-A-B-C (772291) ✲ Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (43938) ✲ Latina, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A ((42312).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (731216).

BAIXA — Internacional, Rua do Ouro, 228 (322017-30203).

BELÉM — Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira 11-C (Pedrouços) (610741).

BENFICA — Marques, Estrada de Benfica, 648 (700096) ✲ Vitex, Est. Benfica, 373-B (780548) ✲ São João — Estrada da Luz, 124-A (Tel. 783179).

CAMPO DE OURIQUE — Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (681726). ✲ Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (686206).

CAMPOLIDE — Imparcial, R General Taborda, 28 (680931) ✲ Rualto, Ld.ª, R. do Alto do Carvalhão, 5-A, 5-B (651721).

CAMPO GRANDE — Santa Maria, Avenida 5 de Outubro, 2383-A (763016).

CHARNECA—São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969).

CONDE DE REDONDO — Contemporânea, R. Conde de Redondo, 26-30 (45048).

ESTRELA — Aurélio Rego, Calç. da Estrela, 189 (661758).

GRAÇA — Progressiva, R. de St. Marinha, 18 (863619) ✲ Alves de Carvalho, R. do Vale de Santo António, 7-9 (840125).

JANELAS VERDES — Infante Santo, R. Olival, 290 (661008).

LUMIAR — Patuleia, Herdeiros, R. Lumiar, 122-124 (790832).

MARQUÊS DE POMBAL — Vieira Borges, R. Alexandre Herculano, 28 (40536).

OLIVAIS — Fernandes Borges, R. C, 3, lote 300 (311091) ✲ Central dos Olivais, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C — Olivais Norte (315539)

PENHA DE FRANÇA — Dimar, R. Conde de Monsaraz, 17-B (842533)

PICHELEIRA — Marluz, Calç da Picheleira, 140-B-C (720703 e 728395).

PRÍNCIPE REAL — Oliveira, Rua D. Pedro V, 123 125 (327880).

REGO — Prates & Mota, R. da Beneficência, 91 (733728).

SANTO AMARO — Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29-A-B (637070)

S. BENTO — Valentim, R. do Poço dos Negros, 88-90 (679453).

DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Grijó, R. do Grilo, 25

MOSCAVIDE—Santa Bárbara, Rua Francisco Marques Beato, 45-A (2511234)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes, Av Comb G Guerra, 66 (2 3953)

CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, -A (Tel 242839)

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av Patrão Lopes 4 (Tel. 2432039).

OEIRAS — Central, R João Teixeira Simões, 8 (Tel 2430058)

PAREDE — Grincho, Av da República, 87-C (247 204)

ESTORIL — S. João — Estrada Nacional 8 (Te 26 86)

MONTE ESTORIL — Suíço — Cruzeiro (Tel 260087)

CASCAIS — Misericórdia, R Regimento 9, 4 (280 4) ✲ Cascais, R Conde de Monte Real — Bairro Caixas (282407)

● Linha de Sintra

AMADORA — Melo, P D João I, Lote 146, Bairro Janeiro (Telef. 932756) ✲ Central Av Cardoso Lopes, 25 (932210) ✲ Igreja, P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740) ✲ Jardim, Av. Conde de Oeiras, lote X-1, Reboleira (Tel 938424)

DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef 970523).

QUELUZ — André — Av. Elias Garcia, 151 (Tel 950043). Queluz — Av Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841).

CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS — Quimia — Est Mem Martins, 285 (Tel 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)

VENDA NOVA — Nova, R. Elias Garcia, 10 (Tel. 933920).

COLARES — Colares — Abrele (Tel 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gomeiro . António dos Santos [illegible] Tel. (234 00

ALHOS VEDROS — Portugal Av do Belo Rosa [illegible]

ALMADA — Magalhães — R Capitão Leitão, 8-A (Tel 270242).

BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima [illegible] -B (224 41)

BARREIRO — Central — Av Alfredo da Silva 48 [illegible] 273207)

COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso, P 5 de Outubro 8 (Tel 270254)

MOITA — União Moitense Av Dr Teófilo Braga [illegible]

MONTIJO — Diogo, R Almirante Cândido dos Reis, 42 (Telefone 230082).

SESIMBRA — Leão [illegible] (Tel 22947)

SETUBAL — Soromenho — Machado Santos (Tel 2269 Alice — P do Quebedo (Te 23743).

SEIXAL — Soromenho, R Paiva Coelho 38 (Te 2 856)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla. Idem e feriados 382069.

BOMBEIROS — Sapadores 322222 Voluntários, 538524

POLÍCIA e G. N. R. — Serviços de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G.N.R. (área rural), 36865

SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763450.

TRANSPORTES—Aeroporto, 720111 ✲ Caminhos-de-ferro, (C. P.), 869029 ✲ Caminhos-de-ferro (Estoril) 861121 ✲ Estação fluvial (T Paço), 325345 ✲ Estação marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

RESTAURANTE

QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144

Telef. 790211

JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS

c/ conjunto privativo

AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

(Maiores de 15 anos)

TARANTELA

RESTAURANTE ● SNACK-BAR

L. D. Estefânia, 23 a 27

Telef. 535203

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

Sala no 1.º andar para Banquetes

Lanches de Casamento

RESTAURANTE

antónio

COZINHA PORTUGUESA

Diàriamente açorda de lagosta

AR CONDICIONADO

ABERTO AOS DOMINGOS

R. TOMÁS RIBEIRO, 63

TONI DOS BIFES

AMANHÃ

FEIJOADA À PORTUGUESA

DOMINGO

FEIJOADA À PORTUGUESA

Av. Praia da Vitória, 50-E

(Junto do Monumental)

Telef. 536080

PROGRESSO

Restaurante ✲ Snack-Bar ✲ Pastelaria

R Barata Salgueiro, 2

Telef. 40115

Aos domingos especialidade da casa

ENSOPADO DE ENGUIAS e COELHO À CAÇADOR E LANCHES DE CASAMENTO À RIBATEJANA

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 84-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

O mar avança na Caparica e ameaça agora habitações e os estabelecimentos de banhos

Um grupo de homens retira as placas de cimento da passadeira que levava ao mar e este destruiu parcialmente

Quem entra, pelo Norte, na Costa da Caparica, é recebido com gentilezas que raiam o excesso, através de uma dúzia de letreiros monumentais que o vento mais forte não faz estremecer: «Bienvenidos», «Welcome», «Bienvenu», «Welkom», «Velkommen», «Bem-vindos»...

No entanto, tamanha gentileza teórica cada vez menos encontra correspondência de ordem prática. O mar intensificou a sua fúria destruidora contra a praia da Caparica. E o que foi uma grande esperança de estância de veraneio e repouso, o que foi o grande areal do povo de Lisboa e da margem sul: está hoje resumido a um palmo de chão escalavrado e sujo. Nem se diga que tudo começou com as últimas marés. Tudo começou há anos, quando o mar experimentou forças e não encontrou pela frente a resistência que seria para desejar...

Com as marés dos últimos dias, porém, o oceano principiou o que poderá ser o toque de finados da belíssima praia. Ontem, as ondas atingiram os carris do «Transpraia», comboio de brinquedo, que ligava, sempre á vista do mar, a Caparica com a Fonte da Telha. O facto não era inédito. Já há dois anos acontecera o mesmo, mas desta vez o mar não se limitou a pôr mão nos carris: arrastou-os numa grande extensão, torceu-os como se fossem dois fios esquecidos das redes dos pescadores parados junto dos saveiros cada vez mais longe do mar.

Na preia-mar da madrugada, de hoje, o mar comeu mais uma extensa fatia com cerca de 40 metros de profundidade. Ameaça agora directamente os estabelecimentos de banhos «Bexiga» e o bar «Praia Nova» que es encontravam do lado de cá do caminho-de-ferro. Os estabelecimentos de banhos «Evandro» e «Tarquínio», cercados de água, lembram habitações lacustres. A «muralha» (que nome pomposo...) constituída por pedras e pedrinhas não representou qualquer obstáculo á progressão das águas. As casitas de madeira viram o mar a seus pés ás 5 horas da manhã de hoje. Ali, como em outros pontos, teme-se pela preia-mar desta tarde.

No entanto, para o sul, e embora o mar tivesse avançado numa enorme extensão, ainda há muita praia. Até quando?

Desolação é a palavra certa diante deste areal que é mais do que uma praia desfeita: é um antigo sonho (um dos primeiros entre tantos) destruído. Sonho da maior estância da Europa, alguma coisa que recordava as «mil e uma noites» de um turismo maravilhoso que podia ser. E hoje é um palmo de chão escalavrado e sujo diante de um mar á solta para as maiores tropelias.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado ou encoberto e caíam aguaceiros em algumas regiões; o vento era fraco ou moderado do quadrante Sul.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 18°; mínima: Penhas da Saúde, —1°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 10°; Penhas Douradas, 2°; Coimbra, 10°; Portalegre, 9°; Lisboa, 12°; Faro, 15°; Funchal, 16°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 13°,7; na água do mar: 14°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento fraco ou moderado dos quadrantes de Sul, por vezes com rajadas; aguaceiros e condições favoráveis a ocorrência de trovoadas.

Amanhã
Nascer ás 08 e 55
Ocaso ás 18 e 33

Dia 14 Dia 22 Dia 30 Dia 6

MARES:

PREIA-MAR. Dia 9 — 5 e 19 (4,3 m); 17 e 50 (4,0 m). Dia 10 — 6 e 08 (4,3 m); 18 e 34 (3,9 m). Dia 11 — 6 e 50 (4,2 m); 19 e 17 (3,8 m). BAIXA-MAR: Dia 9 — 11 e 09 (0,7 m); 28 e 21 (0,8 m). Dia 10 — 11 e 52 (0,7 m). Dia 11 — 0 e 01 (0,9 m), 12 e 40 (0,8 m).

SUBIU EM SANTARÉM O NÍVEL DAS ÁGUAS

SANTARÉM, 9 — A leitura da escala hidrométrica confirma que subiu o nível das águas no Tejo, junto a esta cidade. Assim, ás 3 horas registavam-se 6 metros e 16; ás 6 horas passava para 6 metros e 26 e, ás 9 da manhã, o nível era de 6 metros e 30.

Por seu lado, em Vila Velha de Ródão, os registos colhidos ás 3, 6 e 9 horas, indicaram, respectivamente, 5 metros e 10, 5 metros e 5 e, novamente, 5 metros e 5 centímetros, a revelar melhoria ou, no pior dos casos, estabilidade.

Na Barquinha o nível das águas sofreu uma progressiva descida: 5 e 70 (3 horas), 5 e 56 (6 horas) e 5 e 39 (9 horas).

Sexto dia consecutivo de isolamento da pequena aldeia de Reguengo do Alviela, que as águas cercam por todos os lados, alagando já a estrada que liga esta localidade ao Pombalinho. Também o troço rodoviário que une a Ribeira de Santarém a Alcanhões está completamente alagado e interdito ao trânsito.

À uma hora da madrugada as águas galgavam o «Dique das Omnias», colocando em perigo as localidades mais próximas.

Continuam encerrados portos do Norte

PORTO, 9 — Apesar do tempo ter melhorado em terra, com o sol a espreitar a espaços, o mar continua bastante agitado. Por tal motivo, as traineiras da frota pesqueira de Matosinhos, continuam abrigadas em Leixões, cujo porto, contudo, se mantém aberto á navegação. Tal já não sucede na barra do Douro e nos portos de Vila do Conde, Viana do Castelo e Póvoa de Varzim, onde não há movimento de embarcações. É de presumir, todavia, que da parte da tarde a situação melhore e permita a reabertura das duas barras e dos dois portos de mar.

Segundo o boletim recebido ás 8 e 35 da Rádio Naval da Boa Nova a previsão para o período das 9 ás 21 horas de hoje é a seguinte: céu, geralmente muito nublado; vento, moderado a muito fresco de sudoeste, soprando por vezes com rajadas; hidrometeoros, aguaceiros e possibilidade de trovoadas; visibilidade, moderada a boa; estado do mar, cavado a grosso, ondulação moderada a forte de sudoeste.

O «Varna» reduzido a um montão de sucata

O navio búlgaro «Varna» que conforme temos noticiado, tem sido flagelado pelo mar revolto e que por ele foi partido em três partes, durante a noite e a madrugada de hoje ficou reduzido a um montão de sucata, jazendo, agora, sobre as areias do Cabedelo, onde há cerca de um ano encalhou.

O Douro sobe na Régua

O caudal do rio Douro engrossado pelas chuvas que nos últimos dias têm caído com abundancias voltou a subir na Régua, onde ás 9 horas de hoje se encontrava 5,68 acima do seu nível normal, com tendência a subir ainda mais. Se tal acontecer registar-se-á nova cheia que afectará como sempre as zonas marginais daquele rio, causando prejuízos sem conta.

Chuva de pedras perto de Nelas

VISEU, 9 — Na aldeia de Casal Sancho, concelho de Nelas, os habitantes foram surpreendidos com um facto pouco habitual, que constituiu o motivo de todas as conversas nos últimos dias: uma chuva de pedras de alto lá com o charuto! Houve pedras de todas as cores e dimensões: vermelhas e grandes, negras, brancas de nácar, outras com aspecto de pedra-pomes, etc. Porque toda a população estava, á hora do insólito festival de pedrada, recolhida em suas casas, não há feridos a lamentar.

Muitas gripes na Murtosa

MURTOSA, 9 — O mau tempo tem-se feito sentir com intensidade na Murtosa, com muita chuva e uma grande vaga de frio. Devido ao rigor do Inverno — um dos mais agrestes dos últimos anos — há a registar muitos casos de gripe e constipação.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Veio ao nosso jornal, apresentar cumprimentos de despedida, o sr. tenente-coronel Gomes Bessa, que deixou de exercer o cargo de comissário nacional da M. P. e parte, em breve, para Angola, em comissão militar. Agradecemos a gentileza.

Suspensos dez atletas por indicação da D. G. D.

Por não terem regularizado completamente a sua situação, no que respeita á devolução dos equipamentos nacionais, utilizados quando da disputa dos últimos jogos Luso-Brasileiros, foram suspensos, por indicação da Direcção-Geral dos Desportos, de toda a actividade desportiva os seguintes atletas: Carlos Sustelo, Alberto Matos, Carlos Lopes, José Pina, Tavares Alves e Maria do Céu Lopes, todos do Sporting C. P.; Barceló de Carvalho e António Fonseca e Silva, do Benfica; Maria Amélia Carriço, do Vitória de Setubal e Carlos Tavares, individual.

A situação destes atletas poderá ser revista pela respectiva Federação, se eles apresentarem o equipamento referido.

LEI DE IMPRENSA

A direcção do Sindicato Nacional dos Jornalistas convocou para o próximo dia 23 do corrente, pelas 17 horas, uma assembleia geral extraordinária para discutir a «posição dos jornalistas portugueses face à apresentação à Assembleia Nacional da anunciada Lei de Imprensa».

Nessa assembleia será apreciado um parecer - proposta apresentado pela comissão nomeada pelo Sindicato para estudar a Lei de Imprensa e que é constituída pelos jornalistas Leopoldo Nunes, João Arnaldo Maia e dr. José Carlos de Vasconcellos — além de, em representação da direcção, o seu presidente, Pereira da Costa.

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

3.° Sector — **Concelho de Lisboa:** Rua do Arco do Carvalhão (parte), Rua dos Sete Moinhos (parte), Escadinhas dos Terramotos, Rua Maria Pia (parte) e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

3.° Sector — **Concelho de Lisboa** — Rua Joaquim Casimiro 2 a 62 e de 1 a 41, Rua Maestro António Taborda 49-A a 49-C, Rua do Olival 272 a 282, Trav.° da Amoreira 24 a 30 e de 27 a 33 e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

1.° Sector — Estrada dos Marcos, Bairro Alto da Ajuda (parte) e Restaurante de Montes Claros. (Das 8 ás 12 horas).

4.° Sector — Av.° do Uruguai e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

9.° Sector — Az.° da Salgada, Az.° do Planeta, Quinta do Ourives, Alto das Conchas e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

9.° Sector — Az.° das Terezinhas, Quinta da Flamenga, Az.° da Bela Vista e imediações. (Das 8 ás 12 horas)

1.° Zona — **Concelho de Sintra: ALGUEIRÃO:** Rua Luís de Camões, Rua Vasco da Gama, Rua Eng.° Gomes da Silva, Av.° D. Afonso Henriques, Rua Capitão Américo dos Santos. (Das 8 ás 15 horas).

2.° Zona—RIBEIRA DE SINTRA / VÁRZEA DE SINTRA / CABRIZ / CARRASCAL / MORELINHO. (Das 8 ás 15 horas).

3.° Zona — **Concelho de Cascais:** ABUXARIDA. (Das 8 ás 15 horas).

4.° Zona — **Concelho de Oeiras:** QUEIJAS. (Das 8 ás 15 horas).

5.° Zona — **CRUZ QUEBRADA:** Cd.° de Santa Catarina, Rua Sacadura Cabral, Ruas A e B e adjacentes do Bairro Novo da Cruz Quebrada, Cd.° Conde de Tomar (viveiros Falcão), Trav.° Pinto Correia e imediações. (Das 8 ás 15 horas).

Violento terramoto no Sul da China

(Continuação da 1.ª página)

(17 e 3 T.M.G. de segunda-feira)..

Na província de Yunnan, com as suas montanhas elevadas de pedra calcária, florestas, pequenas planícies e vales, registam-se com frequência violentos abalos telúricos.

«CATÁSTROFE NACIONAL»

Rádio Pequim não fez referência a vítimas ou á extensão dos estragos.

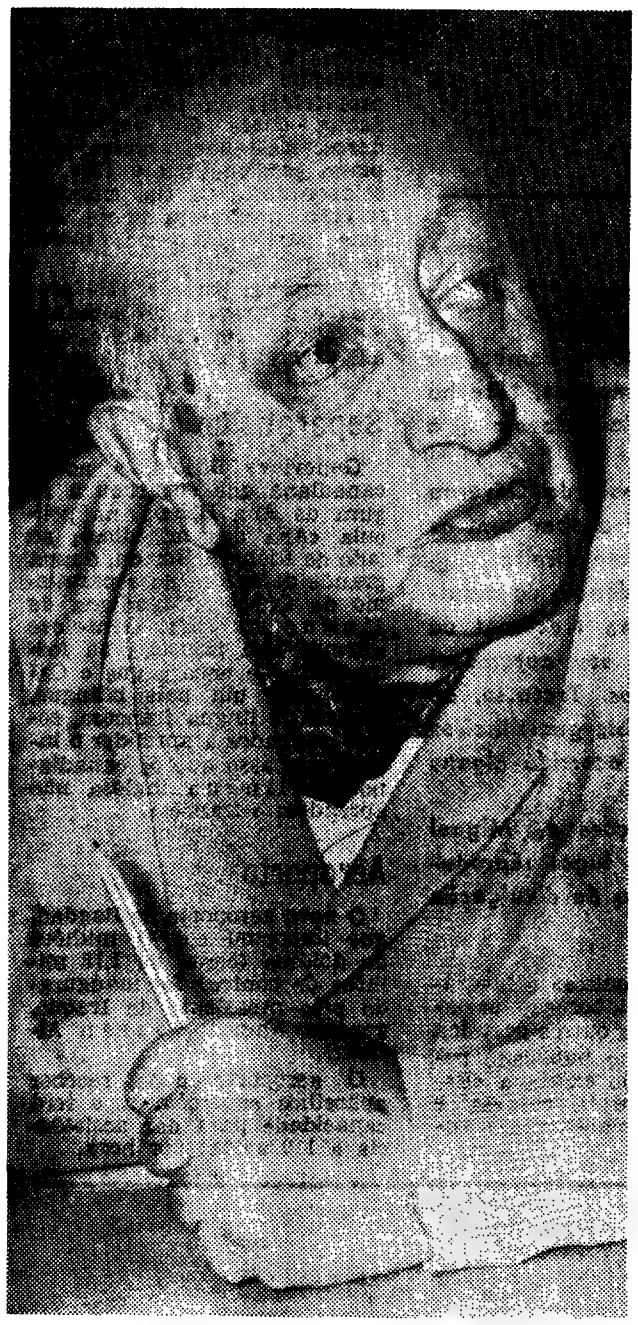
Limitou-se a dizer que habitantes locais, comissões revolucionárias e tropas estavam empenhadas em trabalhos de socorro.

Após o sismo, a comissão central do Partido Comunista enviou uma mensagem aos habitantes da área afectada comunicando a preocupação e o interesse do presidente Mao Tsé Tung e do vice-presidente Lin Piao.

A Rádio acrescentou que a comissão central delineara também «medidas eficazes de combate contra a catástrofe nacional».

A emissora não forneceu o epicentro exacto do terramoto, mas a agência noticiosa norte - vietnamiana informou antes que estava situado a 300 km da fronteira noroeste do país.

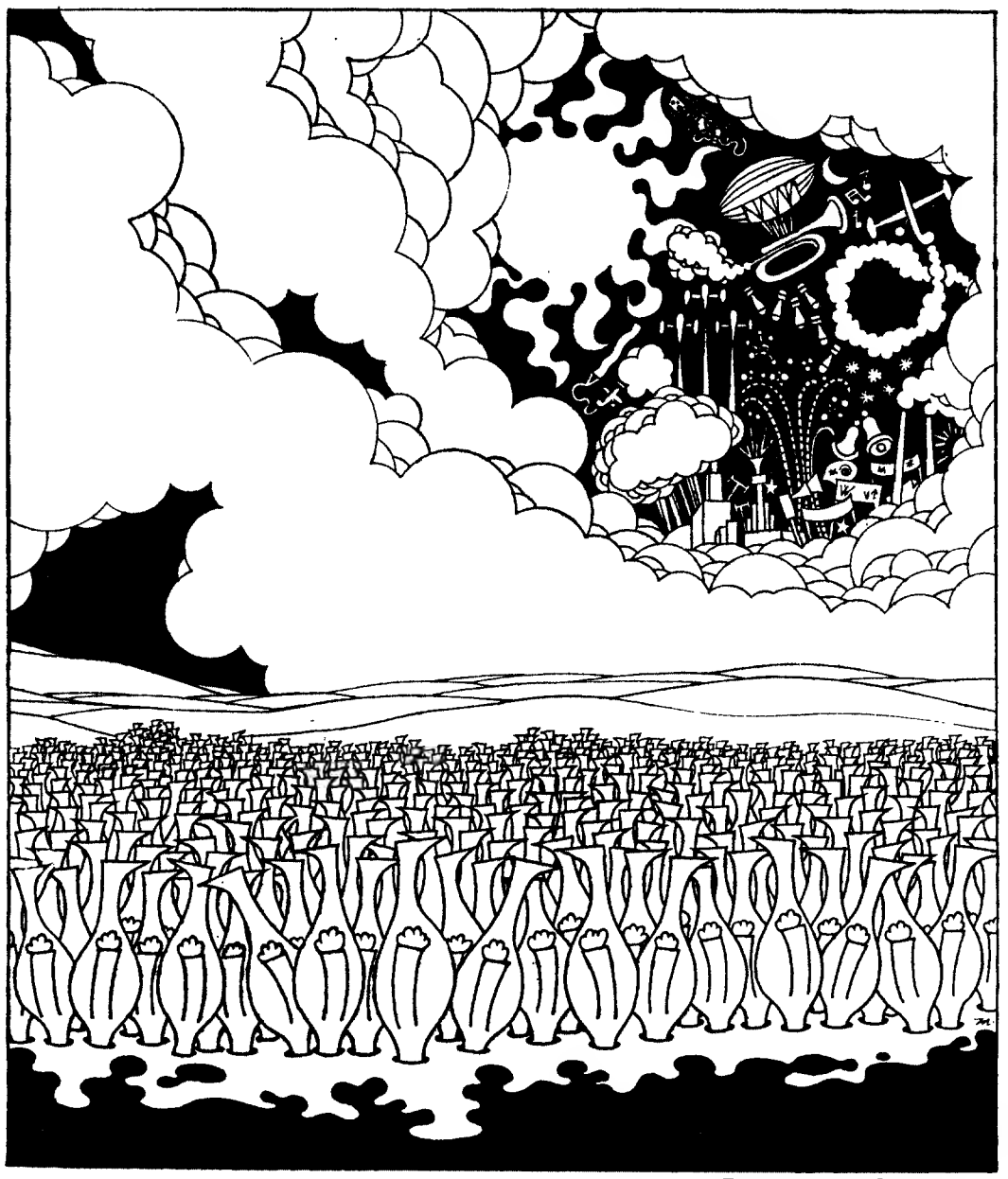
Temas em discussão:



● **A Guatemala no verbo de Asturias,** conversa a três com o Prémio Nobel de Literatura de 1967, em que intervieram, pelo «Diário de Lisboa», José Fernandes Fafe e Manuel de Azevedo ● **Que pensa do individualismo dos portugueses-,** inquérito a que responde o eng.º Sidónio Paes ● **O Marketing na sociedade contemporânea,** comentários, documentos e depoimentos de especialistas ● **Opiniões ao acaso da rua sobre publicidade** ● **Ainda o ensino técnico profissional, etc.**

MESA REDONDA

A praia dos pássaros esquisitos



Desenho de João Abel

Economia portuguesa: balanço de 1969

SÉRGIO RIBEIRO

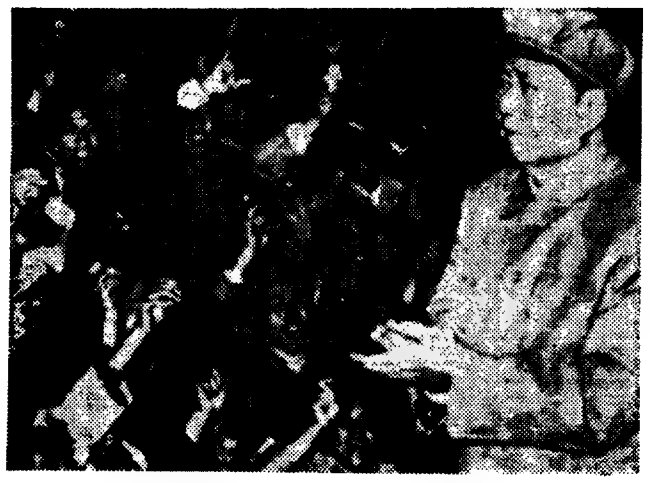
Acompanhámos a evolução das «coisas económicas» com particular atenção durante o ano que se apaga e consigo arrasta uma década. E não o fizemos por simples obrigação ou deformação profissional. É que as tais «coisas económicas» vão ganhando um privilegiado direito de cidadania, e já não se consegue dissociar qualquer facto de uma motivação, causalidade ou consequência, de feição económica. Claro que isto não acontece assim por ter passado a ser assim; acontece assim porque a nossa capacidade de interpretar vai conquistando a força e lucidez que desmistifica e leva ás raízes. Que não acontece assim por tudo ter passado a ser diferente, afirmamo-lo em razão de há muito se dispor de um instrumental de interpretação que a tal leva, na interpretação dos factos, mas só nos parece que é recente a inequívoca, e cada vez menos discutível, penetração do «económico» em todos os domínios do homem. Por muito forte que se aceite a personalidade de de Gaulle é difícil encontrar quem justifique a política francesa da década como estremecmente motivada por essa personalidade. A política francesa foi de Gaulle enquanto. Foi enquanto de Gaulle representou e serviu interesses dominantes na socioeconomia francesa.

Este é um exemplo, e bastante significativo por essa mesma personalidade tão marcada. Mas o exemplo já se encontra como elemento do balanço de 1969 que justificou que nos sentássemos á máquina. Logo depois de de Gaulle veio a desvalorização do franco. Pela calada, ao escalar das férias. E apareceu com novas forças uma construção da Europa, com a E.F.T.A. a talvez sumir-se numa C.E.E. (Mercado Comum). O que não será tão fácil como isso, porque a C.E.E. tem os seus graves problemas, na agricultura, p.e., e os anglo-saxões não virão facilitar nada, antes tornarão tudo mais complicado. De Gaulle diria que não virá a ser a construção da Europa mas a diluição da Europa num Ocidente (económico), sob direcção anglo-saxónica. Diria de Gaulle, e achavam muito certo os interesses que receiam a porta aberta da Inglaterra, pelos ventos de concorrência que soprarão das Américas. Mas o pior foi Maio de 68, e as reivindicações e força operário-sindical, e as exportações de capital, e a não desvalorização do franco (ou a não revalorização do marco).

E o franco desvalorizou, via banqueiro-Pompidou e financeiro em mangas de camisa-d'Estaing, e o marco revalorizou, via dialogante-W. Brandt. Mas as economias inglesas não correm sobre esferas, os E.U. queixam-se cada vez mais amargamente de terem de estar a policiar o mundo, uma vez que, segundo a perspectiva deles, há um certo desequilíbrio entre a pequena distribuição desse encargo e a repartição da exploração do chamado «terceiro mundo», o que é muito discutível porque o modo como o dólar se aguentou em 1968 (e se vai aguentando) é uma faceta de um certo endosso de problemas para outras moedas (e a constante perturbação monetária interna-

Cont. na pág 8

ASSIM VAI O MUNDO



«Rebeldes» maoístas

Um artigo publicado no jornal teórico da China, «Bandeira Vermelha», pôs fim á esperança dos extremistas maoistas de conseguirem altos postos na reorganização do Partido Comunista. O artigo, escrito por uma unidade do Exército, previne os extremistas de que não podem esperar a entrada automática no Partido devido ao seu cadastro durante a «Revolução Cultural»

O artigo diz que a entrada para o Partido, que está presentemente em processo de reorganização e reabilitação, deve ser estritamente á base de mérito e de harmonia com as regras do Partido. A importancia do artigo, que aparece no ultimo numero do jornal, foi frisada pela rádio de Pequim, que repetidamente o transmitiu em todos os seus boletins noticiosos.

O artigo revela que os dirigentes chineses têm sido alvo de pressão por parte dos «rebeldes» maoistas que julgam que, pelo facto de terem prestado «serviços uteis» na «Revolução Cultural», deveriam gozar do direito de filiação automática no Partido. Acrescenta que os militantes da «Revolução Cultural» estavam a pedir participação na reorganização do Partido.

«Eles afirmam que deveriam exerecer a orientação para a consolidação e edificação do Partido, que deveriam constituir a base das organizações rectificadas e de construção do Partido. Essa ideia é extremamente errada».

O artigo previa que nem «as tendências erróneas» dos direitistas, nem as dos esquerdistas, poderão ser autorizadas a influenciar a remodelação do Partido.

Os dois jornais principais de Pequim, o «Diário do Povo» e o diário «Exército de Libertação», publicaram também o artigo.

Vodka

Segundo a «Reuter», um jornal soviético preconizava, há dias, medidas rápidas para restringir a venda da vodka como parte da batalha contra o alcoolismo no país. Um leitor do jornal escreveu da cidade de Krasmodar afirmando que a agitação do publico contra o alcoolismo tem estado a registar-se desde há muitos anos, mas até agora não conseguiu reduzir a procura da vodka, que é a mais popular bebida na União Soviética.

O leitor frisou que, ao passo que a venda de licores estava restringida a estabelecimentos com licenças e em horas especiais, em muitos países ocidentais, a vodka pode ser adquirida diàriamente em qualquer estabelecimento de géneros alimentícios na União Soviética, desde as 10 da manhã, por menos de 100 escudos por garrafa.

O leitor sugeriu, como primeira medida, que fosse suprimida a venda da vodka inteiramente nos fins-de-semana e não fosse vendida a menores. As garrafas de vodka deviam ser também retiradas dos escaparates.

As colunas de correspondência de jornais soviéticos — ainda segundo aquela agência — têm estado cheias de receios, com um longo debate sobre a maneira de fazer face ao mal do alcoolismo e dos seus efeitos nocivos sobre muitos aspectos da sociedade soviética.

Museus

Segundo um inquérito feito recentemente, verificou-se estarem as classes jovens cada vez mais interessadas nos museus de Itália. Nos dez anos que decorreram de 1957 a 1967, o número de visitantes subiu de cerca de 8 milhões e 200 mil para mais de 14 milhões, o que representa um incremento de 71 por cento.

Vaga de atentados na Guatemala

O «Le Monde» de 23 de Dezembro passado inseria a seguinte notícia:

«Houve no sábado uma série de atentados à bomba, na capital guatemalteca, contra empresas e armazéns. Não há vítimas a lamentar, mas os prejuízos materiais elevam-se a 60 mil contos.

Estes atentados deram-se dois dias depois do Governo ter decretado o estado de sítio, para tentar acabar com os choques entre a extrema esquerda e a extrema direita.

Na semana passada, o candidato à presidência do município da capital, pertencente ao Movimento Nacional de Libertação (extrema direita), foi morto no seu automóvel e três agentes de polícia foram assassinados. Trata-se, ao que parece, de represálias pela morte de dois guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias (FAR), ocorrida alguns dias antes.»

Vale a pena esclarecer que as declarações de Miguel Angel Astúrias sobre o assunto, que noutro lugar reproduzimos, nos foram feitas um ou dois dias antes da divulgação destes acontecimentos.

Japão

A agência «Nova China» anunciou a criação de um novo partido comunista maoista no Japão, destinado a reagir contra o partido comunista japonês «Miyamoto», que é considerado «revisionista» e favorável a uma colaboração parlamentar com os outros partidos.

Um manifesto publicado pelo novo partido exalta a «Revolução Cultural» chinesa e denuncia a colaboração nipo-americana.

«Der Spiegel»

«Os colaboradores da revista semanal «Der Spiegel» estarão interessados nos lucros da empresa, a partir de 1970» — anunciou Rudolf Augstein, proprietário da editora e redactor-chefe do semanário. Acrescentou que, segundo um plano escalonado até 1980, os colaboradores da sua empresa subirão progressivamente até uma participação nos lucros de 50 por cento.

A empresa emprega 730 pessoas e a tiragem do semanário atinge um milhão e cem mil exemplares.

Separatismo

Geneviève Bujold, a actriz canadiana que encarnou a figura de Ana Bolena, na película «Ana dos mil dias», ao lado de Richard Burton, é uma grande defensora do separatismo de Quebec. Canadiana de língua francesa, Geneviève afirma: «Há injustiça na forma como se encara que o Canadá seja um país bilingue. Nós, os de língua francesa, somos obrigados a aprender o inglês, ao passo que os canadianos de língua inglesa não aprendem o francês».

Aeroporto

O novo aeroporto de Bagdad, que importou em 41 milhões de dólares (cerca de 1,18 milhões de contos) foi inaugurado pelo presidente do Iraque, general Ahmed Hassan Al-Bakr.

O aeroporto pode receber aparelhos supersónicos e terá capacidade para dar assistência a 110 aviões por hora.

ASSIM VAMOS NÓS

O vazio de alma

No seu editorial de 4 do corrente, subordinado ao titulo «Que é a paz?», conclui o «Diário da Manhã» o seguinte modo:

«Perpassam no decorrer da mensagem do Presidente Américo Thomaz todas as certezas e todas as dificuldades, todas as horas luminosas de exaltação e todos os momentos tristes do ano que passou; desfilam as apreensões da hora presente, as razões que sustentam a nossa razão perante os que se nos opõem e a força determinada da nossa vontade; ressaltam os imperativos morais sob que há-de agir uma civilização ameaçada. A mensagem do Chefe do Estado português é uma lição de serena sabedoria e de paternal afecto aos portugueses de todas as raças, de todas as religiões, de todas as latitudes, ainda mesmo os que vivem e labutam em terras estrangeiras. De todas as suas palavras, todavia, ficaram-nos a ressoar aquelas, magníficas, em que defende a Paz verdadeira, pela qual nos batemos, contra a paz inautêntica, dos que a confundem com o vazio de alma que é a simples ausência de guerra.»

Defesa do diálogo

O dr. Francisco Balsemão, deputado pela Guarda e administrador do nosso prezado colega «Diário Popular», reuniu num volume, intitulado «Mentalização para a Eficiência», os quatro discursos que proferiu durante a ultima campanha eleitoral.

Na «Explicação Prévia» afirma, a certa altura o dr. Francisco Balsemão: «Defensor acérrimo do diálogo franco e do debate aberto, desejaria não ter tido de os proferir em tom magistral. Partidário sem disfarce da liberdade de expressão do pensamento, gostaria que as descrições e soluções neles apresentadas tivessem surgido, despidas de formalidades e de preconceitos, no decurso de discussões com individuos válidos e animados da vontade de colaborar. Detestando os vedetismos e os individualismos estéreis apreciaria que a doutrina que neles se contém tivesse resultado de um trabalho de conjunto e não da iniciativa de um só.»

E como conclusão: «Tendo sido eleito deputado, limito-me, portanto, a cumprir o dever, para mim sagrado, de divulgar as minhas opiniões. E como, por muito prezar a minha profissão de jornalista, sou dos que continuam a acreditar na autoridade da palavra escrita — desejando, por isso mesmo, vê-la mais prestigiada, livre e possibilitada de actuação — nada mais natural do que, para tal divulgação, optar pela forma escrita.»

Guiné Portuguesa

«Sem embargo de o apoio moral de alguns Estados amigos e, ainda, da atitude ultimamente mais moderada de alguns países da O. T. A. N., temos de reconhecer que os Governos ocidentais ainda não tomaram perfeita consciência das mais elementares realidades do panorama internacional, onde se integra a politica africana. Temos esperança de que, num futuro próximo, a situação evolua no sentido de melhor se compreender a verdadeira projecção do esforço português, e que então Portugal passe a receber, declaradamente das nações ocidentais, o apoio moral e material a que legitimamente tem direito.

Se os terroristas ganhassem a partida nesta parte da Africa, a Guiné Portuguesa acabaria, inevitàvelmente, por ser absorvida pelos países limitrofes e transformar-se-ia em mais um satélite da órbita do comunismo internacional. Tal situação implicaria um irreparável retrocesso na esfera da valorização e dignificação das populações nativas e a perda para o Ocidente do inestimável valor estratégico que representa o arquipélago de Cabo Verde na defesa do Atlantico Sul».

(Da entrevista do general António de Spínola ao representante da United Press International em Lisboa).

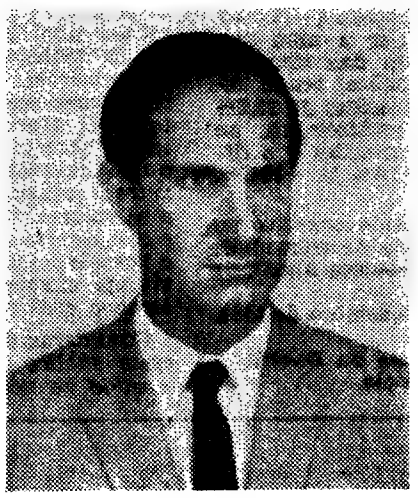
Inquérito — Que pensa do individualismo dos portugueses?

Á força de tanto se falar do individualismo dos portugueses, tal ideia quase assume o valor de um axioma. Na versão generalizada, esse mal teria as suas inevitáveis consequências não só nas relações sociais, como no nível do desenvolvimento socioeconómico do País e na nossa capacidade de organização com vista a construir a prosperidade material e a divisão de riqueza susceptíves de corresponder ás aspirações da grande maioria da população. Será assim ou tratar-se-á apenas de conjecturas sem fundamento?

No espírito de diálogo e no propósito de debate amplo de princípios e situações que respeitam toda a comunidade que caracterizam este suplemento, decidimos lançar um inquérito, em que perguntamos: *Será o individualismo um mal que afecta particularmente os portugueses? Que fazer para evitálo?*

Iniciamos hoje a publicação de depoimentos com a resposta do eng.º Sidónio Paes.

1 — Será o individualismo um mal que afecta particularmente os portugueses?



Eng.º Sidónio Paes

Se **individualismo** significa excessiva preocupação consigo próprio e com os seus interesses, preferência da acção individual ao trabalho colectivo, falta de sentido social e de espírito associativo, parece-me que este mal está muito espalhado entre nós

Não sei dizer se nos afecta **particularmente**, isto é, mais ou menos do que a outros povos, ou mais ou menos do que outros defeitos. Afecta-nos porém o suficiente para valer a pena determinar causas e aplicar remédios.

Quanto a causas, não creio que o individualismo seja uma espécie de característica atávica do nosso povo. São-nos reconhecidas qualidades de hospitalidade, ajuda desinteressada, espírito de sacrifício, bem contrárias ao individualismo. Por experiência própria, desde a Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico, até à profissão, passando por diversos sectores da Acção Católica Portuguesa, posso testemunhar ter encontrado verdadeiro gosto pelo trabalho de conjunto e autêntico espírito associativo. No desporto, não são o futebol e o hóquei em patins jogos essencialmente de equipa? E a nossa História poderia também trazer exemplos em apoio a este ponto de vista: as corporações medievais, os descobrimentos, o surto associativo no fim do século passado e início do presente.

Mas o individualismo é uma forma de egoismo em que todos temos tendência a cair. Mesmo que haja qualidades tradicionais que o contrariem, se não somos fortemente motivados dificilmente resistimos. Ora creio que são essas fortes motivações que faltam na nossa sociedade

Essas dificuldades e limitações levam a que muitas pessoas sintam que não vale a pena trabalharem em conjunto, por falta de eficiência das respectivas instituições. Para resolver os problemas é muito mais rápido e seguro conseguir as boas graças de alguém influente, meter uma boa «cunha»!...

2 — Que fazer para evitá-lo?

Há defeitos de mentalidade e defeitos de estrutura, cuja correcção simultânea ajudaria a ultrapassar o obstáculo de individualismo que hoje defrontamos. É trabalho de fôlego, porque o mal está sòlidamente instalado e largamente difundido

Antes de mais, haveria que criar as tais motivações: só o incentivo, o fortalecimento, a liberdade, legalmente assegurados às instituições associativas conduziriam à revisão de ideias e mudança de hábitos.

Vencida a descrença, aberto o apetite, haveria que adquirir uma boa forma, que manifestamente nos falta. Em alguns casos particulares actividades agrícola e sindical, por exemplo seria necessária alguma formação — mas agora esta faz-se acelerada para tudo! Em qualquer caso só o treino, isto é, a prática associativa (implicando alguns inevitáveis desaires) levaria a uma boa forma no trabalho de equipa.

A acção fundamental estará, aqui como em tudo, na preparação dos jovens. A tão falada reforma do ensino deveria prever, nos programas, como na vida académica, o ensino e a prática do ideal colectivo, do espírito associativo, do trabalho em equipa

TEM A PALAVRA O LEITOR

Ainda o ensino técnico

Em resposta à carta de António Cabrita Marques, «Acuda-se ao Ensino Técnico Profissional», publicada no número anterior deste suplemento recebemos a seguinte carta do nosso leitor Valdemar Quinta Ferreira.

«Há por aí muita gente ilustre que não vê com bons olhos esta coisa do diálogo. Entende que é árvore que já deu frutos.

Na medida em que sou francamente pelo diálogo, penso que a carta do sr. António Cabrita Marques justifica uma resposta, quanto mais não seja para não deixar adormecer o assunto.

O seu comentário «Acuda-se ao Ensino Técnico Profissional» é já um trabalho em profundidade sobre o assunto, o que não acontecia com a minha carta sobre o «Esquecido Ensino Nocturno», que não passava de um modesto reparo crítico acerca da apatia perante os tão graves problemas do indivíduo que trabalha e estuda.

Acho pertinente perguntar até ao amigo A. Cabrita Marques, como queria que eu falasse do Ensino Diurno se nunca o frequentei?!... A única coisa que lhe poderia dizer acerca de ensino diurno... é que minha filha entrou este ano para a escola, não tinha nenhuma acessível, pelo que tenho de pagar todos os meses para ela andar numa improvisada, ou seja numa pequena sala de estar onde se conseguem meter dezenas de crianças nas piores condições de comodidade e com processos de ensino também improvisados... Dizem-me, porém, ser ainda melhor que nas escolas oficiais...

Daí já o amigo A. Cabrita Marques vê o motivo porque focámos em primeiro plano o grau de ensino a que de mais perto estamos ligados, deixando para outros o muito que há a dizer sobre outros ensinos.

A. Cabrita Marques pode acusar é os termos quase abstractos que usei.

Temos de continuar com a nossa linguagem, até plena consciencialização das pessoas que os orientam; continuar até que essas pessoas considerem ser benéfico para todos o apontarem-se erros, honestamente.

Impõe-se que as autoridades escolares, alertadas tomem as mais rápidas e eficazes providências, promovendo e actualizando o Ensino Técnico, sabendo ser dele que está dependente o futuro da Indústria Nacional.»

VALDEMAR QUINTA FERREIRA

espelho da imprensa

«A igreja dos emigrantes»

«...Cada ano atravessam os Pireneus muitos portugueses que, ou por não terem trabalho ou porque não ganham o suficiente para viverem dignamente, partem para os países ricos do Mercado Comum. Em França e na Alemanha esperam-nos postos de trabalho — alguns bem humildes e pesados — onde se recebem salários satisfatórios. O resto é aventura, risco de enfrentar o desconhecido.

Há outras emigrações não menos importantes, das quais pouco se escreve. Saem para o estrangeiro cientistas investigadores, estudiosos, pondo ao serviço dos outros os talentos que tanta falta nos fazem. É a chamada «fuga de cérebros». E também a «fuga de capitais», os quais se deviam aplicar no desenvolvimento do próprio País, e não no proveito pessoal. Apenas nos referimos á emigração propriamente dita, á fuga da mão-de-obra.

Pecaríamos de excessivo optimismo se vissemos neste êxodo apenas aspectos positivos. Também é certo que não se pode projectar uma luz excessiva sobre o negativo da emigração. Nem optimistas nem pessimistas poderão dar-nos uma imagem clara do fenómeno tão português da emigração. Só aqueles que vivem na sua carne este drama poderiam talvez fazer uma necessária síntese. Escutemos a sinceridade do nosso povo humilde e paciente.

Saltam á vista, porém, alguns aspectos gerais do fenómeno emigratório. Um fenómeno de consequências positivas, já que muitos trabalhadores, ao entrarem em contacto com um mundo industrializado, se capacitam para exercerem actividades secundárias, industriais. Esta promoção capacita os que antes eram pobres camponeses ou operários não qualificados para ocuparem dignamente postos de trabalho no sector industrial.

Também o Estado sai a ganhar com a emigração. Não temos estatísticas. Mas os capitais e as divisas que entrain, decerto que ajudam a equilibrar a balança de pagamentos. Além disso, o êxodo emigratório vem resolver o problema do desemprego ou a falta de postos de trabalho, onde de facto existam.

... ...

A Igreja dos Emigrantes é a que está atenta a esta realidade social. É aquela que nestes dias se preocupa pela promoção social e assistência espiritual do povo português emigrado.»

(Do artigo «A Igreja dos Emigrantes», de Pedrosa Ferreira, em «Novidades», 6-1-70)

«Horizonte 70»

Encerrada a década de 60, um novo horizonte desenha-se no tempo: que significarão os dez próximos anos no decurso da história?; que perspectivas se abrirão no caminho das sociedades à realização das transformações necessárias a uma total emancipação do homem de todas as formas mais ou menos evidentes, mais ou menos subtis, que dele fazem um instrumento ao serviço das engrenagens da alienação? Tornou-se já um facto de todos conhecido que as espantosas conquistas alcançadas no domínio tecnológico e científico ao longo dos últimos anos contrastam clamorosamente com as situações de atraso e miséria em que vivem dois terços da população mundial.

A quem aproveitam, então, essas conquistas? Ao serviço de quem são postos esses instrumentos de progresso, nas mãos de grupos privilegiados, em meios de dominação e de blocagem do verdadeiro desenvolvimento?

(«Comércio do Funchal», de 4-1-70).

As épocas de exame

Também o nosso leitor A. M. Soares, residente em Lisboa, nos remeteu uma carta sobre alguns dos problemas com que se debatem os adultos que trabalham e estudam, fazendo algumas

(Continua na página seguinte)

tem a palavra o leitor

A situação da nossa balança comercial

Um nosso leitor de Pevidém, Miguel Ângelo da Cunha Teixeira e Melo, enviou ao nosso director a seguinte carta:

«Na secção «Assim Vamos Nós», do jornal que V. dirige, publicou-se, em 12-12-1969, um comentário sobre a situação da nossa Balança Comercial, apontando-se o aumento do respectivo *deficit* nos últimos meses.

Como a análise realizada é pouco objectiva, venho pedir a V. a publicação desta minha carta, com a finalidade de mostrar claramente a evolução do nosso Comércio Externo. Conforme se lê nos n.os 162 e 164 do «Jornal Português de Economia e Finanças», respectivamente de 15-1-67 e 15-3-67, temos que:

1966 — *Janeiro-Outubro* — Exportações: 13 537 000 contos; Importações: 22 067 000 contos; Déficit: 8 530 000; percentagem das Importações cobertas pelas Exportações: 61,3%. *Janeiro-Dezembro* — Exportações: 18 023 000 contos; Importações: 29 095 000 contos; Déficit: 11 072 000 contos; percentagem das Importações cobertas pelas Exportações: 61,9%.

Para 1967, e segundo os números 165, 170 e 177 do Jornal Português de Economia e Finanças, respectivamente de 15-4-67, 15-9-67 e 15-4-68, a situação da Balança Comercial foi a seguinte:

Janeiro-Março — Exportações: 3 469 000 contos; Importações: 5 243 000 contos; Déficit: 1 774 000; percentagem das Importações cobertas pelas Exportações: 66,1%. *Janeiro-Junho* — Exportações: 8 209 000 contos; Importações: 13 350 000 contos; Déficit: 5 145 000, percentagem das Importações cobertas pelas exportações: 61.4 %. *Janeiro-Dezembro* — Exportações: 19 684 000 contos; Importações: 29 135 000 contos; Déficit: 10 249 000; percentagem das Importações cobertas pelas exportações: 67,5%.

Em 1968, e de acordo com os n.os 197, 182, 185 do Jornal Português de Economia e Finanças, respectivamente de 15 ou 30-6-69 15-9-68, 15-12-68, os dados relativos ao Comércio Externo foram:

Janeiro-Março — Exportações: 3 943 000 contos; Importações: 5 724 000; Déficit: 1 781 000 contos; percentagem das Importações cobertas pelas Exportações: 68,8 %. *Janeiro-Junho* — Exportações: 8 815 000 contos; Importações: 13 607 000 contos; Déficit: 4 792 000 contos; percentagem das Importações cobertas pelas exportações: 64%. *Janeiro-Setembro* — Exportações: 14 062 000 contos; Importações: 20 712 000 contos; Déficit: 6 650 000 contos; percentagem das Importações cobertas pelas Exportações: 67,8%. *Janeiro-Dezembro* — Exportações: 21 050 000 contos; Importações: 29 880 000 contos; Déficit: 8 830 000 contos; percentagem das Importações cobertas pelas exportações. 70%.

Finalmente, em 1969, como se pode ler nos números 197, 202 e 208 do Jornal Português de Economia e Finanças, respectivamente de 15 a 30-6-69 1 a 15-9-69 e 1 a 15-12-69, temos:

Janeiro-Março — Exportações: 4 165 00 contos; Importações: 4 981 000 contos; Déficit: 816 000 contos; percentagem das Importações cobertas pelas exportações: 83,6% *Janeiro-Junho* — Exportações: 10 244 000 contos; Importações: 13 006 000 contos; Déficit: 2 762 000 contos; percentagem das Importações cobertas pelas Exportações. 78,7%. *Janeiro-Setembro* — Exportações: 15 782 000 contos; Importações: 20 402 000 contos; Déficit: 4 620 000 contos; percentagem das Importações cobertas pelas Exportações: 77,3%.

Como se vê pelos dados apresentados, em 1967 as exportações aumentaram **9,2** %, as importações **0,13** %, tendo o déficit diminuido **7,4** %; em 1968, aquelas duas primeiras grandezas cresceram, respectivamente, **6,9** % **e 2,5** %, tendo o saldo negativo baixado (—13,8%).

Em 1969, assiste-se a uma melhoria da cobertura das importações pelas exportações, tendo estas sofrido um acréscimo de **12,2**% no período Janeiro-Setembro, ao passo que as importações e o déficit flectiram (—1,4% e —30,5%, respectivamente).

O aumento do saldo negativo ao longo de 1969 não é de estranhar, pois é comum aos outros anos».

Pevidém, 14 de Dezembro de 1969.

a) **Miguel Ângelo da Cunha Teixeira e Melo.**

É com o maior agrado que se publica a carta deste nosso leitor. É uma carta que traduz uma leitura atenta do nosso jornal e um interesse por problemas que não é muito comum encontrar expresso.

Parece-nos, no entanto, ser necessário acompanhar a publicação da carta do nosso leitor com um esclarecimento. Não se pretendia, no apontamento para o «Assim vamos nós», de 12-12-69, fazer uma análise objectiva do comércio externo de Portugal, ao longo dos anos. Aproveitava-se o aparecimento do último número dos «indicadores estatísticos de curto prazo» do I. N. E., para um apontamento sobre a evolução próxima do comércio externo. E pareceram-nos de salientar dois aspectos: que o saldo negativo se agrava consideràvelmente entre o primeiro semestre e os valores até Outubro, e que, dentro desse saldo, a parcela relativa às províncias ultramarinas observava evolução inversa.

Consideramos de interesse público anotar que o saldo do nosso comércio externo passou de 2781 mil contos negativos no 1.º semestre, para 6178 mil contos negativos até Outubro, e que, na parcela referente às províncias ultramarinas, a evolução foi de 431 para 1051 mil contos positivos, pelo que o saldo com países estrangeiros passou de 3212 mil contos negativos para 7229 mil contos negativos (7 242 766 contos, segundo o Boletim Mensal do I. N. E. de Outubro, entretanto saído).

Seria tudo quanto julgamos de esclarecer, se não fosse uma pequena correcção a fazer á carta que publicamos. Diz o nosso leitor que «o aumento do saldo negativo ao longo de 1969 não é de estranhar, pois é comum aos outros anos». Como a sua análise é feita em termos de cobertura das importações pelas exportações, chamamos a atenção para o facto de, nos próprios números que inclui a sua carta se verificar evolução inversa, melhorando-se a cobertura no decurso dos anos em referência, excepção para o ano de 1969 em que a cobertura aparece em evolução regressiva.

As épocas de exame

Cont. da pág. anterior

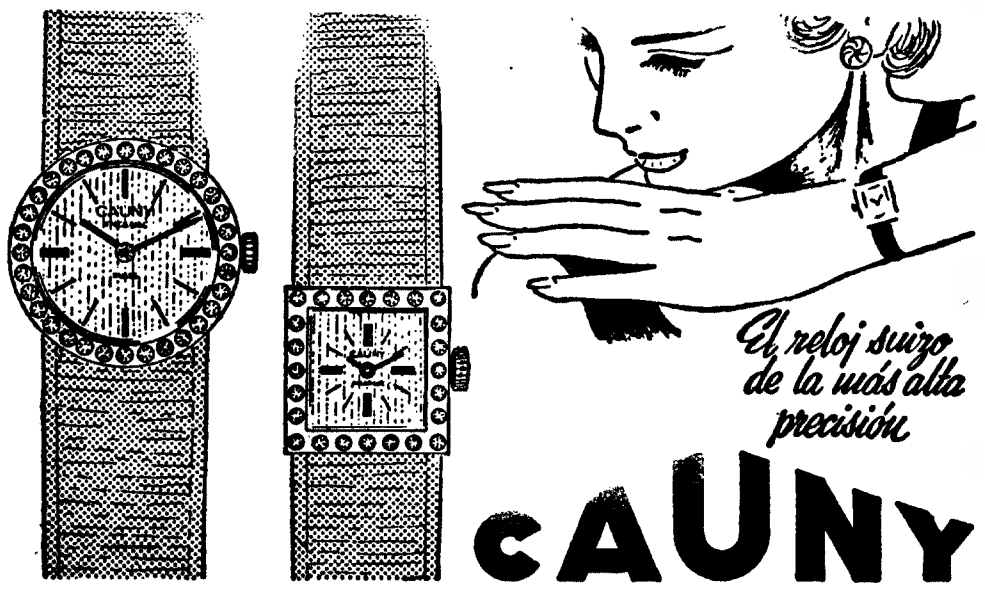
sugestões que se nos afiguram merecedoras de particular atenção. Diz aquele nosso leitor:

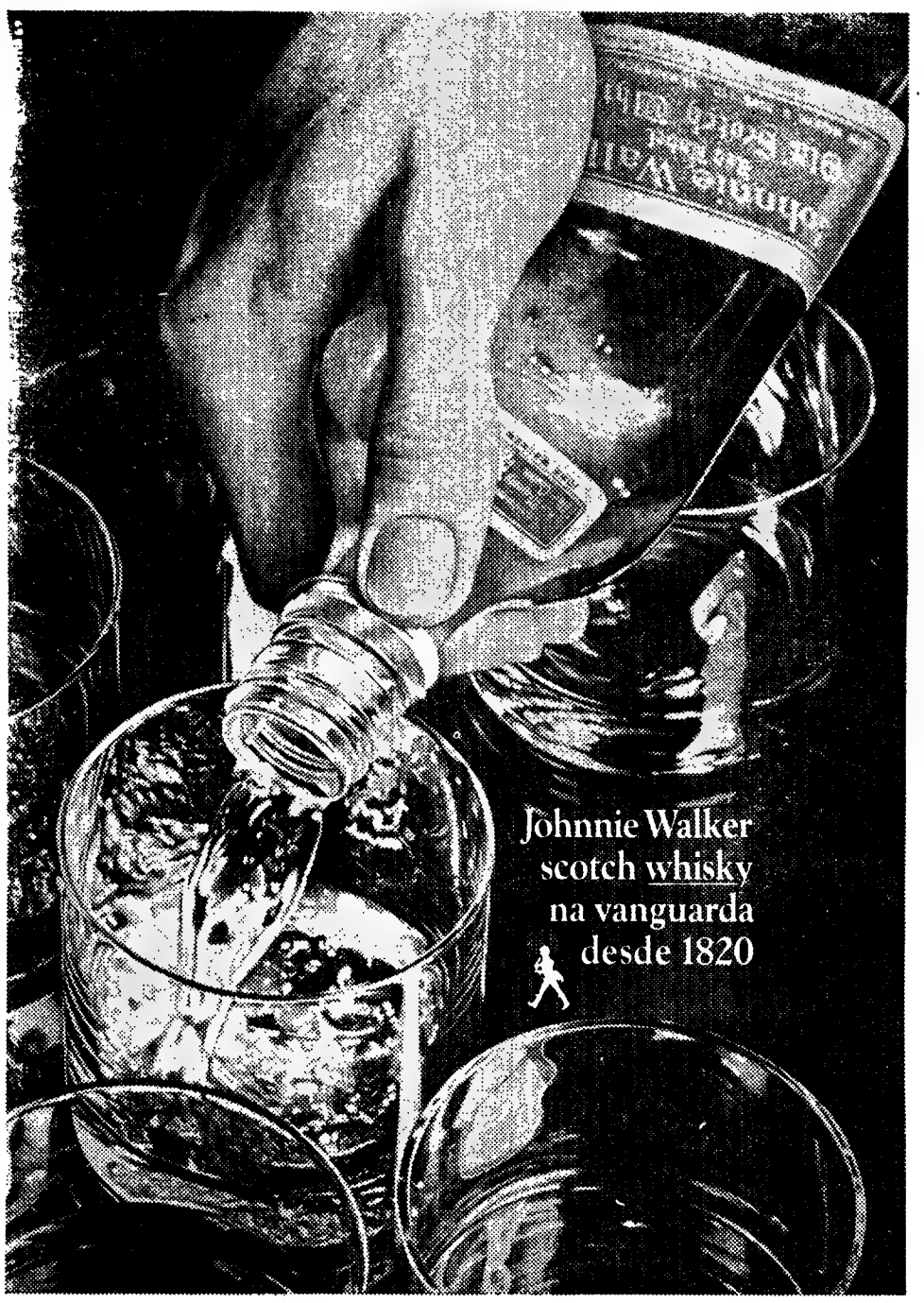
«Num dos ultimos numeros, o suplemento «Mesa Redonda» publicou a carta em que um leitor se lamenta da pouca atenção dispensada aos estudantes-trabalhadores, isto é, aqueles que, á custa de muito esforço, ainda se entregam aos livros depois de um dia de labor. Ainda bem que, na nota que entenderam por bem acrescentar á carta, revelaram a intenção de se debruçar sobre o assunto, que tem sido manifestamente relegado para segundo plano.

Com efeito, em Portugal, quando se fala em ensino, os extremos tocam-se: fala-se da Instrução Primária e da Universidade em todos os tons, defendem-se os direitos dos seus frequentadores e quase sistemàticamente se ignoram os multiplos problemas do Ensino Secundário, quer dizer, do Liceu. E dentro deste sector do Ensino ainda menos vezes se refere a situação daqueles que como eu, trabalham de dia e estudam á noite seja sózinhos nas suas próprias casas, seja em estabelecimentos com professores. Já repararam, por exemplo, que os estudantes de maior idade não dispõem de facilidades, relativamente áqueles que estudam com toda a calma durante o dia? Estes ultimos, na generalidade adolescentes, têm os estudos pagos pelos pais e, além disso, dada a sua juventude, têm todo o tempo á sua frente.

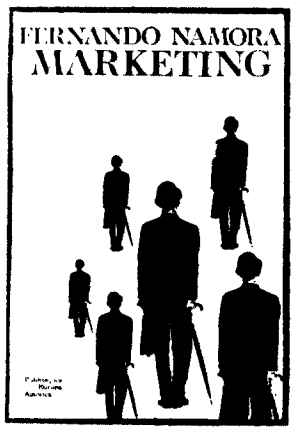
Quanto aos trabalhadores, muitos deles são chefes de família—operários, funcionários publicos empregados do comércio—que procuram elevar-se socialmente e profissionalmente, adregando deste modo á obtenção de melhores salários. Não seria possível — e aqui está um bom tema para mesa-redonda — proporcionar-lhes mais de uma época de exames por ano, a fim de ganharem o tempo perdido? Normalmente um adulto assimila com mais facilidade — até porque estuda por gosto ou por necessidade — e, de um modo geral, está em condições de fazer mais do que um ano liceal na mesma época. Não todos, evidentemente, mas muitos deles podem fazê-lo, tal como sucedeu comigo próprio. E não se poderão manter cativas as notas, quando um adulto, fazendo dois ciclos num só ano, passa no ciclo mais adiantado e «chumba» em cadeiras do mais atrasado?

A. M. SOARES»





Marketing: que muralha poderá travá-lo?



Parte final do poema «Marketing» de Fernando Namora

Vi uns homens a inaugurarem estátuas
e vi fardas e paradas e conferências
e crianças a sorrir
para os homens sorridentes que inauguravam estátuas
e vi homens que falavam e pensavam por mim
a escolherem por mim o bom e o mau
de modo a que eu não possa ser tentado
a confundir o mau com o bom ou vice-versa ou vice-versa.

Deitado no conforto de um Lusospuma
vi os porcalhões dos hippies nas ruas de Estocolmo
bem longe nas ruas de Estocolmo
mesmo a pedirem uns safanões
dos homens que acariciam crianças
e têm todas as verdades na mão
só para que eu seja um bom cidadão.
É isto: marco o rumo. As minhas cuecas marcam o rumo.
Preciso e gosto de uma data de coisas
e só agora o sei.
Menos de Sagres. Mas acabarei por gostar.
Ninguém contraria o marketing por muito tempo.
Ninguém contraria os fabricantes de bem fazer
o bom cidadão.

E tudo graças ao marketing.

O poema faz-nos sinal (1): «atenção ao marketing». Para quê, se o desastre é inevitável? *Eu não gosto de cerveja / mas tenho de gostar que os outros gostem de cerveja (...) para não contrariar os fabricantes de cerveja. / atenção ao marketing / Ninguém contraria os fabricantes de cerveja.*

Mais do que um aviso trata-se das ultimas palavras de um condenado... ao marketing. Condenado — não o poeta, o *eu* do poema, em particular, mas a humanidade *(grosso modo)* inteira. O *eu* destes versos pode ser preenchido por qualquer dos milhões de *eus* marketizados.

O tom de fatalidade compreende-se. *Ninguém contraria os fabricantes da Opel e da Super Silver / nem os fabricantes de alcatifas para panaceias / nem as panaceias nem os códigos nem os edredons macios / / nem as mensagens de natal dos estadistas / nem os negociantes de armas da Suiça / nem o homem da capa preta que virou as costas ao Palmolive.* É-se obrigado e empregar o marketing para prevenir do marketing: a atraente apresentação de «Marketing» (livro), a sua publicidade, manifestam uma iniciação no marketing. Publicamos este comentário num jornal que, evidentemente, não ignora o marketing. A U. R. S. S., se o *Expresso* (outro) não mente, começa a interessar-se pelo marketing...

O marketing faz bola de neve. E a sua inerente força expansiva destina-o a ser a bola do mundo. Que muralha da china poderá travá-lo?

Mas afinal o que é o marketing? «Nome masculino, do inglês *to market*, comprar ou vender no mercado: designa em francês a estratégia comercial: conjunto dos estudos, investigações, actividades destinadas a assegurar a distribuição e a promoção de um produto nas melhores condições. O marketing compreende em particular: o estudo do mercado, a apresentação do produto, o armazenamento, a distribuição, a promoção de vendas e a publicidade» (do *Petit dictionnaire de l'économie*, da Gonthier).

Como surgiu o marketing?

O marketing é a resposta «á saturação progressiva dos mercados, quando o crescimento dos lucros já não pode ser assegurado nem pelo aumento do volume da produção nem pela melhoria da produtividade» (Francis Girault e Richard Fenwik, proselitistas do marketing).

Detenhamo-nos naquela «saturação dos mercados». Refere-se — claro — ás necessidades *solventes*. E «os lucros» — a mira deles, o dedo no gatilho, cada um ávidamente egocentrado no desejo da vitória, da derrota dos outros...

1969 anos!

Quando é que se instaura a fraternidade?

Natal de 1969
JOSÉ FERNANDES FAFE

(1) *Marketing*, de Fernando Namora.

O «MARKETING», NOVA FUNÇÃO ECONÓMICA

As técnicas de direcção estão animadas de uma ideologia nova

Produzir mais depressa, produzir melhor ao melhor preço, tem sido, desde há muito, o objectivo número um das empresas. Daí resulta que a própria vida das empresas, toda ela, e a ideologia das técnicas de direcção (que foram concebidas neste período) tenham sido marcadas pela função económica quantitativa.

No dia em que os clientes se tornam mais raros que os produtos, em que a concorrência já não permite que se vença sómente a nível dos *ateliers* de produção, nesse dia a empresa defronta novos problemas. É então que aparecem as direcções *marketing* e que se verifica uma reviravolta na ordem de prioridade dos problemas e das funções.

Passa-se então do reinado do quantitativo para o reinado do qualitativo, começa o interesse pelo homem e pela sua psicologia, tanto no interior da empresa como no exterior. É isso que permite falar de «revolução copérnica», quando se opõe o «estado de espírito *marketing*» ao estado de espírito puramente industrial.

PRODUÇÃO É «MARKETING»

À primeira vista e superficialmente o problema ão tem saída, com efeito, as tensões económicas da produção exigem previsões a longo prazo, grandes séries, isto é, menos modelos, o menor número possivel de modificações, em resumo, a uniformidade maciça. Ao invés, o desejo de satisfazer o consumidor pode levar a uma permanência de diligências de sedução junto do consumidor, isto é, de renovação dos modelos, de pequenas séries, grandes diversificações, garantias excessivas, etc.

Este conflito é apenas aparente. Existiria, se as direcções comerciais da velha fórmula tomassem conta das empresas. É próprio das diligências e das técnicas do *marketing* associar permanentemente o lucro da empresa e a satisfação do consumidor, considerando esta última como condição daquela.

Daí resulta que o homem de *marketing* na empresa é um homem que fez muitas contas, e pode perfeitamete esquematizar-se a sua actividade, dizendo que ele concilia, incessantemente, os resultados da análise da procura e os resultados da análise dos custos.

UM NOVO CONCEITO: O MERCADO TOTAL E ORGÂNICO

O *marketing* põe em causa a relação tradicional e jurídica entre a empresa, a mercadoria que ela fabrica e vende e o mercado a que se dirige. No sentido jurídico da palavra, quando uma mercadoria sai da empresa que a vendeu a um grossista ou a um retalhista, essa empresa já não é proprietária da mercadoria. Portanto, não tem nada que ver com ela.

A sistematização da política de marca, e, portanto, de compromisso, de garantia e de responsabilidade da empresa face aos seus mercados, conduz a uma concepção diferente: a empresa não tem que ver com um cliente, tem que ver com um mercado total acima do qual há, evidentemente, o cliente final, mas muitos outros pontos intermédios que são: os sis-

Cont. na pág. 8

A concepção americana acentua o predomínio do cliente

A industria de além-Atlântico lança anualmente no seu mercado interno cerca de 600 mil milhões de dólares em bens e serviços.

Tradicionalmente, a maioria desses bens e serviços são concebidos e oferecidos á clientela antes de se ter manifestado uma procura especifica destes produtos. Por conseguinte, o papel essencial que cabe á função *marketing* consiste em assegurar, com o auxílio de diversos meios, um escoamento satisfatório de um produto prédeterminado. Os meios utilizados para facilitar este escoamento são numerosoos: prospecção do mercado, venda personalizada, rede de distribuição, créditos ao consumo, e, sobretudo, publicidade, cujo objectivo consiste em fazer coincidir os gostos do cliente com o produto oferecido.

Nesta óptica tradicional, a função *markting* situa-se abaixo das actividades complementares — finança, produção, contrôle — que constituem a empresa, onde o seu papel, por essencial que seja, não é, contudo, considerado predominante.

Nestes ultimos dez anos entraram em jogo vários factores, que ocasionaram, nas empresas mais importantes, uma evolução deste conceito. Em primeiro lugar, em face de uma progressiva saturação dos mercados existentes, o crescimento dos lucros já não pode ser assegurado por um aumento do volume da produção ou por uma melhoria da produtividade. Em segundo lugar, a eficácia marginal das técnicas usuais de *marketing* — publicidade, diferenciação do produto por programa de promoção excepcional, desenvolvimento dos serviços após-venda — tende a decrescer. Finalmente, a utilização maciça dos inquéritos de mercado e a sua exploração mais subtil permitiu que se reunisse um importante numero de informações sobre a clientela.

Estes três factores levaram, a pensar, entre outras coisas, que a tarefa essencial da função *marketing* não consiste tanto em encontrar clientes para um produto já existente, como em adaptar e conceber, a partir de um perfil conhecido da clientela, o bem ou o serviço capaz de satisfazer os seus gostos e necessidades.

Esta ideia de predomínio do cliente sobre o produto traduz-se, na prática, por numerosas consequências. Falaremos apenas de três.

Primeiro, por intermédio de estudos de mercado, a empresa esforça-se mais por descobrir os gostos e necessidades não satisfeitos da clientela que por definir os meios de acção sobre a clientela. Foi depois de inquéritos desse tipo que a *Minnesotta Minning and Manufacturing Co.* decidiu a produção do *Scotch-Brite*, que combina as vantagens da esponja com as da palha de aço.

Em segundo lugar, o mercado já não é definido em termos de bem ou serviço a escoar, mas em função de critérios socioeconómicos *(segments)*. O produto é então concebido e modificado para se adaptar ás necessidades e gostos expressos pelos *segments* investigados. Assim, a Ford, tomando a consciência do gosto de uma parte da clientela por um carro de tendência desportiva, comercializou o «Mustang» em versões multiplas, capazes de satisfazer o desportista e também o «*comuter*», o estudante universitário e a mãe de família.

Finalmente, num plano mais geral, esta nova concepção acarreta, para a empresa, uma redefinição dos seus objectivos em termos de necessidades fundamentais a satisfazer e pode evitar-lhe que se deixe cingir a actividades arriscadas a tornarem-se obsoletas. Assim a IBM não se concebe em termos de produtora de computadores, mas sim em termos de «problem solver», o que lhe possibilitou estender a gama dos seus produtos ás máquinas de escrever

Cont. na pág. 10

A Guatemala no verbo de Asturias

Naturalmente, em face de Miguel Angel Astúrias, as primeiras perguntas a fazer-lhe são de índole literária. Mais que tudo ele é um escritor. Esse aspecto foi tratado no nosso jornal, no «Suplemento Literário», num artigo de Pedro da Silveira (que Asturias considera um dos seus melhores tradutores) sobre a obra do autor de «O Senhor Presidente».

No entanto, Miguel Angel Asturias é também um homem de vasta cultura, um homem político que interveio com grande relevo em vários acontecimentos da história guatemalteca e ocupa presentemente o lugar de embaixador do seu país m França. Por tudo isto resolvemos interrogar Miguel Angel Asturias, para a «Mesa Redonda», a respeito dos problemas político-sociais da América Latina em geral e da Guatemala em particular.

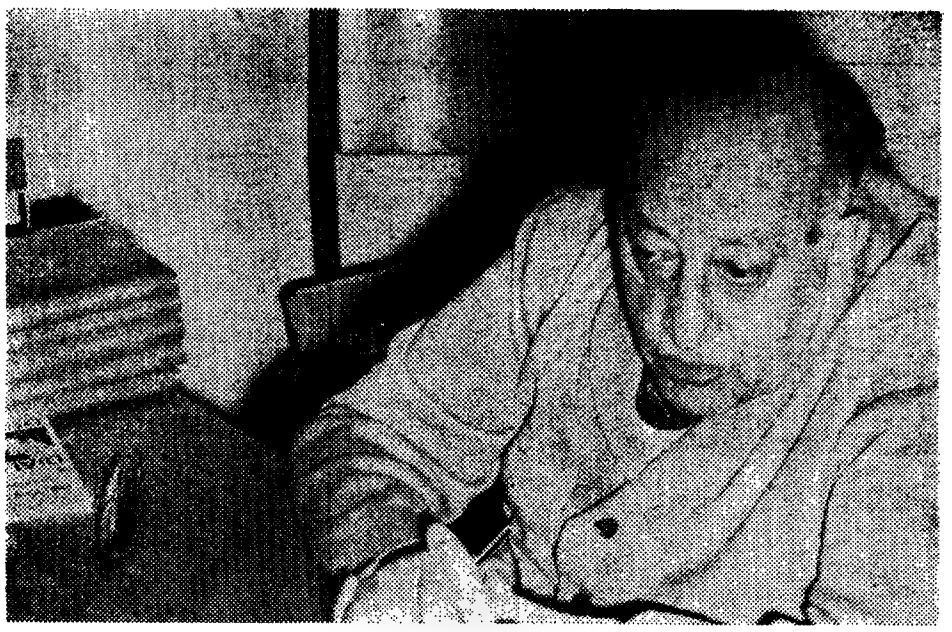
JOSÉ FERNANDES FAFE — Fiquei com a impressão de na Guatemala não haver uma síntese entre a cultura espanhola e a cultura índia, mas de haver, isso sim, uma justaposição, digamos, viveriam isolados de um lado os descendentes de espanhóis, e do outro lado os índios. Esta impressão de visitante parece-lhe verdadeira ou falsa?

MIGUEL ANGEL ASTÚRIAS — Parece-me que através dos séculos se realizou a fusão do sangue europeu, espanhol, com o dos índios. Veja os mestiços: são um produto do cruzamento do índio e do espanhol. O visitante que chega ao nosso país para observar especialmente as povoações onde o folclore é mais acentuado — Atitlango, Chichicastenango, Quezaltenango, etc. — tem a impressão de que os aglomerados indígenas estão muito isolados, muito afastados dos aglomerados mestiços, quer espanhóis, quer europeus. Mas os indígenas vão-se incorporando paulatinamente ao movimento nacional e vão sendo também absorvidos pela mestiçagem. No entanto, creio que uma das vantagens — se assim se pode chamar — da existência dos indígenas no nosso país é a que se refere ao facto de manterem o seu sistema de vida, com os seus costumes, com a sua tradição, a expressão mais pura da nossa terra, a que está mais arreigada às nossas realidades, já que o índio economicamente não é um ser muito útil, visto que quase só consome o que ele próprio cria. O índio tece a sua roupa, semeia o seu milho e alimenta-se com o grão, sagrado para eles, alimenta-se a si próprio e alimenta a família. O índio faz os seus cântaros, cria os seus porcos, as suas galinhas, poucos são os que têm outra espécie de animais, por exemplo, cavalos, mulas ou vacas. Em geral tem apenas pequenos animais de curral. Isto faz com que seja um produtor e, ao mesmo tempo, um consumidor. Isto é desvantajoso economicamente, porque o índio, assim, diminui as possibilidades de desenvolvimento económico no país. E não foi senão através de múltiplas lutas e esforços de toda a espécie que os governos progressistas que temos tido tentaram arrancar o índio desta situação. Em épocas passadas procedia-se de forma a convencer os intérpretes e os caciques a explicarem aos índios as vantagens em semear as batatas, o milho ou o trigo, que são os seus alimentos principais, com determinadas sementes melhoradas, ou determinadas novas formas de cultivo, não a antiga forma dos Maias, pois que os índios continuam semeando como há milénios semeavam os seus antepassados, quer dizer, abrindo um buraco, pondo os grãos de milho e apertando com o pé. Tudo foi tentado sempre pelos governos progressistas desde 1871. Desde o primeiro governo liberal se tentou desenvolver o índio sem qualquer resultado, pois que tendo sido explorado durante quatro séculos o indígena desconfia sempre do que se lhe aconselha e mantém os seus costumes. Todavia em 1966, quando estive entre eles, fui surpreendido pelo adiantamento, pelo progresso que demonstram agora a respeito desta espécie de actividades Perguntavam-me e perguntava eu a mim próprio a que se deveria o facto de os índios terem avançado tanto na sua mentalidade. E a resposta é: deve-se ao *transistor*. Os *transistors* que se vendem aos camponeses por cinco, oito ou dez dólares, fazem com que todos os indígenas tenham comprado esse aparelho e o escutem. A Rádio Nacional dá muitas vezes instruções, sobre a forma de cultivar a terra e o índio ouvindo essas instruções, acredita que vêm do ar, que vêm do céu, e segue-as, o que está permitindo uma reforma muito interessante, embora talvez não profunda, mas uma reforma que tornará possível uma maior produção agrícola e melhores condições de vida para o próprio índio. O problema indígena é um problema muito singular em todos os países onde existe este tipo de população: no México, na Guatemala, no Peru, na Bolívia e no Equador. Creio que os problemas indígenas se podem resolver fàcilmente no dia em que se dê ao índio a terra para cultivá-la como produtor. E que ao mesmo tempo se formem cooperativas. Os governos da revolução (durante o Governo do dr. Arécalo e o Governo do coronel Arbentz) ensaiaram em primeiro lugar as formas directas para que o índio fosse eleito principalmente nas municipalidades. Todas as municipalidades de população indígena têm agora alcaides indígenas. Isto deve-se à Reforma levada a efeito pela Revolução Em segundo lugar deu-se a terra ao índio, mas não de forma a deixá-lo abandonado, pois que se criou ao mesmo tempo um Banco Agrícola e criaram-se cooperativas. E creio que é o que está ainda a fazer o Governo de Mendez Montenegro. Neecssitamos, portanto de reformar as estruturas básicas indígenas. E para reformá-las devolver-lhe a terra que ele cultiva e criar cooperativas para que não se sinta abandonado, e cooperativas que lhe facilitem empréstimos para que produza mais do que consome. Há um facto muito importante que deve considerar-se: É fácil fazer uma cooperativa indígena dado que os índios através dos séculos possuiram sempre as suas propriedades em comunidade. As comunidades indígenas ainda existem e algumas são donas de grandes extensões de terreno que cultivam a terra comunitàriamente e repartem os lucros do que produzem. Quer dizer, nós temos o problema de populações habituadas a terem as suas próprias terras e que se habituaram à vida comunitária. Creio que a Guatemala e os outros países que têm indígenas podem transformar o indígena num elemento mais positivo para as nossas economias, e que teremos um apoio muito valioso nesses elementos que agora aparentemente se nos apresentam negativos e que para a grande economia são mesmo negativos

J F. FAFE — Considerando que a área da cultura maia inclui o Yucatão e uma parte das Honduras, pode pensar-se que as fronteiras da Guatemala resultaram de uma arbitrariedade política?

M A. ASTÚRIAS — Efectivamente as fronteiras actuais dos nossos países são devidas às maiores arbitrariedades políticas A Guatemala correspondia a parte de Chiapas, Tabasco e Soconusco que durante a independência, em 1821, preferiram incorporar-se no México e não fazer parte da capitania geral da Guatemala. Quase se rompeu o triângulo no qual se encerra a cultura Maia. A cultura maia começa na parte a que chamamos Chucomates a ocidente da Guatemala, com a fronteira mexicana, estende-se por todo o território da Guatemala, chega por Quiriguá até Honduras onde se encontra Palenque e sobe imediatamente para entrar nas grandes cidades maias entre as quais a central e principal é a cidade Tikal. Este primeiro império maia, ou seja a cultura maia, termina depois em Yucatão que é o extremo mais alto do triângulo formal descrito por Morley, o famoso maiólogo norte-americano, e vemos, então, que é no Yucatão que se centra a ultima parte da grande cultura. É para o Yucatão que vêm os Astecas que vêm do México e aos quais ocorre exactamente como aos Romanos: chegam os Aztecas que eram guerreiros. Os Maias não conheciam nem o arco nem a flecha, pois eram povos pacíficos. Chegam os guerreiros aztecas, instalam-se no Yucatão, ocupam-no durante séculos e quando regressaram ao México levavam já a cultura maia, tal como os Romanos quando saíram da Grécia levavam a cultura grega. Tem, pois, razão de ser a pergunta sobre se as fronteiras são arbitrárias, porque a cultura maia abarca de um lado a fronteira mexicana numa extensão maior do que a nossa fronteira política actual e, na parte correspondente às Honduras, muito mais do que a fronteira actual do nosso País. Geralmente, quando se fala dos maias, entendemos imediatamente todo esse aglomerado e as fronteiras políticas E os que estudam a cultura maia, a civilização maia, fazem-no da seguinte forma, por exemplo, começam em Sacoleio descendo a todas as cidades até Santos, a Todos-os-Santos. A principal é a cidade de Tikal. Tikal é uma grande cidade que, indubitàvelmente, nos apresenta problemas que não têm solução. Quando estamos em Tikal, frente às imensas pirâmides de 80 a 90 metros de altura que são verdadeiros arranha-céus, perguntamos de onde teriam vindo os construtores que as fizeram. É indubitável que na cidade Tikol devem ter vivido pelo menos 500 mil pessoas. E não ficaram rastos dos seus habitantes, não restam cadáveres, não restam elementos que nos informem para onde foi essa população. Deve dizer-se que as grandes cidades que encontramos como Tikal, Quiriguá, Sacoleioou Yucatão se chamavam cidades cerimoniais. Nestas cidades cerimoniais só se faziam as cerimónias. Os indígenas viviam dispersos pelos montes ou pelos barrancos, mas sempre perto das suas sementeiras. Só nas grandes festividades, festividades realizadas com grandes sacrifícios humanos, se deslocavam às cidades cerimoniais. E o desenvolvimento da cultura maia é tal que em Coban podemos encontrar na actualidade lugares que se mostram aos visitantes onde quase todas as casas dispõem de água potável e têm esgotos por onde saem as águas sujas. Quer dizer, dois mil anos antes de Cris-

Conversa a três com Miguel Angel Asturias, em que intervieram, pelo «Diário de Lisboa», José Fernandes Fafe e Manuel de Azevedo



to já a cultura maia dispunha desta espécie de comodidades. Aparte isto, no museu de Coban e também no museu de Tikol podemos observar crânios indígenas, que por certo pertencem a chefes, com incrustações dentais de jade ou de outras pedras preciosas, o que significa que conheciam perfeitamente a prótese dentária

J. F. FAFE — Também os há no museu da Cidade de Guatemala

M. A. ASTÚRIAS — Na Cidade de Guatemala também existem algumas dessas coisas. Voltando à pergunta, direi que a área maia é muito mais ampla do que as fronteiras actuais, e deve dizer-se que na Guatemala e em todos os países latino-americanos todas as fronteiras são fronteiras artificiais. Os cinco países da área maia, que formaram um só até 1830 quando principiou a desmembrar-se o reino da Guatemala, tornaram-se cinco pequenas republiquetas que agora estão tentando refazer-se econòmicamente.

J. F. FAFE — É o mesmo problema de África...

M. A. ASTÚRIAS — Sim. Sim.

MANUEL DE AZEVEDO — Pensa que seria favorável a longo prazo uma redistribuição das fronteiras de um modo mais lógico ou parece-lhe utópico?

M. A. ASTÚRIAS — Parece-me absolutamente utópico no que se refere à fronteira que existe com o México. Nas outras fronteiras não, porque o mercado comum centro-americano, com todas as facilidades e todos os aspectos negativos, digamos assim, está nos permitindo uma reintegração na vida nacional, e nessas condições, a fronteira pela parte Norte será a fronteira da Guatemala com o México, mas pela parte Sul não haverá fronteiras, chegaremos até ao Panamá, que será a fronteira das cinco repúblicas

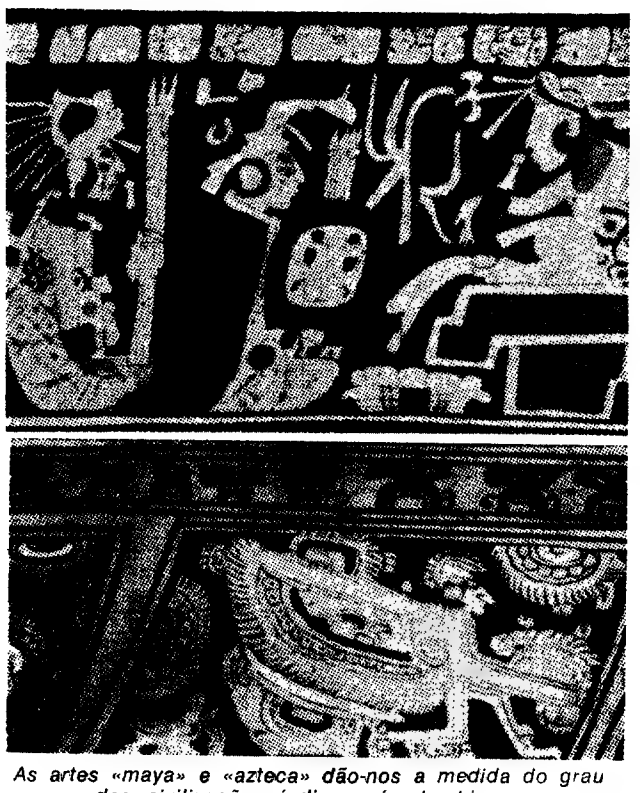
J. F. FAFE — Na zona onde estive, na Cidade de Guatemala, Chichicastenango, a presença norte-americana não era muito visível, para um turista não era muito visível. Mas, como sabemos, depois de Estrada Cabrera, o «Senhor Presidente», os capitais norte-americanos penetraram profundamente na Guatemala. Em que estado se encontram hoje as relações económicas e políticas da Guatemala com os Estados Unidos?

M. A. ASTÚRIAS — Para falar da penetração de capitais norte-americanos na Guatemala, não podemos referir-nos apenas à Guatemala, teremos que falar, sim, de toda a América Latina. Deve dizer-se que o imperialismo nasce por voltas de 1898. Ele nasce no momento em que Estrada Cabrera entra para o Governo da Guatemala. E Estrada Cabrera procura prolongar os seus períodos presidenciais. Quer dizer, ele entra em 1898, início do primeiro período. Quando termina esse primeiro período, antes dos contratos dos Caminhos de Ferro, com a companhia norte-americana o nosso caminho de ferro estava construído até ao porto de S. José. Cabrera cede os nossos caminhos de ferro numa extensão de mais de mil e duzentos quilómetros em troca do apoio à sua candidatura para continuar do Governo. Cede terrenos paralelos às vias férreas, cede ao mesmo tempo uma grande praça que existe em Guatemala para instalação da Estação Central, cede grandes porções de terreno para armazenagem de madeira, porque nessa altura alimentavam-se os caminhos de ferro com lenha ou com carvão. Este foi o primeiro desastre nacional cometido por Estrada Cabrera ao ceder os nossos caminhos de ferro. É de pasmar que para esta concessão exista um contrato assinado por Estrada Cabrera em 1904, contrato pelo qual entregamos os nossos caminhos de ferro e a companhia norte-americana se compromete a construir uns cento e vinte quilómetros que faltavam desde o Atlântico à capital. Não obstante, segundo o contrato ao fim de 99 anos, temos de comprar os caminhos de ferro de acordo com o inventário que essa companhia nos apresente. Quer dizer: oferecemos os caminhos de ferro a uma companhia à qual, 99 anos depois, éramos obrigados a comprar os mesmos caminhos de ferro. Devemos esclarecer que não foram só os norte-americanos os culpados desta penetração, mas também e sobretudo os maus governos como os de Estrada Cabrera que o facilitaram, pois ofereceram numa bandeja de prata as nossas riquezas para que as explorassem. Não o povo norte-americano, naturalmente, mas os grandes *trusts* norte-americanos que nessa época absorveram com a maior das voracidades as maiores riquezas de toda a América Latina. No momento actual, as relações económicas entre a América do Norte e os países da América Central, e no caso da Guatemala estas relações foram perturbadas quase sempre pelos *trusts* norte-americanos, como a Electric Company, a Companhia de Electricidade, a Companhia dos Caminhos de Ferro, etc.

Os Governos da Revolução (Arevalo, Arbenz) enfrentam a companhia (United Fruit) para que cumpram as leis da República porque era uma companhia que em seus territórios não permitia que circulasse a moeda guatemalteca que equivale exactamente ao dólar, mas sim tinha de circular o dólar; não permitia que se arvorasse a nossa bandeira mas só a dos Estados Unidos; não permitia que se falasse o espanhol mas o inglês, os nossos livros que circulavam na área da companhia eram em inglês e editados em Boston. Quer dizer, todas estas arbitrariedades se exerciam quando chegou o governo da Revolução. Este disse à companhia: pois bem vós sois uma companhia que actua num país livre e independente e por isso terão que cumprir as leis desse país. Aqui começam os choques com os norte-americanos dos Governos de Arevalo e Arbenz. A seguir vem a Lei Agrária, divisão de terras. Nesse momento o Governo da Guatemala teve de tomar algumas das terras de United Fruit e para tomar estas terras pagou efectivamente 18 milhões de dólares, porque a Companhia tinha declarado o valor dessas terras em 18 milhões de dólares. Mas o que pede a companhia? A companhia diz que não valem 18 milhões de dólares e que o valor das terras se calcula em 42 ou 50 milhões de dólares. O Governo opõe-se, reune um tribunal na jurisdição da Guatemala e o tribunal declara que se estava a pagar um imposto correspondente a 18 milhões de dólares é isso que terão a receber. Sem embargo, o Governo dos Estados Unidos no qual estava nesse momento Foster Dulles que tinha interesses na Companhia Fruteira, o Governo dos Estados Unidos declara que não aceita a decisão do tribunal da Guatemala e quer que se lhe pague os 50 milhões, argumentando que não se trata de um assunto jurisdicional que corresponde à justiça mas a um plano puramente diplomático.

A companhia fruteira obtém uma grande quantidade de vantagens com o novo Governo (Cartillo Armes) e tudo isto terá forma num diferendo no qual voltam a ser tratados os nosssos interesses nacionais em proveito do grande *trust*. Mas ocorre o facto de por razões de qualidade a companhia fruteira transferir a sua produção para a parte Norte das Honduras e algumas Repúblicas do sul. A companhia fruteira dedica-se agora à produção de banana, algodão e dedica-se também à criação de gado. Quer dizer que a situação se tornou mais favorável para nós. Deve notar-se também que quando se fala do problema dos fruto através dos jornais se avoluma muito e se faz muito de sensacional, porque na realidade, 7% da nossa produção corresponde á produção de bananas da companhia fruteira. O nosso produto principal é o café (de que produzimos cerca de 2 milhões de quintais anuais), depois temos algodão, temos fruta, flores, etc., e a companhia fruteira só alcançava 7% da produção total. Ora bem, como acontece muitas vezes é o mesmo que se passa com *El Papa Verde* da novela, a companhia fruteira instalada na Guatemala começa a exercer um domínio político, bancário, económico e naturalmente já pesa muito sobre os interesses de uma Republica como se dizia outrora se intitularia de interesses limitados.

M. DE AZEVEDO — Não sei se considera que já respondeu à quarta questão: qual é a significação histórica dos Governos de Arevalo e Arbenz?



As artes «maya» e «azteca» dão-nos a medida do grau das civilizações índias pré-colombianas

M. A. ASTÚRIAS — Sim quero dizer algo mais Através de muitos anos de governos guatemaltecos estes tinham sido quase todos terrìvelmente ditatoriais, tal como o Governo de Estrada Cabrera que durou 22 anos e o Governo de Jorge Ubico que durou 11 anos que começou no ano 33 e foi derrotado no ano 44. Após a queda de Ubico instalou-se o primeiro Governo da Revolução que corresponde ao dr. José Arevalo que era um humanista que leccionava classes na Universidade de La Plata na Argentina. Aí se encontrava quando da candidatura para presidente. Arevalo trouxe com ele um ar fresco, por assim dizer, renovado, o ar dum professor, de um transformador da República, criando novas leis.

Na Guatemala não existiam as leis de segurança social. Criam-se, então. Não havia Código de Trabalho. Não existiam tribunais de trabalho onde se dirimissem os assuntos entre patrões e empregados e também se criam esses tribunais. Quer dizer, o Governo de Arevalo dá as bases totais para uma República de tipo moderno, capitalista de tipo moderno, e muitas das reformas que na Guatemala foram grandes novidades eram reformas que já existiam em muitos países do mundo, desde 1815, sobretudo em Inglaterra ou em França. E o dr. Arevalo realiza tudo isso ao mesmo tempo e volta a dar a autonomia à Universidade, devolve todos os bens à Universidade, que é uma Universidade muito rica, e cria dentro da Universidade as Faculdades que faltavam, a Faculdade de Letras ou Humanidades, a Faculdade de Agronomia que não tínhamos, a Faculdade de Química pois só havia Farmácia. Reforma totalmente a Universidade. E no campo das relações humanas suprime totalmente todo o aparato militar existente, mantém as forças armadas abertas a todos os cidadãos, e dá a impressão exacta do que deve ser um Governo democrático, em que toda a gente colabora. E depois Arevalo faz eleições livres, o coronel Arbenz vence e é um dos primeiros casos em que um presidente sai e entrega a faixa presidencial ao presidente eleito. Ao coronel Arbenz cabe a parte mais difícil, ou seja, executar a lei, o Decreto 999, que é o decreto da Reforma Agrária. E cabe ao Governo do coronel Arbenz chocar-se contra os interesses dos proprietários guatemaltecos e contra os interesses do grande *trust* fruteiro. E isto faz com que num dado momento se perca, pode dizer-se, o «contrôle» não por parte do Governo mas da opinião pública e mesmo da opinião pública mundial. Vemos como para sair desta situação, para que não perca a companhia e não percam os propiretários de terras, que aliás não perdiam porque lhes pagavam, então inventam a famosa história de que o Governo de Arbenz era um Governo comunista. E vem a reunião de Caracas, onde se condena a Guatemala como um pião do comunismo internacional, faz-se todo um conclave à volta do assunto até preparar a invasão para salvar o nosso país que ameaçava o Canal do Panamá de um lado e do outro o petróleo do Texas com os nossos imensos canhões. Vemos como se monta um aparato dos mais tremendos, assistimos sem meios para nos defendermos, assistimos a esta situação, e por fim cai o Governo do coronel Arbenz. Todos vamos para o exílio, passam-se muitos anos até que em 1966 houve eleições e nestas eleições foi eleito como candidato da oposição o dr. Mendez Montenegro

M. DE AZEVEDO — Agora talvez nos interessasse falar um pouco de coisas mais recentes. E portanto pedíamos-lhe que nos dissesse se, por exemplo, nos pode fazer um balanço, embora provisório, do governo de Mendez Montenegro, quer dizer, das suas realizações

M. A. ASTÚRIAS — Creio que o Governo de Mendez Montenegro é um Governo que terá um balanço positivo. Não o digo porque seja embaixador de Mendez Montenegro, mas sim porque se se considerar o futuro, quando se encara a perspectiva histórica, e apesar de tantas dificuldades, será positivo. Mendez Montenegro entrou para o Governo, como dissemos, porque o povo disse não ao Governo militar que existia de facto e aos candidatos militares que se apresentaram ás eleições. Isto foi uma surpresa para eles. Não esperavam o triunfo de Mendez Montenegro e, naturalmente, começaram a fazer pressões. Uma camarilha pressionou constantemente toda a primeira fase do Governo de Mendez Montenegro, até ao momento em que ele resolveu libertar-se do ministro da Defesa e de outros chefes militares. Ao fim de quatro anos tomou o Governo na realidade. Creio que a parte que Montenegro deixará de positivo é claramente a da construção de habitações populares e de escolas. Ùltimamente construímos quase uma escola diária ou terminávamos uma escola diária, pois é do que mais necessitamos. E quanto a habitações populares, tem-se procurado acabar com os bairros de miséria, as favelas, os bairros de grandes aglomerados, para substituí-los por casas um pouco mais cómodas, embora não tenhamos podido fazer grandes edifícios em altura. Mas já se está a tentar resolver o que nestes países é de suma dificuldade. Sobretudo temos tido o problema da luta interna, essa guerra intestina, armada entre o que se chama uma mão e a outra mão. São resíduos de um barbarismo que não existia na Guatemala. Creio que é uma espécie de Mafia, uma espécie de luta de «gangsters», pois não me parece que tenha carácter político uma luta de assassínios e crimes. A violência de certos países não vai resolver os nossos problemas. Cada país tem as suas formas de resolver

Cont. na pág. 11

descanso no EXTRACTO DIÁRIO

JOMA BFB-3

Não faça contas:
Tem ao seu alcance a mais actualizada técnica de contabilidade. Siga, diàriamente, a evolução da sua conta: qualquer movimento lhe será comunicado.

HOJE AMANHÃ SEMPRE
Receberá em sua casa – gratuitamente – o seu extracto diário.

BANCO FONSECAS & BURNAY
o banco para toda a gente

O «Marketing»

As técnicas de direcção

Cont. da pág. 5

temas de distribuição, a administração, o mundo financeiro, o mundo da prescrição. Entre estes diferentes mundos existem relações cuja aproximação objectiva é agora possível, o que permite falar de um mercado total e orgânico que a empresa enfrenta e dentro do qual deve articular as suas decisões, pensando essencialmente na sua unidade.

Não se pode pretender ter uma política de preços elevados e uma distribuição não selectiva. Não se pode impunemente afirmar uma promessa que o produto a vender seja incapaz de cumprir. Não se pode, a pretexto de política de marca criadora de procuras, ter um comportamento de desprezo para com o aparelho de distribuição.

Malbarata-se o dinheiro da empresa, pretendendo dar pela publicidade uma imagem jovem e moderna, quado os produtos são envelhecidos e não renovados.

As técnicas do *marketing* dão uma aproximação objectivável, racional e previsível do meio-ambiente da empresa.

UM NOVO TIPO DE HOMENS

Analisar a procura, prevê-la, tomar infinitas precauções e, depois, agir com conhecimento de causa e com vigor, é tudo quanto um homem do *marketing* deve poder fazer. Ora, as qualidades de estudo e de reflexão são tradicionalmete opostas ás qualidades do homem de acção na tradição francesa. O *marketing* exige a reconciliação da prudência com a acção e a audácia e da imaginação na acção. Esta reconciliação implica uma certa atitude perante a vida, a qual pode ser caracterizada fundamentalmente pela tranquila aceitação do futuro e, portanto, pela tranquila aceitação do facto de que o meio-ambiente que cerca a empresa está, por definição, em continua evolução, em mudança, em mutações bruscas.

Um estado de espirito conquistado frente ao futuro, o manejo de técnicas de previsão e de tomadas de decisão, uma permanente capacidade de organizar a delegação e o consequente «contrôle», uma aptidão para pensar os problemas do presente á luz do futuro, é isso que define as qualidades do «empresário» moderno que vive os problemas internos da sua empresa, á luz da verdade dos mercados sobre os quais a sua empresa se lança.

O ponto de encontro do *marketing* e da gestão das empresas está precisamente na construção de que as empresas só vivem e progridem, se estiverem voltadas para os seus mercados. Feita esta constatação, resta adaptar-se mentalmente, psicológicamente aos imperativos de uma maneira nova de dirigir as empresas em expansão, daquilo a que se chama a gestão das empresas. Isso supõe um esforço continuo sobre si mesmo, uma abertura infatigável para o que se passa no mundo e na profissão que se exerce, uma vontade de pôr em causa o saber adquirido e de não confundir rotina e prudência a pretexto de experiência.

ALFRED DENNER
presidente do Instituto Superior de Marketing

Economia: balanço de 1969

Cont. da pág. 1

cional que o diga).(1) Nesta viagem não se pode deixar de parar em Itália. O que por lá vai não é susceptível de se resumir ao que corre pelos jornais. Somos muito «franceses» e, por vezes, não damos o devido relevo a outras coordenadas geográficas. Mas se somos «franceses», somos também «europeus» e «ocidentais» e, nestes balanços, corre-se o risco de esquecer o «resto». Que dizer da «década do desenvolvimento», em que houve UNCTADs, e comissões, e bancos (com experimentados e conhecedores McNamara a dirigir importante parcela canalizável para desenvolvimento de subdesenvolvidos)? Poderá negar-se que terminou pior o ano, e a década, do que começou? Poderá recusar-se que o abismo se mantém entre países e populações? Não é de bom agouro que já se tivesse proposto que a próxima década se chamasse do... desenvolvimento. O que vale é que não deve iludir muita gente, e parece que vai crescendo uma certa lucidez sobre as formas em que cabe um verdadeiro desenvolvimento. Por isso um optimista dirá que foi uma boa década, com «Alianças para o Progresso» e quejandos «slogans». Desenganou quem não se queria desenganar por si.

Neste contexto (pelo menos foi este o que resultou do interesse com que viémos acompanhando a vida sociopolítico-económica), neste contexto correu o 1969 «português». Então sobre «ele» muito havia a dizer. Foi evolução, continuidade, renovação, liberalização, tecnocracia a afirmar-se, neocapitalismo nascente, descompressão, estagnação, reforço de fundamentos reaccionários com pinceladas em fachada progressiva? Que cada um escolha ou junte a sua achega. O que não há dúvida é que foi um ano «mexido» e, neste balanço, vamos procurar ficar tão-só pelo inventário de algumas das características mais marcantes.

Desde logo, o contexto não se pode dizer que tenha facilitado o 1969 «português», no aspecto económico. As medidas monetárias funcionaram ao contrário: desvalorizou a «moeda e das remessas dos emigrantes» e revalorizou a «moeda das importações». Por outro lado, parece que a Europa se prepara para andar um bocado mais depressa no que nos diz respeito; entricheirados no anexo G do Tratado de Estocolmo, não foi ele aproveitado, e vai-se partir para eventuais negociações de concerto europeu na mesma (pior) situação de ter de conseguir tratamento de excepção.

Depois, há, durante este ano, a afirmação consciente e responsável que se teria chegado à exaustão de um «modelo» de política económica, baseado em baixos custos, baixa produtividade, baixos salários, necessidades mantidas em níveis não promovidos, procura de margens para investimento em lenta criação de potencial produtivo sem sobressaltos sociais. O III Plano não recuperou, ao que se estima de indicadores acessíveis, do difícil arranque de 1968, e poder-se-ia perguntar se terá mesmo chegado a arrancar. A agricultura voltou ao «mau tempo» com o regresso ao assento colocado nas condições meteorológicas como responsáveis pelos resultados do sector. Na indústria, a quebra no investimento atingiu aspectos de clara gravidade. Nos serviços, o turismo ofereceu números que tiveram de ser considerados como preocupantes, com «tendências recessivas» e e «sintomas de crise».

Ainda há o problema dos preços, mantendo-se a pressão da procura que decerto se virá a intensificar com os aumentos ao funcionalismo, com geral propensão elevada para o consumo como resposta a mais uns escudos no orçamento familiar. Parece-nos, mesmo, que a situação, que não se compôs durante o ano, tenderá a não abrandar.

Este balanço, que começámos por afirmar que resulta da particular atenção com que olhámos para as «crises económicas», também serve para nós próprios verificarmos o que é que ficou agarrado a nós como significativo do ano que termina. Nesse sentido, parece-nos de não deixar de referir o anúncio da criação de uma empresa pública e a legislação sobre a fiscalização das sociedades anónimas. Ficam duas dúvidas numa pergunta que parece que o passado da política económica portuguesa bem justifica: Serão as empresas públicas tentativa a prosseguir para a reanimação da economia portuguesa, e será que a fiscalização legislada nasceu mesmo para cumprir um papel na moralização de um tipo de sociedade que, em Portugal, tem sido instrumento de enorme elasticidade e manejabilidade?

Teremos feito um inventário não muito esperançoso? Talvez. Se passássemos ao «balanço» e ao «relatório e discriminação de contas» decerto poderíamos melhor fundamentar o que o inventário já revela.

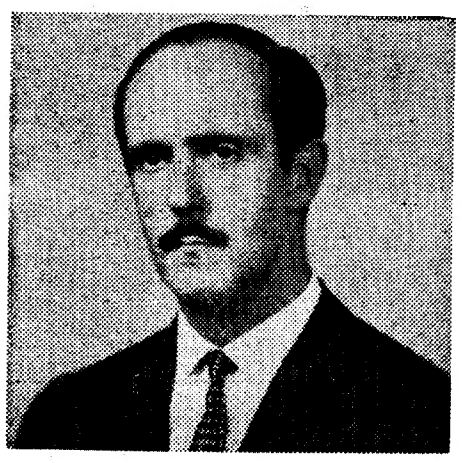
24 de Dezembro de 1969.

SÉRGIO RIBEIRO

(1) Depois de escrito este inventário lemos este título «delicioso» na revista francesa «L'Expansion», de Dezembro de 1969 (Director-geral: Jean-Louis Servan-Schreiber):

COMO O TIO SAM COMPRA A EUROPA — Em 1969, 91 % dos investimentos americanos no mundo foram financiados por dinheiro não americano — por Robert Serravalle.

e a sociedade moderna



O que pensa do «marketing»?

Resposta de Fortes Ferreira

(Chefe de publicidade da S. C. de Cervejas)

«Marketing» será a racionalização consciente e programada de todos os conceitos convencionais da comercialização.

Essa acção englobará portanto, todos os estádios do caminho do produto, desde a sondagem de opinião que determinará o seu fabrico até aos próprios serviços de após-venda, passando, naturalmente, pela qualidade, apresentação, custos, canais de distribuição, publicidade, técnica de vendas, etc.;

Em resumo: determinrá racionalmente aquilo que se pode e o que se não deve fazer.

Resposta do dr. João Lopes

(Técnico da Agência de Publicidade «Latina»)

Sou avesso a definições. Penso que definir é reduzir, limitar. Por outro lado compreendo a necessidade de sistematizar, criar conceitos, já que eles podem contribuir para o entendimento entre os seres humanos. Não vou, portanto, dar uma definição do que me parece ser o «Marketing» mas, tão só, emitir algumas considerações sem pensar em gregos e troianos.

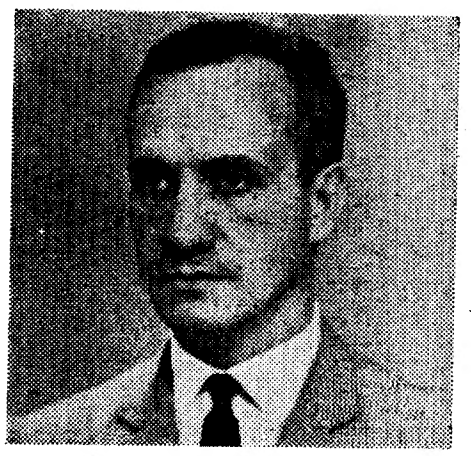
Tomemos a América do Norte, já que foi neste país que o «Marketing» nasceu, como ponto de partida para tentar explicar o que me parecer ser o «Marketing». Vamos considerá-la como se fosse uma grande empresa que em determinado estádio da sua evolução se viu a braços com problemas de excesso de produção e, portanto, de colocação de produtos. Vamos supor, ainda, que aqueles problemas foram a consequência dum deficiente esclarecimento dos objectivos da empresa e da sua política comercial. Ora, este estado de coisas, originou a criação de «stocks» desmedidos que não tiveram o esperado escoamento por carência de mercados para alguns dos produtos, isto é: a oferta tornou-se superior á procura. Poderíamos concluir que houve erros no planeamento económico de empresa. Estes erros vieram agravar e dificultar a acção da direcção comercial que não conseguiu descobrir processo de escoar o seu excedente de produção.

Posto o problema á administração da empresa, a esta dois caminhos se lhe depararam. O primeiro era a conversão de alguns sectores da empresa a outras formas de actividade comercial. O segundo caminho o da criação de um novo mercado ou a conquista de algum já existente que pudesse ser suficientemente rentável. Como a empresa era forte e podia aguardar uma oportunidade interessante, decidiu-se pela segunda alternativa.

A oportunidade surgiu quando outra empresa (muito menos poderosa) se viu obrigada a abandonar um mercado prometedor. É nesta altura que ela resolve tomar a posição da empresa anterior e se instala naquele mercado. Verifica-se, assim, que conseguiu, finalmente, realizar os seus objectivos estabelecendo o equilíbrio entre a procura e a oferta. Quando isto se consegue e se estabiliza num lucro óptimo durável pode dizer-se que se realizou «Marketing». É claro, um «Marketing» muito especial. Para este caso não interessa demonstrar se as técnicas de «Marketing», isto é, tudo o que elaboradamente pode contribuir para uma informação completa sobre o mercado da procura e das possibilidades que a empresa tem de lhe poder corresponder com a equivalente oferta, foram devidamente aplicadas de modo a possibilitar a decisão final mais racional. A empresa podia suportar qualquer desgaste ou confronto até que o meio lhe fosse favorável.

Porém, isto acontece poucas vezes. E se, na verdade, alguns dos aspectos focados podem conter elementos de identificação com o que se passa ao nível de uma empresa real que subordine a sua acção a uma orientação «Marketing» o exemplo apenas serve para ilustrar que afinal o «Marketing» deve ser outra coisa. Falemos, agora de qualquer empresa anónima e visto que «alguns» com peso entendem que o «Marketing» é uma filosofia da prosperidade, vamos filosofar com vista a enquadrar o «Marketing» neste conceito.

O «Marketing» é resultante da necessidade da empresa se apetrechar melhor de modo a fazer face á concorrência que se faz sentir cada vez mais intensamente. Corresponde a um conceito



moderno, dinâmico de direcção. Parece-me que as técnicas de «Marketing» surgiram como consequência da passagem da economia tipo paternalista á economia moderna, dinâmica orientada no sentido do mercado. O mercado sendo o local da verdade para o produto é, também, o local da verdade para a empresa, daí a atenção que esta lhe concede.

A empresa moderna produz o que o mercado necessita e tenta despertar no consumidor o interesse para o seu produto utilizando todas as técnicas possíveis das quais se destaca, pelo significado de que se reveste a publicidade. Descobrir o que o mercado necessita está na base do desenvolvimento de certas técnicas de investigação (a informática é a mais recente) que no seu conjunto constituem aquilo a que chamamos técnicas de «Marketing» nas quais podemos incluir generosamente a Matemática, a Psicologia, a Estatística, a Sociologia, etc etc., No Marketing engloba-se tudo o que possa ser elaborado de modo a fornecer elementos úteis á empresa que permitam fazer a melhor programação das relações entre esta e o Mercado, tendo o lucro como objectivo

Concluindo, creio que o «Marketing» é uma síntese de técnicas postas ao serviço dos objectivos de lucro das empresas e não uma filosofia Se no «Marketing» há filosofia, estou em crer que esta se situa na sua ponta final, quero dizer quando o empresário tem que decidir e, por consequência chegou a hora da sua verdade.

O «Marketing» —uma filosofia de acção?

José Maria Dinis Alves

Compre, escolha, prefira, decida-se! A publicidade persegue-nos. Na rua, através dos cartazes, nos jornais, através dos anúncios, em casa, através da Rádio e da Televisão. A publicidade é a maravilha ou o mal do século. Sobre esta obsessiva realidade do nosso tempo se pronunciam hoje quatro pessoas, escolhidas ao acaso da rua, no meio dos pregões, dos cartazes, dos gritos gritados ou mudos da publicidade...

UMA COISA ÚTIL

José Maria Dinis Alves, caldeireiro de cobre, estabelecido com uma pequena oficina na Rua do Loreto, considera a publicidade uma coisa util:

— Sim, a publicidade é uma coisa util, do ponto de vista comercial. Creio que sem publicidade não é possível desenvolvimento comercial.

— O senhor já utilizou a publicidade para o seu trabalho?

— Sim, já fiz alguma publicidade, Apenas em pequenos anuncios no «Diário de Noticias» ou na lista dos telefones. Esses é que andam sempre por ai, atrás da gente... Não nos largam...

— Noutros locais nunca anunciou?

— Não, a publicidade custa muito dinheiro... Além disso, eu cá nunca ligo aos anuncios, não acredito muito... Compro sempre aquilo que entendo depois de experimentar. Bem vê: há muita publicidade que não condiz com o produto... Apregoam muita coisa e depois, vai-se ver, é tudo uma desilusão.

— Acha que devia haver um orgaismo fiscalizador que impedisse isso?

— Acho que não. Se o produto não presta, mesmo que a publicidade diga muito bem dele, o comprador pega-lhe uma vez, mas nunca mais o torna a comprar.

UMA FORMA DE ALIENAÇÃO

O segundo entrevistado é um cidadão americano: William Fish. Há 18 meses em Lisboa (viveu em Boston e Nova York), é uma pessoa interessada em meios audio-visuais, dos quais tem feito algumas demonstrações em Lisboa, nomeadamente no Clube de Teatro 1.º Acto, em Algés.

— Penso que a publicidade é o factor de maior importancia no «controle» e domínio de uma sociedade. A publicidade é uma das razões pelas quais a América exerce o seu poderio no mundo contemporâneo. Não quer dizer com isto que eu concorde com essa situação. Em geral, a publicidade é uma verdadeira forma de alienação, tal o seu poder atractivo e a sua capacidade de penetração. Na América a publicidade é quase uma actividade recreativa e os melhores anúncios, os mais produtivos, são os que recreiam o leitor ou o espectador, os que vão de encontro ás suas necessidades de evasão.

Existe nos Estados Unidos um organismo fiscalizador dos anuncios, mas não tem força nenhuma.

William Fish

A sua acção limita-se quase exclusivamente aos géneros alimentícios.

William Fish acredita, entretanto, numa publicidade séria. E o que é mais: dentro de algum tempo, ele irá trabalhar no sector da publicidade em Portugal.

RARAMENTE ACREDITO...

D. Carmina Duarte, doméstica, afirma:

— Em parte, tenho boa opinião da publicidade. Mas nem de toda. Há alguma que acho um bocado maçadora.

— Qual?

— Agora não tenho presente... Mas olhe, ás vezes aborrece-me ver tantos auncios na Televisão. Ainda outro dia contei 18 seguidos.

— Costuma recorrer á publicidade, nas suas compras?

— Não... Uma ou outra vez, é claro, um detergente, uma pasta para dentes... Mas raramente acredito no que dizem os anuncios. Se a gente fosse a acreditar em tudo o que se diz...

Francisco Correia Relvas

PRESSÃO SOBRE O CONSUMIDOR

Finalmente, o sr. Francisco Correia Relvas, geólogo, disse:

— A publicidade é o grande meio para vender tudo, embora muitas vezes não represente qualidade. Gostaria que a publicidade fosse um meio de ajudar as pessoas a fazerem a sua vida e não uma forma de protecção á sociedade capitalista e de pressão sobre o consumidor. A publicidade será uma grande arma de educação colectiva num mundo planificado e estruturado, mas não enquanto se mantiver a concorrência desenfreada em que hoje vivemos. Dentro de vinte anos — estou convencido — a publicidade, como hoje a conhecemos, terá morrido, porque as estruturas actuais soçobrarão.

Carmina Duarte

A concepção americana

Cont. da pág 5

dotadas de memória e aos magnetofones de secretária.

O novo conteudo dado ao conceito de *marketing* teve já importantes repercussões sobre a estrutura das grandes empresas americanas. Com efeito, nesta óptica, a função *marketing* tende a suplantar todas as outras actividades da empresa, utilizando-as como meios e conferindo-lhes os seus objectivos. Por mais poderoso que possa ter sido até agora este conceito como factor de mudança, a sua futura eficácia repousa, contudo, na possibilidade que as empresas tiverem de desvendar as novas necessidades e gostos do mercado.

Na medida em que estes gostos e necessidades não surgirem de modo consciente ao nível dos futuros clientes, os inquéritos de mercado devem recorrer a técnicas cada vez mais evoluídas, nas quais se combinem elementos de ciências humanas e instrumentos estatísticos. Parece que é neste domínio, actualmente explorado por vários universitários (o dr. Green da Wharton School é um dos mais conhecidos) que reside o futuro da função *marketing*.

FRANCIS GIRAULT RICHARD FENWICK

Em «marketing» na «market», portanto, mercado. Concluir dai que o «marketing» é o estudo do mercado seria dar um sentido restritivo, e hoje ultrapassado, a um termo que abrange, simultâneamente, conceitos e métodos, mas também uma óptica, ou mesmo uma certa «filosofia de acção». As definições são múltiplas, mas todas elas traduzem as mesmas preocupações essenciais.

«O marketing é primeiro e fundamentalmente o facto, para uma empresa, de tomar todas as suas decisões à luz do mercado, em função da preocupação daquele que vai comprar, destruir e usufruir do produto que lhe destinam» (A. Denner).

«O marketing é uma concepção da empresa que não é sòmente construída para ser funcional do ponto de vista da produção, para que as suas engrenagens internas funcionem bem, sejam bem coordenadas, o que é a atitude convencional, mas que deve ser igualmente funcional em relação ao mercado presente e futuro» (O. Gelinier).

O mercado surge, pois, precisamente, como objectivo permanente da empresa; mas às noções de estudo e de satisfação das necessidades do consumidor, portanto, de criação e de produção em função dessas necessidades, o marketing, na sua moderna concepção, acrescenta outras noções, nomeadamente a de conquista, isto é, a vontade de expansão, a própria agressividade comercial e a noção de rentabilidade, portanto, de lucro.

«O marketing é um método científico de detecção e de conquista rentável do mercado da empresa» (H. Joannis).

Esta noção, ensinada na Escola Francesa de Altos Estudos Comerciais traduz essas diversas noções e põe em relevo, ao mesmo tempo, o aspecto científico que deve presidir ao estudo dos mercados, o espírito de conquista que engendra o dinamismo e a preocupação de rentabilidade, que conduz à procura do meio óptimo, finalidade suprema da empresa.

Assim, o marketing aparece como uma «filosofia de acção» que, a todo o momento, deve impregnar todas as células da empresa, a todos os níveis da hierarquia. O varredor que se esforça por tornar acolhedor o hall de entrada e vela pela existência de prospectos, o embalador, que sugere um reforço das caixas para maior segurança do produto, têm o espírito marketing, ao mesmo título que o engenheiro, que procura tornar um produto mais funcional e o P. D. G., que se prepara para lançar um produto novo para satisfazer uma necessidade da sua clientela e melhorar a sua curva de lucros.

Interessa, pois, ao máximo que o chefe da empresa esteja, ele mesmo, muito imbuido desta «filosofia de acção», que é o marketing, que ele seja capaz mais de a transmitir que de a impor, de a fazer irradiar, para que se exprima em todos os actos de todos os seus colaboradores.

«Sem marketing não há management eficaz», disse ainda Octave Gelinier, de tal modo é verdadeiro que «o marketing é a locomotiva do desenvolvimento».

Para além dessas fórmulas, ao serviço desta «filosofia de acção», nasceram métodos e técnicas que foram fazendo aparecer progressivamente a necessidade de uma formação.

«Teremos de ir aos E. U. A. para aprendermos o marketing? Era esse um dos temas tratados nas décimas primeiras jornadas francesas do marketing, em Novembro passado, por uma mesa-redonda de seis especialistas, três dos quais formados em «business schools» americanas. Tratando-se dos conceitos e dos métodos, a resposta foi unânimemente negativa. Existem agora na Europa, e, nomeadamente, em França, escolas ou institutos capazes de garantir um ensino de valor sensivelmente igual ao das universidades americanas. No entanto, a mesma unanimidade surgiu nos especialistas, de formação diferente, para dizerem que, ao nível da aplicação era muito útil, indispensável mesmo, ir aos E. U. A. para travar conhecimento com o dinamismo americano, com a agressividade das empresas americanas ao nível do mercado, com a constante preocupação do lucro.

Assim, logo que se fala de marketing, quer de formação, quer de acção, vêm sempre à carga as mesmas palavras-mestras: estudo científico do mercado, detecção e análise das necessidades — convenientes ou não — do consumidor, procura e criação permanente de novos produtos, tendente a uma melhor satisfação do utente, dinamismo na aproximação do mercado, espírito de conquista, mas humildade perante o mercado, preocupação de rentabilidade, e, portanto, de eficácia, constante reexame das estruturas, tendo sempre por objectivo o lucro óptimo, o único que pode permitir novos estudos para benefício do consumidor e para criação de novas receitas.

M. R. CASTILLE,
director da International Marketing

ao acaso da rua

O que pensa da publicidade?

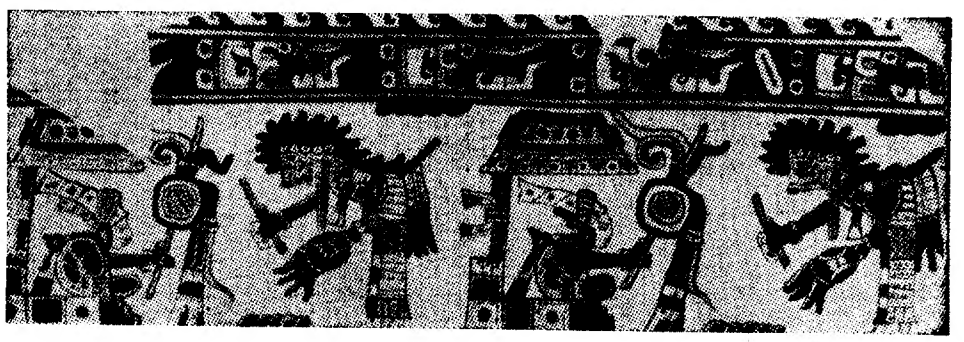
A Guatemala no verbo de Asturias

Cont. da pág. central

os próprios problemas cada vez mais graves, na América do Norte, na América do Sul, no mundo inteiro. Mas na Guatemala posso afirmar que por meios violentos, com mortes e assassínios, não será possível reformar o país. A Guatemala tem sido um país fundamentalmente pacífico. A Independência fez-se em paz com a Espanha, sem uma gota de sangue. Na nossa revolução principal, a Revolução Liberal que se fez em 1871, tão-pouco se derramou uma gota de sangue. Com a queda de Estrada Cabrera houve algumas mortes durante os oito dias de luta, mas não foi uma luta sangrenta. Não tivemos, pois, grandes hecatombes. Não temos sido um país de lutas intensas e tudo o que se fizer pela violência é seguramente artificial.

J. F. FAFE — Tem algumas esperanças no desenvolvimento do Mercado Comum Centro-Americano, no sentido do progresso dos países da América Central?

M. A. ASTURIAS — Creio que o Mercado Comum Centro-Americano se organizou para dar mais actividade e movimento aos capitais estrangeiros. Mas paulatinamente esse mercado tem servido para o desenvolvimento das nossas pequenas indústrias, do nosso comércio e da nossa agricultura. Não é o mesmo produzir para 5 milhões de habitantes que tem a Guatemala dos quais seriam só 3 milhões de consumidores do que para 15 milhões que formam um mercado interno da América Central. Com o Mercado Comum apareceram as novas indústrias e todas estas indústrias abarcam já todo o território centro-americano. Verdadeiramente estas indústrias até agora são apenas de transformação, como por exemplo de fabricação de jantes para automóveis, e ainda que venham de fora todos os elementos já se faz a jante. É certo que toda esta actividade económica vai progredindo e esperamos que a recente luta entre Salvador e Honduras não prejudique a expansão do Mercado Comum Centro-Americano. Este facilita-nos as relações entre as cinco fronteiras que antes não existiam. A Guatemala neste caso especial é produtora de abundantes legumes e abundantes frutas, que não se produzem por exemplo em Salvador ou que não há nas Honduras, pelo que será fácil que o nosso Índio, o nosso agricultor, passe a vender os seus produtos nesses mercados. E isto produz um intercâmbio económico importante. Creio que o Mercado Comum Centro-Americano, se continuar a desenvolver-se, irá permitir um melhoramento, um amplo melhoramento, na vida dos nossos povos. Devemos dizer que nos países como a Guatemala se vive econòmicamente em quintaleiros, em casas isoladas, que ai vivia uma sociedade que não se movia, estática, mas agora com o Mercado Comum e com as novas indústrias que chegam, os elementos jovens, esta sociedade foi sacudida, já não são os senhores anteriores que vão dominando esta economia porque há novas formas de economia Ao mesmo tempo isto permitirá a criação no futuro, indubitàvelmente, do Mercado Comum Latino-Americano e então abarcar-se-á muito mais. Muita gente não confia no Mercado Comum Centro-Americano porque vê nele um processo de penetração do capital estrangeiro. Mas eu creio que apesar disso teremos maiores vantagens de qualquer maneira. Parece-me, pois, que econòmicamente, nos vai ajudar e que devemos tentar o seu desenvolvimento.



Decoração de uma peça: personagens com máscaras

J. F. FAFE — Pensa que o Mercado Comum Centro-Americano facilitará a conglomeração dos pequenos Estados?

M. A. ASTURIAS — Para já, relativamente ao Mercado Comum não existem fronteiras; para já, também, existe teòricamente um peso centro-americano, o qual, embora não exista pròpriamente a moeda, nos traz certas compensações de carácter bancário. A Banca francesa e os industriais franceses mostram-se interessados porque já não se trata de um pequeno país, mas de mercados que podem interessar as suas inversões e atrair as suas indústrias.

J. F. FAFE — A pergunta final parece-me que devia versar sobre a cultura maia, os grandes conhecimentos de Asturias neste domínio torna a questão interessante. Nós sabemos que não há arranque sem uma mentalidade técnica. Mas isso põe um problema muito interessante que é o referido por Fanon, isto é, o problema de saber como se pode fazer uma mescla entre a tradição cultural que é uma espécie de memória dos povos e que não convém perder, e a mentalidade técnica de tipo ocidental, de tipo operacional e pragmático. Este é um problema que sempre se põe em relação às culturas tradicionais que não se podem perder, mas por outro lado há que fazer uma síntese de forma a haver uma articulação entre a mentalidade técnica e uma mentalidade, diga mos, mágica. Por exemplo, a cultura maia está impregnada de contemplação, de uma atitude perante a temporalidade pouco activa. Portanto, de algum modo, tem que haver problemas entre este aspecto, digamos, de tipo operacional, do tipo do desenvolvimento económico, com as coisas tradicionais de outro tipo. Que lhe parece?

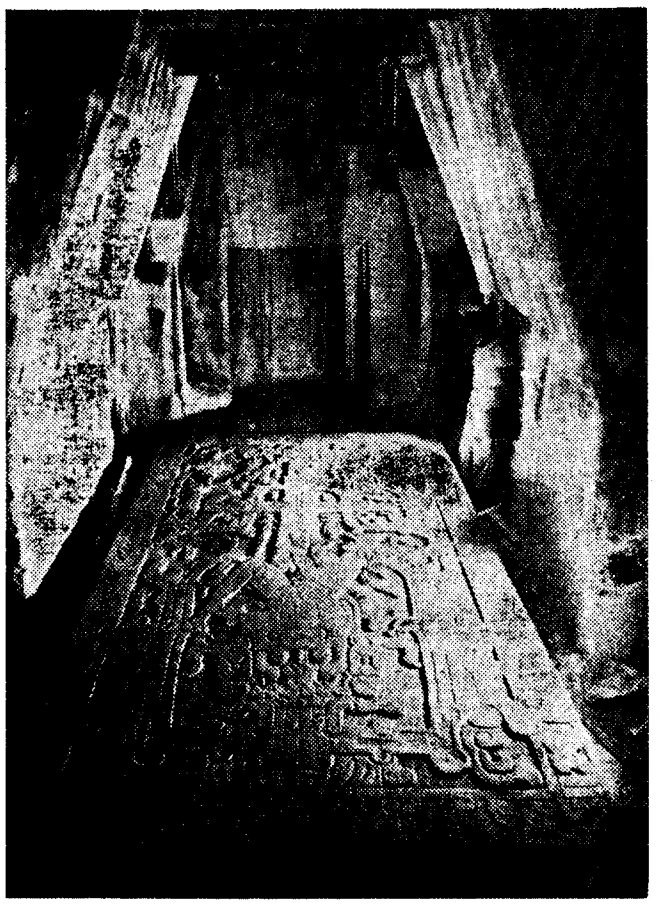
M. A. ASTURIAS — Eu penso que é um problema em que realmente devemos reflectir. Por experiência sabemos que os índios são muito hábeis para o manejo de máquinas. Geralmente todos os empregados da companhia de electricidade e dos telefones da Guatemala são indígenas. Não sabem ler, mas são muito hábeis no que se refere a este aspecto técnico. São gente de mãos hábeis. E esta habilidade vem-lhes do facto de serem não só contemplativos mas também grandes construtores. Tenho a opinião de que os Espanhóis se não tivessem encontrado na América Latina a mão-de-obra já preparada, não teriam construído tantos palácios nem tantos templos porque teriam necessidade de trazer da Europa quem trabalhasse. Encontraram-na lá, pois encontraram o indígena que já era sábio das mãos para construir ou decorar os templos. Empregaram-nos no México, na Guatemala, etc. Nos vários templos é fácil encontrar ao lado do que é espanhol, religioso-católico, os animaizinhos e as plantas — as plantas e os animais são tabu para os indígenas. Quer dizer, eram eles directamente que faziam a decoração e iam realizando a parte que lhes correspondia. Pode-se, pois, falar, em relação ao futuro, de uma possibilidade do índio poder incorporar-se e harmonizar este aspecto da cultura maia.

M. DE AZEVEDO — Está a fazer-se alguma coisa pela evolução cultural e técnica do índio?

M. A. ASTÚRIAS — Faz-se muito pouco, ainda. Mas geralmente, para os que trabalham em coisas de automóveis, por exemplo, não há escolas, nem há planos, não se planifica com vistas ao futuro. Criar a mão-de-obra nos países hispânicos, sobretudo para essas novas técnicas, é uma das tarefas principais que é necessário levar a efeito.

M. DE AZEVEDO — Tem esperanças no futuro da Guatemala? O que pensa de um desenvolvimento próximo futuro da Guatemala e dos países vizinhos?

M. A. ASTÚRIAS — Creio que o problema do futuro da América Latina está intimamente ligado ao futuro de quase todo o Mundo. Não podemos isolar-nos. O Mundo pode contemplar a América Latina como o sítio onde pode ressurgir a cultura europeia. Penso que em nenhum outro lugar do Mundo está tão latente a cultura europeia e onde pode ter um novo alento como na América do Sul. Quando se vai á Europa vê-se que todos estes povos já são veneráveis e magníficos, mas dão-nos a impressão de uma cultura estática, de uma cultura que não se desenvolve, pelo menos em face da violência dinamica que se observa naqueles países. Por isso creio que a América Latina será, no futuro, como os países da Europa no seu desenvolvimento cultural, nas suas ideias, nas suas escolas e o que unicamente faltará será, indubitàvelmente, provocar as mudanças estruturais que terão de realizar-se na América Latina.



A cripta secreta de Palenque

KONI
ALCATIFA AS ESTRADAS

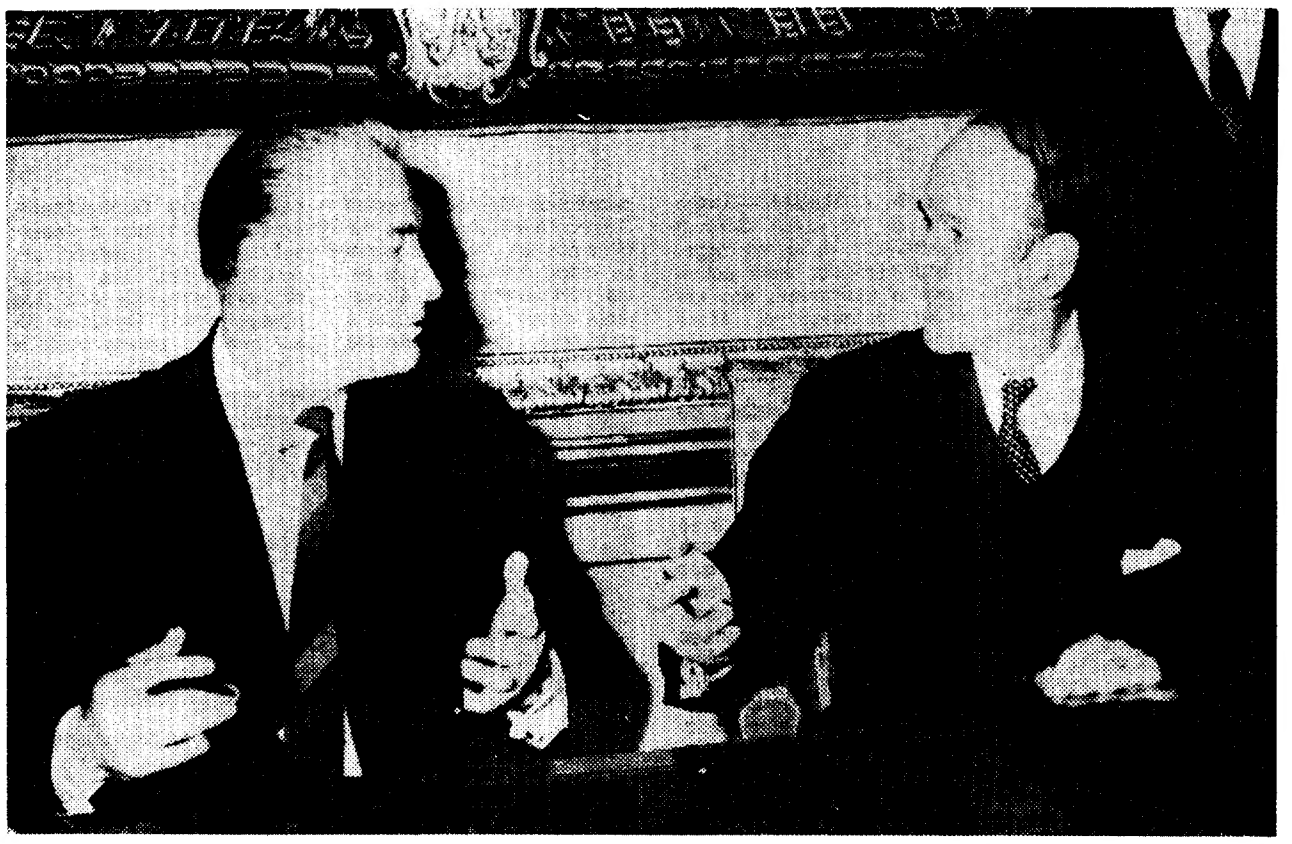
o amortecedor mais barato por km. percorrido

Distribuidores:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23 · ABC · LISBOA
TEL. 56 01 56

JOMA R-68

NA FRANÇA E NA ALEMANHA

Negociar a longo prazo



Valéry Giscard d'Estaing, ministro francês da Economia e Finanças, discute com um estadista húngaro os preparativos de um acordo comercial entre Paris e Budapeste. A abertura a Leste foi elemento caracteristico da politica gaullista. Mas até esse terreno foi já devassado pelo chanceler Willy Brandt, que detém instrumentos de decisão e de poder económico capazes de atrair atenções

Assiste-se a uma espécie de pré-negociação entre as duas Alemanhas. O chanceler Brandt parece firmemente decidido a conseguir uma verdadeira negociação. Em Paris, foi estabelecido o contacto entre o Partido Comunista e o Partido Socialista. Mantêm-se, por enquanto, numa fase de «exploração», mas após uma primeira declaração comum, pouco a pouco, chegarão, sem dúvida, a uma discussão sequente e concreta.

É evidente que as duas situações não são iguais, quer no que respeita ás dificuldades a vencer, quer no que toca á própria política em causa. Entre os dois partidos franceses trata-se de retomar um diálogo assaz antigo que atingiu algumas vezes a meta da aliança. Na Alemanha trata-se de ultrapassar, pelo menos em parte, um antagonismo tanto mais fundamental na medida em que os dois Estados interlocutores foram criados e se desenvolveram um contra o outro. Em Paris, o êxito ou o fracasso influenciará de forma moderada, no imediato, os problemas franceses e terá alguma significação relativamente ás eleições de 1973. Os resultados da partida em jogo entre Bonn e Berlim Oriental poderão ter teóricamente inumeras repercussões no destino individual dos alemães, nas relações entre as duas partes da Europa e até no desenvolvimento do Mercado Comum.

Mas as similitudes não são menos fortes. Nos dois casos, o interlocutor não comunista actua sem ilusões face a uma potência altiva, intelectualmente «congelada», convicta de que a reaproximação é necessária quanto mais não seja para atenuar as dificuldades nascidas do isolamento e para contribuir para mudar a sorte de milhões de homens e de mulheres em nome dos quais falam os dirigentes comunistas, quer seja por mandato livremente concedido, como no caso do Partido Comunista Francês, quer por uma representação de facto, como no caso do sr. Ulbricht.

O P. C. F. é mais uma massa do que uma força. Mais do que criar e transformar ele controla e conserva. Mais do que despertar situações revolucionárias, prefere aumentar o numero dos seus votos. Mas não revela como se poderá transformar a sociedade sem mudanças antecipadas. As velhas teorias baseiam tudo na possível existência de um programa. Não apreendeu a reflexão crítica acerca dos seus próprios fins, acerca da sua própria actuação. A sua intolerancia destina-se menos a salvaguardar uma doutrina do que a defender uma posição intelectualmente confortável. Este conforto leva-o a uma atitude de silêncio, há mais de um ano, no que respeita á Checoslováquia, a fim de não encarar de frente o sucedido após a intervenção militar, que havia desaprovado: o esmagamento do socialismo na liberdade, que continua a reclamar para a França. Este silêncio representa, sem duvida, um progresso relativamente á aprovação servil da época dos grandes processos em 1948-1952 ou da repressão de Budapeste, em 1956. Contudo tal facto não representa um elemento de atracção para os interlocutores sociais-democratas do Partido Comunista.

Ao mesmo tempo estes ultimos sabem bem que o isolamento do Partido Comunista assegura, por tempo indefenido, a presença da direita no poder, com ou sem uma franja «avançada» sobre a esquerda. Devido á sua existência massiva, o Partido Comunista torna impossível o jogo de alternança no poder, praticado na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos e na Alemanha Ocidental. Reduzir a sua massa aumentando-lhe uma boa parte dos seus eleitores? Quem na esquerda pensa sériamente nessa hipótese, dado que só de Gaulle o conseguiu em parte, depois de 1945? Deixá-lo sistemáticamente de parte equivale a submeter-se á dominação do centro-direita triunfante, e, acima de tudo, aceitar que sejam mantidas indefenidamente as bases sociais actuais do poder político. Com efeito, se nos interrogamos acerca do que significam ainda as palavras esquerda e direita, mais não temos do que atentar em beneficio de que minoria e em detrimento de que maioria jogam os mecanismos financeiros da construção, dos abonos de familia ou do teatro.

Em larga medida, o Partido Comunista esterliza os milhões de votos que recolhe, exclusivamente pelo facto de que é ele próprio que os recolhe. Mas será necessário por isso resignarmo-nos a que as aspirações desses eleitores não sejam satisfeitas, em particular a oposição a uma maior justiça e a uma igualdade real?

A Republica Democrática Alemã tornou-se uma força, mas uma força consciente das suas fraquezas.

O muro edificado em 1961 é mais sólido que nunca. De há quatro anos para cá não se abre mesmo no Natal para breves visitas familiares. As unicas viagens que se estimulam para a outra Alemanha são as dos reformados, os quais se desejaria que não regressassem. A R. D. A. não participou apenas na invasão da Checoslováquia: os seus dirigentes foram ainda os mais sensíveis ao perigo de contágio do que os soviéticos. Em comparação com a Hungria e mesmo com a Polónia, ela não sabe o que é o bosquejo de uma liberdade intelectual.

Ela é ao mesmo tempo um verdadeiro Estado, uma potência económica e um país cuja juventude recebe uma educação de facto marcada pela aprendizagem do ódio, mas também pela amplitude das possibilidades dadas a todos, pela qualidade da formação dispensada.

Para os sociais-democratas de Bonn não parece razoável deixar de lado esta outra Alemanha, se mais não for por que a solidariedade nacional cria responsabilidades para com os outros alemães, aqueles que se sentem oprimidos e que aspiram a reatar o contacto com o Ocidente, e com os seus jovens aos quais se poderia ajudar a descobrir um mundo que lhes parmanece interdito.

Negociar com Walter Ulbricht e Willy Stoph é seguramente reconhecer um regime para cuja reprovação existem multiplas razões. Mas é também o unico meio possível de traduzir em factos a ideia de que existe ainda uma nação alemã. É também o meio de tornar razoável o debate interior á Republica Federal: a condenação global da Alemanha comunista favorecia tanto o «statu quo» social como a política económica do «laissez faire»!

Por outro lado, o sr. Brandt sabe bem que a negociação, supondo que chegue a encetá-la, não logrará imediatamente grandes resultados. Também o sr. Savary sabe que a negociação com o Partido Comunista, admitindo que ultrapasse o estádio da confrontação, terá como efeito magras acções de conjunto, para lá dos efeitos eleitorais.

Nos dois casos trata-se de um diálogo necessário, embora pouco fecundo e desagradável, de alguns pontos de vista. É o que o torna infecundo, que o torna também desagradável: a rigidez, a auto-satisfação, o antiliberalismo quase visceral dos dirigentes com os quais se é convidado a negociar.

A aposta que se contrai então — e que é o unico gerador de algum optimismo — consiste em que a longo prazo ter-se-ão como interlocutores dirigentes mais abertos. Mais abertos não só porque serão mais jovens e menos marcados por longos anos de autodoutrinação, mas também porque terá havido o contacto da negociação prolongada.

Perspectivas mais animadoras? Mas quem pretende que a acção politica deve necessáriamente ser exaltante? A acção dificil e pouco entusiasmante não será preferível á ausência de acção que equivaleria, de todos os pontos de vista, a lançar o P. C. F. e a R. D. A. num isolamento infecundo?

ALFRED GROSSER

A Tailândia ameaça retirar do Vietnam

Estes últimos dias constituíram uma experiência nova para o vice-presidente Spiro Agnew: não só por ser a primeira vez que foi à Ásia, como também porque as quatro primeiras etapas da sua viagem asiática representaram quatro espinhosos problemas diplomáticos.

Como se comportou ele em tal emergência? Parece que bem, tendo em conta a posição ambivalente da política asiática dos E. U. A. e agindo em função dela.

Na sua visita «imprevista» e previsível ao Vietnam, Agnew viu as tropas americanas em acção e pôde verificar os progressos da «vietnamização» do conflito. Além disso, avistou-se com Van Thieu.

Mas o principal objectivo da sua missão terá sido o de reforçar o ponto de vista da Administração Nixon: a guerra está a correr o melhor possível e a grande maioria do povo americano é favorável à sua continuação.

Nas Filipinas teve que explicar por que é que certos senadores consideravam necessárias as tropas filipinas estacionadas no Vietnam.

Ao que parece, na Formosa teve que explicar ao general Chang Kai Chek que as recentes aberturas americanas para com Pequim marcavam o começo de uma política calculada das «duas Chinas». Segundo afirmou aos jornalistas, essa política deve-se ao desejo de apaziguar Pequim e de reduzir a tensão no Médio Oriente. Mas Agnew acrescentou que os E. U. A. cumpririam o seu tratado de protecção à Formosa e às ilhas dos Pescadores.

Na Tailândia, o vice-presidente avistou-se com os generais que governam totalitàriamente o país, apesar do Parlamento e do rei. Agnew chegou à Tailândia numa altura delicada para as relações entre os dois países, por causa das esperadas revelações da Comissão Symington sobre as vantagens financeiras concedidas pelos E. U. A. à Tailândia para que esta enviasse tropas para o Vietnam.

Tanto os dirigentes filipinos como os tailandeses rejeitam estas acusações. Thanat Khoman, ministro tailandês dos Negócios Estrangeiros, ameaçou retirar as tropas do Vietnam se os E. U. A. continuassem a «interpretar mal os sacrifícios do seu país».

A tendência de Spiro Agnew para os passos em falso revelou-se, de tempos a tempos, nesta «tournée». Mas o balanço geral foi satisfatório, o que se deve, decerto, ao aturado estudo a que o vice-presidente (como é tradicional nos dirigentes americanos que se deslocam ao estrangeiro) procedeu antes de iniciar a sua viagem.

J. F.

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 9 DE JANEIRO DE 1970 — N.º 27